

## 8. Referências bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- AGUIAR, Kátia Faria de; ROCHA, Marisa Lopes. **Micropolítica e o Exercício da Pesquisa-intervenção**: Referência e Dispositivos em Análise. Artigo. Seminário Psicologia, Ciência e Profissão, 2007.
- ALTOÉ, Sônia (Org.). **René Lourau**. Analista Institucional em tempo integral. São Paulo: Hucitec, 2004.
- AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord). **Usos & abusos da história oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- Anais da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1991-1996.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia Poética**. 14ª, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1980.
- \_\_\_\_\_. **A rosa do povo**, Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Reunião**. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1976.
- ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Filosofia da Educação**. 2ª Ed. São Paulo: Moderna, 1996.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo. Perspectiva, 1972.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997
- BANDEIRA, Carina. **Diário de Viagem**. Rio de Janeiro: PROLER/Casa da Leitura, 1995.
- BARBIER, René. **A Pesquisa-Ação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.
- \_\_\_\_\_. **A Pesquisa-Ação na instituição educativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2003.

- BARREMBLIT, Gregório. **Compêndio de Análise Institucional e Outras correntes**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992.
- BARROS, Regina Benevides. **Grupo A. A Afirmação de um simulacro**. Tese de Doutorado. PUC-SP.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- \_\_\_\_\_. **O prazer do texto**. 4ª Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.
- BATALHA, Martha Mamede. **A cultura de lombada: Análise de projetos culturais implantados pelo Estado Brasileiro**. 1997. 243 p. Dissertação de Mestrado em Letras – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.
- BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Grupos escolares no Brasil: Um novo modelo de escola primária. In: **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Vol. III – Século XX. (p.68-76). Organização de Maria Stephanou e Maria Helena Camara Bastos. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: Um lírico no auge do capitalismo**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.- (Obras escolhidas; v. 3).
- \_\_\_\_\_. **Magia e Técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura**. 7ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.- (Obras escolhidas; v. 2).
- \_\_\_\_\_. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Rua de mão única**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.- (Obras escolhidas; v. 1).
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BOBBIO, Norberto. **Norberto Bobbio: o filósofo e a política**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.
- BOLLE, Willi. *Grandesertão.br*. **O romance de formação do Brasil**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004.
- BORGES-DUARTE, Irene et al. (orgs). **Texto, Leitura e escrita**. Porto, Portugal: Porto Editora LDA, 2000.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. Lembranças de velhos. 5ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BRASIL. Assessoria Especial da Presidência da República, Ministérios do Desenvolvimento Social, da Educação, do Planejamento Instituto de Pesquisa Econômica e Centro de Gestão e Estudos Estratégicos. **Análise da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, 2005, livro 2 Educação.** Brasília, 2007.

BRASIL. *PNLL, Plano Nacional do Livro e Leitura*, MEC, dezembro de 2006.

BURKE, Peter. (org.) **A escrita da História.** Novas perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

CALABRE, Lia. **Políticas Culturais no governo militar: O Conselho Federal de Cultura.** XIII Encontro de História Anpuh-Rio. s/d.

CALVINO, Italo. **Se um viajante numa noite de inverno.** 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

CASTORIADIS, Cornelius. **A Ascensão da insignificância.** Lisboa: Editorial Bizâncio, 1998.

\_\_\_\_\_. **A Instituição imaginária da sociedade.** 3ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

\_\_\_\_\_. O mundo fragmentado. In: **As encruzilhadas do labirinto 3.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

CAVAGNARI, Luzia Borsato. “Projeto Político-Pedagógico, Autonomia e Realidade Escolar: Entraves e Contribuições”. In: **Escola: Espaço do Projeto Político-pedagógico.** Organização de Ilma Passos Alencastro Veiga et al., Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998. (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico.

CERQUEIRA, Márcia dos Santos. **A leitura como forma de luta contra a exclusão social: Um estudo de caso sobre o Proler Carcerário.** 1997. 117 p. Dissertação de Mestrado em Educação – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CHARTIER, Roger e CAVALLO, Guglielmo. **História da Leitura no Mundo Ocidental.** Vol. 1 e 2. São Paulo, Editora Ática, 1998-1999.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia.** 8ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

CUNHA, Luiz Antônio. **Política educacional no Brasil: A Profissionalização do Ensino Médio.** Rio de Janeiro: Eldorado, 1977.

CURY, Carlos Roberto Jamil. A Educação nas Constituições Brasileiras. In: **Histórias e Memórias da Educação no Brasil.** Vol. III – Século XX. (p.17-

28). Organização de Maria Stephanou e Maria Helena Camara Bastos. Petrópolis: Vozes, 2005.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette. Mídia, Cultura e Revolução.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DEMO, Pedro. *Política social, educação e cidadania.* 2ª Ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1996.

**Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa.** Enciclopédia Mirador. Vol. 2, 2ª Ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1976.

DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. **Dicionário das Ciências da Linguagem.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1974.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** 24ª Ed. São Paulo: Edições Graal Ltda., 2007.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 48ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade.** 28ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido.** 26ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREITAS, Marcos Cezar de. Educação brasileira: Dilemas republicanos nas entrelinhas de seus manifestos. In: **Histórias e Memórias da Educação no Brasil.** Vol. III – Século XX. (p.165-181). Organização de Maria Stephanou e Maria Helena Camara Bastos. Petrópolis: Vozes, 2005.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala:** a formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 17ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços.** Porto Alegre: L&PM, 2005.

GALLO, Silvio e MORAES, José Damiro. Anarquismo e Educação. A educação libertária na Primeira República. In: **Histórias e Memórias da Educação no Brasil.** Vol. III – Século XX. (p.88-99). Organização de Maria Stephanou e Maria Helena Camara Bastos. Petrópolis: Vozes, 2005.

GARCIA ROSA, Flávia G.M. ; ODDONE, Nanci. **Políticas Públicas para o livro, a leitura e a biblioteca.** Artigo Ci. Inf., Brasília, v. 35, nº 3, p 183-193, set./dez. 2006.

GARCIA-ROSA, Luiz Alfredo. **Palavra e verdade:** na filosofia antiga e na psicanálise. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

GONDAR, Jô; DOBEDEI, Vera (orgs). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/ Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias.** 4ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 1993.

\_\_\_\_\_. **Revolução Molecular:** pulsações políticas do desejo. São Paulo: Editora Brasiliense, s/d.

\_\_\_\_\_; ROLNIK, Suely. **Micropolítica. Cartografias do desejo.** 4ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1986.

GUINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes.** O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo, Centauro, 2006.

HAVELOCK, Eric A. **A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

**História e oralidade.** Projeto História nº 22. Revista do programa de estudos pós-graduados em História e do Departamento de História. PUC-SP. Educ Fapesp São Paulo, Junho de 2001.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos.** O breve século XX. 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ISER, Wolfgang. O ato da leitura. Uma teoria do efeito estético. 2 volumes. São Paulo: Ed. 34, 1996 e 1999.

JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1996.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária.** São Paulo: Ática, 1996.

LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura. Estudios sobre literatura y formación.** 2ª Ed. Barcelona: Editora Alertes, 1998.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Vol 1 e 2. Lisboa, Portugal: Edições 70 LDA., 2000.

- LÉBEIS, Fernando. Leitura e Culturas populares. In: **Cadernos de Leitura**. Rio de Janeiro: FNB, 1994.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O cru e o cozido**. São Paulo, Brasiliense: 1949.
- LIMA, Ebe Maria de. **Literatura sem fronteiras**. Uma leitura da obra de Bartolomeu Campos Queirós. Belo Horizonte: Miguilim, 1998.
- LIMA, Eunice Negris. **Representações e Práticas de Incentivo à Leitura no Espírito Santo, no período de 1997 a 2005**. 2007. 242 p. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória. Espírito Santo.
- LINHARES, Célia Frazão Soares (org.) **Formação continuada de professores: comunidade científica e poética – uma busca de São Luís do Maranhão**. Rio de Janeiro: DP7A, 2004.
- LINHARES, Célia Frazão Soares. **Saberes Docentes: Da fragmentação e da imposição à poesia e à ética**. In: Movimento, n.2, set de 2000.
- \_\_\_\_\_. **Experiências formativas e seus movimentos instituintes**. Artigo. Teoria Pedagógica e Crítica Educacional, 2004. Paulo Freire e as Experiências Instituintes em Educação Escolar.
- \_\_\_\_\_. **Uma proposta para a busca do saber com o sabor do prazer**. In: Revista Espaço Acadêmico, ano II, n.15, agosto de 2002.
- \_\_\_\_\_. **Destruição e Reinvenção da Escola Pública: tensões na formação dos professores**. Projeto de Pesquisa.
- \_\_\_\_\_. **A Formação do Professor: entre a tecnologia e o fascínio da modernização**. Artigo. Universidade Federal do Maranhão, 19/10/1995.
- \_\_\_\_\_. **Juventude e Invenção do Futuro: Da escola ao Desemprego**. Artigo. Junho de 1996.
- \_\_\_\_\_. e LEAL, Maria Cristina. **Formação de professores: uma crítica à razão e à política hegemônicas**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002.
- LINHARES, Célia. (org.). **Os professores e a Reinvenção da Escola**. Brasil e Espanha. São Paulo: Cortez Editora, 2001
- \_\_\_\_\_. **Sujeito Histórico e Memória Cultural: contradições e desafios**. Conferência proferida na Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Educação, 24/08/1995.

LOURAU, René. A educação libertária. In: **Psicologia Social: abordagens sócio-históricas e desafios contemporâneos**. (p.167-182) Rio de Janeiro, EdUERJ, 1999.

\_\_\_\_\_. **Análise Institucional e Práticas de Pesquisa**. René Lourau na UERJ. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1987.

MANACORDA, Mário. **História da Educação: da antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez Edutiroes, 1989.

MARASCHIN, Cleci. **Pesquisar e intervir**. Rio Grande do Sul: Editora UFRGS, 2004.

MATELA, Rose Clair Pouchain. **Cineclubismo: Memória dos anos de chumbo**. Rio de Janeiro, Luminária Academia, 2008.

MELO NETO, João Cabral. **Antologia Poética**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1973.

\_\_\_\_\_. **Morte e vida severina e outros poemas para vozes**. 34; Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/ Projetos globais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

NOBLAT, André. A “**tragédia**” do ensino básico. Artigo. O País/Política, Jornal do Brasil, 23/04/2003.

OITICICA, Ricardo. **O instituto Nacional do Livro e as Ditaduras**. Academia Brasílica dos Rejeitados. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras, março de 1997.

OLINTO, Heidrun Krieger. **Histórias de Literatura. As novas teorias alemãs**. São Paulo: Ática, 1996.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**. 4ª Ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2002.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de adultos**. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

PELLEGRINI DE AZEREDO, Sônia Maria. **Construção-Desconstrução: Cenas de uma (demo) lição**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ, 1994.

PELLEGRINI, Stella de Moraes. **Caminhos e Encruzilhadas**. Os percursos poético e político de Bartolomeu Campos de Queirós da formação do leitor à formação de leitores. Belo Horizonte: RHJ, 2005.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PLATÃO. **Fedro**. Lisboa: Guimarães Editores, LDA, 1989.

PRADO, Jason; DINIZ, Júlio. (orgs). **Vivências de Leituras**. Rio de Janeiro: Leia Brasil, 2007.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Ler, Escrever e Fazer conta de cabeça**. Belo Horizonte: RHJ, 1997.

\_\_\_\_\_. **De Não em Não**. Belo Horizonte, Miguilim, s/d.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 72ª Ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1997.

RAZZINI, Márcia de Paula Gregório. Livros e Leitura na Escola Brasileira do Século XX. In: **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Vol. III – Século XX. Organização de Maria Stephanou e Maria Helena Camara Bastos. Petrópolis: Vozes, 2005.

RIBEIRO, Maria Alice Rosa. O ensino industrial: Memória e história. In: **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Vol. III – Século XX. Organização de Maria Stephanou e Maria Helena Camara Bastos. Petrópolis: Vozes, 2005.

RIBEIRO, João Amaral. **Teoria da Interpretação de Paul Ricoeur**. Lisboa: Edições Rumo 2002.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_. **O conflito das interpretações: Ensaios de Hermenêutica**. Porto: Rés Editora, s/d.

ROCHA, Marisa Lopes. **Psicologia e as práticas institucionais: A pesquisa-intervenção em movimento**. In: PSICO. V. 37, nº 2 p. 169-174, maio/agosto, 2006.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Os Pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 17ª Ed. Rio de Janeiro; São Paulo, 2008.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória Coletiva & Teoria Social*. São Paulo: Annablume, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Walter Benjamin: para uma nova ética da memória. **Revista Educação – Especial**: Biblioteca do Professor. Benjamin Pensa a Educação. São Paulo: Editora Segmento, nº 7. p.1-90, março de 2008

SOARES, Isabel Cristina Gomes. **Programas Nacionais de Leitura no Brasil**: O Proler e o Pró-leitura. 2002. 242 p. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. Minas Gerais.

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no Século XX**: (ensino primário e secundário no Brasil). São Paulo, Cortez, 2008.

VIEIRA, Sofia Lerche e FARIAS, Isabel Maria Sabino de. **Política Educacional no Brasil**. Introdução histórica. Brasília: Liber Livro, 2007.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Os Pensadores**. São Paulo, Editora Nova Cultural, 1992.

\_\_\_\_\_. **Tratado lógico-filosófico**; Investigações filosóficas. 3ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

YUNES, Eliana. **A leitura e a formação do leitor**: questões culturais e pedagógicas. Rio de Janeiro: Antares, 1984.

\_\_\_\_\_. **A promoção do livro e da leitura no Brasil**. Evento Internacional de Bibliotecários de Língua Portuguesa. Niterói, 04/03/94.

\_\_\_\_\_. **Formação do leitor**: uma teoria e prática de caráter transdisciplinar. Fórum de Estudos Linguísticos. Rio de Janeiro: UERJ, out/1997.

\_\_\_\_\_. **Memória, leitura e ficção**: Recordar é viver. Conferência sobre Bartolomeu Campos de Queirós. Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 16/09/97. Coleção Papéis Avulsos.

\_\_\_\_\_. **Para entender a proposta do Proler**. Programa nacional de incentivo à leitura. Fundação Biblioteca Nacional, MEC, 1992.

\_\_\_\_\_. **Pelo avesso:** a leitura e o leitor. Formação do Professor-leitor, Salvador: Avante, 1993.

\_\_\_\_\_. (org.) **Pensar a leitura:** complexidade. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. **Pensando a escrita e a leitura.** In: Degraus da Torre. A formação do leitor passo a passo. UEFS: Álgama. Salvador, 1998.

\_\_\_\_\_. **Transdisciplinaridade e leitura:** as limitações político-burocráticas no ensino e pesquisa. Anais do Congresso da Assel, outubro de 1997.

## **9. Anexos - Memória documental do PROLER**

### **DEPOIMENTOS**

Estes depoimentos são produto da escuta das experiências vividas por profissionais que participaram da criação e implementação do Proler em mais de trezentos municípios, por todas as regiões do país. Como já foi explicitado no capítulo 4 desse trabalho, trazem as marcas da oralidade, uma vez que resultam de conversas espontâneas e transcritas, respeitando a forma como foram produzidas. Isto lhes traz um valor inestimável, pois fornecem rico material para outros pesquisadores que se interessem por avaliá-los sob a perspectiva da Análise do Discurso. Minha intenção era simplesmente deixar os entrevistados à vontade para que resgatassem suas memórias afetivas do Proler (1992-1996).

Stella Pellegrini

### **9.1. Entrevistas**

#### **9.1.1. Bartolomeu Campos de Queirós<sup>1</sup>**

**Pesquisadora - Bartô, gostaria que você me falasse da sua relação com o Proler (1992-1996).**

**Bartô, gostaria que você buscasse na memória as lembranças marcantes do Proler (1992-1996).**

---

<sup>1</sup> Bartolomeu Campos de Queirós é Escritor, Arte Educador e Professor. Desempenhou vários cargos nas Secretarias de Educação e Cultura em Belo Horizonte a serviço do MEC.

Quando a Eliana começou o programa, o Proler, eu era presidente do Palácio das Artes, ainda, e ela veio a Belo Horizonte, naquela época para conversar com a Secretária de Cultura, com a Celina Albano, para expor o programa para a Celina Albano que era a Secretária de Cultura do Estado e a Celina me chamou pra estar presente na reunião. Então eu fiquei conhecendo o programa desde o momento em que Eliana estava conversando com alguns secretários pra poder fazer a movimentação dele.

Eu nunca acreditei que a escola sozinha, o professor na sala de aula, se bem que ele pode dar uma contribuição muito grande, mas ele nunca vai formar leitores sozinho. Isso é uma concepção minha muito antiga. Outra coisa também que eu acreditava é que o livro didático não formaria leitor porque já estava implantado no Brasil há muito tempo, o livro didático, citando autores, pedacinho de cada um, essas coisas e eu sabia que não tinha dado resultado nenhum o livro didático. O livro didático pode ter dado resultado em outras áreas, não sei, Matemática, por exemplo, mas em termos de formação de leitor, mesmo na Língua Portuguesa, os autores tentando mostrar escritores, fragmentos de cada obra, ele nunca conseguiu fazer isso e não consegue até hoje. Então o livro didático também, pra mim, naquela época, já estava descartado como objeto de formação de leitores. E hoje até nem sei se esse livro didático favorece alguma coisa. Pelo que a gente vê hoje na escola brasileira ele não tem nenhuma função, não leva a nenhuma aprendizagem, não ensina absolutamente nada.

Quando a Eliana expôs o programa eu fiquei muito envolvido, fiquei muito entusiasmado com a proposta do programa, achei que seria um programa bonito porque trabalharia com comunidades, independente de professores, podiam ser professores, médicos, engenheiros, operários, podia ser qualquer pessoa que tivesse vontade de promover leitura. Então eu fiquei muito impressionado com o programa e imediatamente eu também comecei a trabalhar porque eu estava na presidência do Palácio das Artes, então passou, só assisti a reunião e tudo e isso foi, mas o que me levou mesmo a quando Eliana começou a me convidar para participar do programa, viajar e tudo eu de fato estava muito mobilizado e uma coisa marcava muito o programa, no período em que eu trabalhei é que nós éramos um grupo muito unido, nós éramos um grupo muito unido, nós não tínhamos dúvidas quanto àquilo que nós estávamos fazendo. Nós tínhamos certeza de que nós estávamos fazendo o melhor da gente naquele momento.

Então era um grupo grande da Eliana, da Nelly, do Gregório, da Vera Souza Lima, do Lázaro, que hoje está no Ministério da Educação, do André Lázaro. Era o Sílvio, de Salvador, a Marina Colasanti. Nós éramos um grupo que não duvidava daquela proposta, então nós tínhamos uma felicidade muito grande de viajar, era até um projeto que, em termos de

remuneração para nós pela Biblioteca Nacional era coisa muito irrisória. Eu por exemplo, às vezes nem recebia, porque eu tinha uma pendência com o IR e eu tinha que apresentar uma declaração que eles exigiam pra pagar, mas o IR não me dava essa declaração e eu trabalhava numa boa muito pela crença no trabalho. Então foi um movimento assim que nós não duvidávamos das propostas teóricas que Eliana apresentava.

Sempre que ela fazia alguma conferência a gente estava sempre presente, escutávamos sempre a colocação dela e, também, os encontros tinham eram grupos temáticos. A gente trabalhava cada encontro tinha um tema, então a gente estava envolvido com isso, com o estudo dos temas, então não havia essa preocupação. Naquele tempo também a gente compreendia que os professores... que a comunidade não tinha muita gente pra estar conosco, no início. Então a gente viajava um grupo grande também de professores. Era um grupo grande de escritores. Amir Haddad também estava muito com a gente..., Alcione Araújo. Então a gente viajava sempre com um grupo muito grande porque a gente sabia que a comunidade não tinha muito recurso pra dinamizar alguma coisa.

Aí o programa foi crescendo, eu viajei muito com o programa, fui a vários lugares, na Bahia, fui pro Acre, fui pra Maceió, fui pra Caxias do Sul. Eu sei que a gente viajava o país inteiro nessa perspectiva. E sempre de um encontro pra outro a gente notava que havia um crescimento. O Comitê local assumia aquilo e funcionava muito bem, recebia muito bem, preparava tudo pra gente fazer, mobilizava muita gente, eram muitos participantes nesse encontro.

Eu trabalhava sempre dentro da minha característica que é uma mistura de um escritor com uma mistura de um educador porque por eu ter trabalhado muito tempo em escola, no Ministério da Educação... Nós tínhamos uma escola em Belo Horizonte que durou mais ou menos uns 20 anos, que era um laboratório de pesquisa. Nós tínhamos uma escola que era muito boa e nós éramos professores do Ministério, não éramos do Estado e nós éramos pagos apenas para poder fazer experiências educacionais, nós não tínhamos um programa ligado a nenhuma Secretaria de Educação, a nenhum MEC. A gente podia inventar tudo o que queria experimentar. E depois da experiência feita a gente enviava para o Ministério da Educação.

O Ministério da Educação então tinha como função distribuir essas novas metodologias que a gente tinha experimentado. Então a gente tinha uma experiência e também nessa escola a gente recebia professoras do Brasil inteiro que ficavam um ano com a gente em aperfeiçoamento nas várias áreas de Linguagem, de Matemática, de Ciências. Eles ficavam com a gente um ano para depois levar tudo pros estados. Então a gente tinha

experiência de trabalhar com a criança, já tinha uma experiência grande de trabalhar com o professor, já como especialista. Então eu entrei no grupo com essa mistura minha de escritor com aquele que também já tinha trabalhado numa escola e sabia quais as dificuldades que tem uma escola de sobreviver. Então eu me integrei bem na equipe. Eu nunca tive nenhuma dúvida quanto à metodologia. Também não havia... Era uma metodologia muito aberta que nos convidava, também, a criar coisas, não era uma metodologia, uma teoria impositiva, que determinava que tinha que ser dessa e dessa e dessa maneira. Não. A gente chegava e em cada comunidade a gente agia de uma maneira.

Como a gente falava de leitura, a gente também fazia uma leitura do grupo que estava esperando a gente, fazia uma leitura dos participantes do encontro. A gente lia mais ou menos que grau eles tinham de informação, de leitura, então a gente fazia uma adequação livre disso, cada um dentro da sua perspectiva. Então foi nessa linha que nós..., que eu entrei no trabalho e acreditei que era uma boa proposta e não foi uma crença vã, não, porque até hoje o nome do Proler ainda circula muito, tem muitos estados que ainda fazem encontros do Proler sem ajuda nenhuma do Ministério, mantêm o nome. Por exemplo, o grupo de Natal foi um grupo nosso que depois que houve esse rompimento, que depois que a metodologia passou a ser outra e que a ajuda que a Biblioteca passou a dar era uma ajuda de mandar uma pessoa, e não tinha a ver conosco, mesmo assim esses grupos conseguiram se manter. Então esse grupo do Rio Grande do Norte que conseguiu fazer muito bem os encontros do Proler sozinhos, por eles mesmos, o do Maranhão, a Rosa, do Maranhão, conseguiu continuar fazendo os encontros dela.

O grupo de Araxá, em Minas Gerais, que até hoje tem os encontros do PROLER e vários lugares mantêm esse PROLER, mas eles fazem isso sem muita..., sem ajuda da Biblioteca Nacional. Mantêm porque acreditam na proposta e vão fazendo “AQUELA Proposta” original. A turma de Natal, a Erileusa, o Adriano, a Salizete, são pessoas que continuam mantendo... Eu fui lá pelo Proler ano passado. Esses grupos permanecem fiéis ao programa e não recebem nada da Biblioteca, que houve uma parada, que não se desenvolveu, e também entrou o outro governo Lula, que confundiu a coisa toda, que não deu continuidade. Mas tem muitos lugares que continuam fazendo encontro do PROLER, no Brasil, muitos lugares: Joinville, Vitória da Conquista. Agora eu estive, ano passado em Itapetinga. Fui com a Heleusa. Éramos um grupo de pessoas do antigo grupo. Estávamos eu, Maria Helena Martins, a Heleusa, o Sílvio Carvalho, a Conceição...

A menina de Itapetinga chama Helena, que é da Universidade e que continua fazendo o Proler todo ano. Esse ano até ela me convidou rapidinho para fazer uma abertura pra ela. Então tem vários lugares em que o Proler continua. A Erileuza, em Natal, é da Secretaria de Educação. Ela e a Salizete são as duas que mobilizam a comunidade e fazem encontros e continuam fazendo até hoje: Natal, Maranhão, Joinville, Araxá, Vitória da Conquista, Caxias do Sul. Passo Fundo tem aquelas jornadas literárias da Tânia (Rösing), porque a Tânia foi também uma das colegas de viagem nossas. A Tânia ia com a gente, só isso, mas a jornada não tem nada com isso. Que eu sei são esses. Eu fui a um Proler, ano passado, em Três Lagoas, em Mato Grosso do Sul. Agora eu fiquei sabendo que o Proler está sendo retomado, lá no Rio, lá na Casa da Leitura, porque foi eleita presidente do Proler, a coordenadora Geral do Proler, agora é a Mariza Lajolo. Então a Mariza é quem está à frente, agora, do Proler, no Brasil. Deve ter um mês, mais ou menos, que isso aconteceu, um mês ou dois meses que a Mariza aceitou. Anteriormente era uma moça chamada Eliane Pszczol. Agora foi criado esse cargo, da Mariza. Ela devia conhecer o projeto, porque ela era muito ligada à Eliana.

**Pesquisadora – Bartô, agradeço-lhe pela entrevista e pelo material que me disponibilizou para pesquisa.**

### **9.1.2. Ebe Maria de Lima<sup>2</sup> e Goiandira Ortiz<sup>3</sup>**

**Pesquisadora- Foi muito bom, estando em Goiânia a serviço do CCEAD PUC-Rio, poder encontrá-las para uma entrevista conjunta sobre as memórias do Proler (1992-1996).**

**Ebe** - Na verdade a gente podia ter rascunhado um pouco isso. Quando a gente fala do Proler, a primeira coisa que vem é muita emoção, é uma coisa muito de vinculação mesmo, afetiva, epitelial e que perdura até hoje. Essa coisa de sensibilização para entender que leitura não é só a leitura do sinal gráfico, mas é uma

---

<sup>2</sup> Professora de Literatura Brasileira e Literatura Infante-Juvenil da UEG – Unidade Estadual de Goiás - e Escritora. Mestra em Estudos Literários pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.

<sup>3</sup> Professora da Universidade Federal de Goiás. Doutorado em Literatura Brasileira.

leitura de mundo em que a gente se coloca no material que está sendo lido, se inscreve naquilo. É o que a gente estava tentando descobrir através dessa caravana que passou por aqui e que deixou uma saudade muito grande. Mas, enfim, quando você fala de emoção, você se perde, a gente acaba ficando refém mesmo de uma memória afetiva. Na verdade, nós tivemos momentos de altos e baixos no Proler e hoje falar sobre ele é difícil porque nós perdemos o referencial, pois nós fomos quase que despejados da Casa de Cora.

Nossa sede do Proler se iniciou dentro da Casa de Cora Coralina e com a enchente que houve a casa passou por uma reestruturação e lá nós perdemos muitos documentos, perdemos o acervo de livros que tínhamos conseguido montar. Nós tínhamos duas salas de leitura dentro da casa e nós perdemos todo esse material e hoje o Proler não tem... A gente diz que ele é um sem-teto e essa referência toda acabou ficando muito na cabeça das pessoas que fizeram parte do núcleo do 1º Comitê que nós montamos lá e se disseminou na cidade.

Você pediu que a convidássemos para eventos que ainda existam, mas hoje nós... os últimos encontros que nós conseguimos fazer, fizemos em parceria com a Secretaria de Educação e acho que foi o Cantinho da Leitura, em 2002. Enfim, claro que dentro da Academia que é onde eu atuo, ( eu sou professora de Literatura Brasileira e Literatura Infanto-Juvenil na UEG, que é a Unidade Estadual de Goiás) e lá a gente continua tendo desdobramentos através de projetos de extensão, através da própria iniciativa dos alunos de Literatura Infantil que vão se interessando e também hoje temos uma escola de Ensino Fundamental em que o trabalho do Proler todo fundamenta o nosso trabalho de leitura. Lá a gente faz capacitação.

**Pesquisadora- Qual é nome da escola?**

**Ebe** - Letras de Alfenim. Esse tem sido o nosso trabalho mais concreto hoje, mas o Proler como ele existiu no seu início, está muito distante do que foi, da grandeza que teve. Nós tínhamos Seminários anuais para 400/ 500 pessoas, envolvendo toda a região que a gente chama Região do Rio Vermelho, que compreende a cidade de Goiás e mais vinte e dois municípios. Então esses momentos de glória que a gente teve com o Proler, falar deles é muito difícil mesmo, porque são muita emoções. Cada encontro desses que a gente tinha, tínhamos a oportunidade de reunir ali

peças do Brasil todo. Então era um pouco do Brasil que chegava até ali e ficava e depois nos dava ânimo para continuar na entressafra. A gente dizia que tinha o momento da safra e da entressafra e esses grandes encontros a gente não está tendo mais. Com o início do ano agora, e com a criação da Cátedra nós ficamos muito esperançosos de que a gente pudesse voltar a ter momentos assim, que reunissem de novo as pessoas de todo o Brasil para pensar a leitura em locais que depois cada espaço desse continuidade na sua prática, mas alimentado por esse sonho de que a gente precisa do outro para acreditar a para fazer sair do papel. Mas, enfim, várias etapas do Proler que a gente teria que colocar no papel para você desde o momento da criação e até hoje, os desdobramentos que estão ainda pairando por lá.

**Goiandira** - Talvez a gente pudesse começar dizendo da criação do Comitê, em 1994 e o começo da história passa pelo curso que você fez com Eliana Yunes.

Eu conheci o Proler no Rio, quando estava sendo criado, no governo Collor. Teve uma cerimônia na Biblioteca Nacional, mas eu não conhecia Eliana pessoalmente. Eu estava estudando e havia esse evento, me interessava, fui ver. A Ebe já conhecia Eliana das vindas dela a Goiânia porque a Ebe fazia faculdade aqui e a Eliana vinha. Nós tínhamos aqui, na Letras, na Faculdade de Letras da Universidade Federal um Seminário Nacional de Literatura Infanto-Juvenil organizado pelas professoras Vera e Zaíra, que foram as pioneiras aqui em Goiânia no estudo da Literatura Infanto-Juvenil e aí a Ebe participava e a Eliana, como referência nacional vinha e a Ebe a conheceu aqui. Quando ela fez o mestrado, foi fazer um curso no Rio. Eu estava lá e ela foi fazer esse curso com a Eliana, na PUC e aí que ela estreitou a amizade e soube mais de perto do Proler e conversamos. Eu já estava para voltar, em 1994, para cá, já tinha terminado os créditos do doutorado e aí nós resolvemos convidar a Casa de Cora para parceira.

A Marlene, nesse período, (acho que foi janeiro de 1994), que é a Diretora da Casa de Cora foi ao Rio, à Casa da Leitura e nós três fomos falar com o Gregório. Conversamos com ele e com Eliana e fizemos a proposta de trazer. Aí eles aceitaram porque, na verdade, já tinha havido o Módulo Zero aqui em Goiânia e acho que Eliana sentiu que Goiânia não entendeu o espírito do Proler, porque, como havia

muitas instituições e instituições fortes, Católica, Federal, Município, Estado, na verdade queriam cada um ser o dono do Proler e aí, como o Proler não tinha dono, as pessoas tinham que ter participação igual dentro do Proler, acho que ela sentiu que talvez levando para uma cidade do interior que não é uma cidade do interior qualquer, Goiás foi capital do Estado durante muito tempo e mantinha uma tradição de cultura e tinha lá também a própria Casa de Cora, uma referência nacional, então, acho que Eliana captou, como sempre, com uma sensibilidade muito aguçada, ela captou a idéia de que talvez levando para o interior do estado teríamos mais sucesso. Então eles aceitaram e logo em seguida voltando para Goiás fomos atrás dos parceiros.

O parceiro principal foi a Secretaria de Educação. Aqui é Regional de Educação. Naquele tempo era Delegacia. Esse parceiro, o Município, também de uma forma muito pequena mas colaborou e aí fizemos o Seminário de Sensibilização, em março. A conversa tinha sido em janeiro e em março lá estava o Seminário de Sensibilização com um grupo menor com umas cento e poucas pessoas, para depois fazer o maior que foi acontecer em agosto, o Módulo Zero. Então, nesse período, a Eliana levou o que ela tinha de melhor na época: Bartolomeu, que encantou todo mundo, Fernando Lébeis contando as histórias dele, o pessoal ficava completamente seduzido, Gregório também e a própria Eliana. Então foi um grupo pequeno do Rio mas um grupo de alto nível que realmente seduziu esse nosso grupo de professores que andavam sequiosos. Nessa época nos reunimos no quartel e em outras entidades, o hospital, o quartel de polícia, o comandante, o subalterno dele, o IPHAN, além das escolas. Como não reconhecer que o grupo maior pertencia às escolas, mas nós levamos à sociedade também como um todo, interessados e também instituições outras que participaram. Isso fez um sucesso, foi um marco. Nós temos assim consciência e orgulho de dizer ... não vamos ter... assim..., nós não estamos supervalorizando, mas foi um marco na cidade, que estava vivendo um certo marasmo.

A Casa de Cora tinha sido criada em 80... e... 87...88... Ela morreu em 89, não, antes... 87 para 88, então não havia assim... era uma cidade tida como berço da cultura goiana\_mas a fomentação cultural estava adormecida. E o Proler veio com essas pessoas iluminadas...

**Ebe** - O fato de o Proler estar vinculado ao Ministério da Cultura, e é isso que a gente dizia pras pessoas quando a gente fazia o convite, não é dizer que a escola estava excluída do trabalho que o trabalho de desescolarização da leitura era no sentido de tirar só de dentro da escola e com o caráter pedagógico exclusivamente que a escola dava à leitura e aí a sociedade se sentia muito importante de ser chamada para um evento cultural vinculado à Casa da Leitura, vinculado à Biblioteca Nacional, vinculado ao Ministério da Cultura. Então isso trouxe de fato para a cidade que já tinha uma história de cultura, já tinha uma história de ser uma referência no Estado de Goiás, então o convite foi aceito de muito bom grado por todas essas instituições e o evento do Proler foi o marco e as pessoas ficavam aguardando o evento seguinte. Então o material que a gente fazia, por exemplo, sacolas, isso se viu o ano inteiro circulando pela cidade e as pessoas já perguntando: Quando será o próximo? Quando será o próximo? Exatamente também por conta dessa diversidade de culturas que se reuniam nesses quatro ou cinco dias.

Tinha o Jorge que vinha da Bahia com todo o seu jeito baiano de ser, nós tínhamos o sul que comparecia, nós tínhamos o Rio de Janeiro. Rio de Janeiro é sempre esse encantamento que provoca nas pessoas, uma Vera de Souza Lima que andava no seu salto numas pedras que chamava a atenção de todo mundo

**Goiandira** - Até quebrar o salto...

**Ebe** - Até quebrar o salto e ir parar no hospital, o Gregório com aquele seu jeito todo meio acreano/ mineiro. Eu acho o Gregório meio mineiro... o Bartolomeu que... Goiás tem uma influência muito grande dos mineiros, a gente tem ali... as famílias quase todas têm um pé em Minas, então o Bartolomeu criou em Goiás um séqüito de adoradores. Onde falava que... tanto que em quase todos os eventos nossos, em quase todos os encontros, o Bartolomeu era pedido. A gente fazia, pedia para darem sugestões de nomes e o Bartolomeu sempre se repetia, se repetia e se repetia, mas... enfim... Continua, Goiandira!

**Goiandira** - Isso que a Ebe falou, dessa diversidade, trazia também um outro aspecto que era o professor encontrar com o escritor, ou o participante encontrar com o escritor, ter essa conversa, poder comprar livro, então isso foi muito bom, isso fez história, marcou a cidade e ao mesmo tempo, ao longo de nossa história nós fomos aprofundando as parcerias e realizando. Tivemos vários parceiros como a Associação de Bairros. A gente saía, fazia o nosso mutirão de leitura...

**Ebe** - Leitura itinerante...

**Goiandira** - O Círculo de Leitura nós tínhamos todo sábado, religiosamente. Nós tínhamos à tarde na Casa de Cora. Gente de Goiás, gente daqui, professo daqui, escritores daqui que iam pra lá fazer os Círculos de Leitura com a gente. Então foi um tempo de muita fomentação, de muita crença e com o aprofundamento de nossa parceria com a Secretaria de Estado, tivemos condições de montar essas duas salas de que a Ebe estava falando, começar a fazer alguns produtos para poder vender para pagar a conta de telefone, por exemplo, as pílulas, as nozes que a Ebe faz, e fizemos uma parceria com a editora UFG, levando livros também para vender, para nos manter minimamente, porque nós não tínhamos recursos nenhuns, era trabalho voluntariado. Com essa parceria, chegamos ao ponto de conseguir, acho que foi um feito glorioso, três funcionários do Estado à disposição nossa lá. Uma que mexia com os projetos, que era a irmã da Ebe, que atendia os visitantes, contava histórias, tínhamos boca de cena..., os meninos iam lá fazer isso. Já tínhamos..., formamos leitores, crianças que passavam, ficavam lá, lendo, que a sala foi muito bem ambientada, e tínhamos uma outra que era a nossa administradora, porque eu morava... nós duas morávamos aqui. Fazíamos o trabalho no final de semana junto com o pessoal do Comitê, então essas meninas ficavam lá, levando o dia-a-dia. Nós chegávamos na 5ª e aí nos reuníamos, repassávamos toda a semana ( sempre os eventos aconteciam no final de semana), então foi uma história assim, de muita empolgação, de muito sonho. Quando aconteceu o rompimento, aquela confusão com o Weffort, nos abalou muito.

**(Dirige-se a Ebe)** - Se você quiser falar sobre isso... Eu já falei muito.

**Ebe** - E como a gente já tinha uma credibilidade muito grande na comunidade e assim... Interessante que o Proler de Goiânia não foi pra frente, ficou, parou nesse Módulo Zero. Acho que talvez tenha sido... mas as pessoas de Goiânia ... a referência em Goiás passou a ser a referência de quem queria discutir a leitura, de quem acreditava no trabalho. Nós tínhamos uma credibilidade tanto na cidade quanto em Goiânia, então...o rompimento com a Casa de Cora, é claro, que causou na gente um estremecimento maior foi o fato da incompreensão do Governo diante de um projeto que estava grandioso, que estava mudando a cara do país, na nossa concepção e a insensibilidade desse governo isso nos deixou muito parvos, mas nós continuávamos vinculados à Casa, só que nós não queríamos que houvesse mudanças que eles propunham, então nós tivemos dois Seminários, ainda bancados pela Casa, mas nesses Seminários nós tivemos muito embates. Eu me lembro bem que a gente discutiu muito e aí, a partir desses dois eles já não quiseram mais nos apoiar e as coisas foram esfriando.

**Goiandira** - Lá também as coisas foram acabando. Houve uma confusão...

**Ebe** - Mas, enfim, nós conseguimos nos manter em função disso por conta das parcerias que tínhamos feito em Goiânia, por conta das parcerias com as instituições locais, então, mesmo depois que o Proler acabou de fato na nossa concepção, porque depois daquilo em que ele se transformou nós não tínhamos mais interesse naquele tipo de filosofia que estava tentando fazer a transição, nós continuamos lá e eles pediram que a gente então retirasse a marca porque se a gente não estava mais compactuando com as idéias que eles queriam, então a gente não tinha mais o direito de usar a marca do Proler. Aí nós continuamos, persistimos porque tinha o nome, aí ficou o *Proler da Cidade de Goiás* porque aí já não era mais a logomarca deles. Mesmo assim acho que nós ficamos ainda três anos ou quatro com muitas atividades em parceria com a Secretaria de Educação. O que aconteceu houve aqui a eleição municipal e uma mudança de governo, então nossos parceiros que eram do governo

anterior, do partido e tudo o mais, houve troca e nossos parceiros com quem tínhamos fortalecido os laços saíram e vieram do outro partido. E aí começou... Aquilo que o outro fez...

Mas o Proler repercutiu tanto que a Secretaria de Educação nos convidou para fazer um programa de leitura nos moldes do Proler, que eles chamavam Engenho de Leitura para marcar bem essa questão mesmo da nossa cultura regional, agrária, sertaneja. Aí fizemos esse programa, tivemos um Seminário, os professores anteriores vieram, a Eliana veio fazer a abertura, o Bartolomeu, o Elias José, todos vieram para a abertura. Aí com essa mudança, abandonamos completamente o projeto, mas como tínhamos uma relação boa também com esse pessoal, pois a Secretária de Educação saiu da universidade, era nossa colega de trabalho (eu dou aula na Faculdade de Goiânia e a Edna, na Estadual de Goiás) e aí nós tínhamos uma boa relação com ela independente da questão partidária e também do outro governo não era questão partidária, era uma questão de admiração e reconhecimento do trabalho que a Superintendência do Ensino Fundamental e Médio tinha, eles reconheciam o trabalho nosso... Isso! O Engenho saiu e o Proler ainda continuou com o apoio um pouco mais restrito, continuou com o apoio do Estado e eles criaram um outro programa de leitura, quer dizer, eles criaram um outro projeto de leitura chamado Cantinho de Leitura.

Já havia em Minas. Na verdade quem deu a orientação pra isso foi... Quem deu a orientação pra isso foi a Maria Antonieta e aí continuamos mesmo mudando o nome. Pra nós não tinha problema contanto que a gente continuasse as parcerias e mantendo as atividades em Goiás... Nós fizemos um grande encontro em Goiás que reuniu todo o Estado. Eles fizeram premiações, foram distribuídas bicicletas, kit de livros... O pessoal da Contação de Histórias com as crianças de todo o Estado, com júri, com tudo. Acho que foi o último grande encontro que a gente teve. De fato, o teatro cheio novamente, com 500 pessoas, com “gente saindo pelo ladrão. Acho que foi em 2004...

**Goiandira intervém e retoma o depoimento** - Ebe, foi antes da enchente. A enchente foi em 2001. Então foi em 2000. Foi logo no começo do governo Marconi.

Nós ainda estávamos na Casa de Cora. Esse foi o último grande encontro. Aí veio a enchente. Nós ficamos sem local, porque na nova estrutura proposta para o Museu não cabia uma sala de leitura, ou uma sala de atividades. Aí ficamos..., tentamos fazer uma parceria assim que arrumasse um teto pra nós com a Secretaria de Educação e o que eles nos ofereceram não aceitamos que era numa escola, na sala de uma escola. Nós não queríamos. Na verdade não era essa a questão: levar para uma escola, voltar a escolarizar a leitura. O nosso trabalho não era esse. Queríamos um outro espaço que eles tinham no Centro: *o Quartel do 20* que poderia ser um Centro Cultural, mas acabou não dando certo. Aí continuamos com ações individuais. A Ebe continuou lá na Faculdade e isso é muito importante também registrar. Você perguntou sobre os desdobramentos acadêmicos. Nós demos um curso em duas edições de Especialização em leitura: Leitura, teorias e práticas. Então foram duas edições do mesmo curso com a participação também de Eliana, de Nelly, de gente do Rio, do Flávio Carneiro, de gente de Goiânia e de gente da Universidade Federal daqui de Goiânia e da UEG, lá de Goiás. E o resultado disso... (Eliana também veio no lançamento)... foi que conseguimos um financiamento através da Secretaria de Tecnologia para financiar o livro, o resultado do trabalho, as monografias. Então isto está registrado.

Aí, fizemos uma segunda edição desse curso e não fechamos, não fizemos livros, pois houve outros contratemplos, mas enfim... foram duas edições desse curso de especialização, feitas sob orientação da Rede que já estava sendo formada e em parceria, digamos. Nós sentimos uma demanda muito grande, nós temos cursos de Pedagogia que estão soltando professores que não entendem nada de leitura, nada de literatura, então para o ano estamos pensando fazer esse curso de especialização em leitura e alfabetização que seria uma continuidade um pouco desse que nós já tivemos para continuar mantendo, mas depois desses dois cursos de especialização eu tenho mantido lá na UEG um curso de extensão que se chama *O livro fora da estante*, exatamente a tentativa de levar a leitura através dos alunos de Letras para os bairros distantes do Centro Histórico, porque lá na cidade nós temos o Centro Histórico que é o coração da cidade e os bairros que gravitam em torno desse centro histórico, mas onde as coisas mais interessantes muitas vezes não chegam, então esse projeto de

extensão já está no seu 2º ano e a idéia é essa de trabalhar a leitura, o livro fora da estante, nos bairros, nas associações e também temos, do ponto de vista da Academia, um projeto de pesquisa em torno da poesia de Cora Coralina e a partir desse projeto nós criamos o que nós chamamos de o Sodalício Cora Coralina.

Como a gente percebia que a Casa não exercia o papel, de fato, de divulgar o nome de Cora, de usar Cora como referencial de leitora que foi... Cora, ela fez o ensino primário e a partir do encantamento com a leitura ela conseguiu mudar o seu destino. Então a gente vê na Cora um exemplar de leitora que a gente podia levar para o interior. Qualquer pessoa pode ser leitora e pode mudar sua vida através da leitura como Cora mudou. Então a gente criou esse Sodalício Cora Coralina que está no seu 2º ano agora. Essas são as ações que estão vinculadas à Universidade, mas também é uma tentativa de tirar de dentro da Universidade e levar para a comunidade, bem a proposta do Proler.

**Goiandira** - Nós temos ainda o grupo *Fina Flor* em Goiás que faz tertúlias. Continua ainda lendo e tentando passar o sabor da leitura, o encanto da leitura, através das apresentações. Na verdade é um grupo que envolve música e literatura. Nós somos seis pessoas envolvidas nesse grupo.

**Ebe** - Que tem um teto! Na verdade o que falta como referência é ter um lugar que a gente possa falar daquele lugar e esse lugar é o restaurante *Goiás Ponto Com* que é do nosso amigo Aluísio. Ele é um mestre de cozinha muito interessante, muito sensível, então a proposta dele é que no restaurante pudesse atrelar o sabor da comida e o sabor da literatura e da música. Então a gente, uma vez por mês tem encontros lá no restaurante. Ele promove jantares e nesses jantares a gente faz a declamação de poesia e ao som da música. Esse rapaz que trabalha conosco é músico e ele tem musicado a poesia de Cora, poemas de Goiandira. Ah! Uma outra ação que a gente tem como desdobramento é dentro já da escola *Letras de Alfenim*, a criação de um coral que com esse mesmo rapaz que é conhecedor de música ele está musicando poemas pra que a gente possa através das crianças fazer trabalhos junto a outras escolas, junto à comunidade de um modo geral. Esse é o nosso mais novo projeto que

está nos encantando muito porque quando você mexe com a criança é muito bom. A criança consegue sensibilizar as pessoas. Então esse projeto tem tido um alcance muito grande junto às famílias, junto às escolas. A nossa escola lá, a Eliana inclusive nos pediu que falássemos sobre ela no encontro da Cátedra, tem toda uma metodologia, todo um espírito voltado para a questão da leitura como sendo o carro-chefe da educação e uma leitura muito mais associada à arte do que a leitura como pretexto para o ensino da Gramática que é o que acontece com a leitura dentro da escola. Então a gente tem recebido muitas pessoas de fora que vêm para conhecer o nosso trabalho. A Universidade Católica e a Federal daqui de Goiás têm levado os alunos de Pedagogia para poder conhecer o trabalho da escola. Nós temos vindo aqui para poder fazer a apresentação desse trabalho e outros lugares estão chegando para conhecer o trabalho da escola porque sabem que ali a gente faz um trabalho diferenciado com o currículo, dando exatamente à leitura o papel que a gente acredita que ela tem que ter dentro de uma escola. Claro que para muitas crianças o 1º lugar e talvez o único em que ela vai se encontrar com a leitura é a escola, então a gente precisa mudar a realidade da leitura dentro da escola e esse trabalho também é uma consequência direta. A criação da escola, o nome passou pela orientação de Eliana e ela tem sido uma madrinha dessa escola, além de fazer toda essa mídia que ela faz. Se a gente pudesse ter alunos no Rio de Janeiro estaríamos sem espaço.

**Goiandira** - Voltando ao grupo *Fina Flor*, nós temos um teto e esse chefe de cozinha, o Aluizio, ajuda financeiramente o grupo. Nós precisamos fazer um *folder*, nós precisamos de alguém para a orientação cênica, para dirigir, então ele financia isto. E o grupo como também são todos trabalhadores e amadores vai... uma parte como voluntariado e outra parte passa o chapéu como qualquer grupo de teatro mambembe para ajudar em alguma coisa. E ele sai. Não se fica só no restaurante, vai às escolas. Há eventos que são realizados... Estivemos aqui em Goiânia, em Brasília. Fomos a Brasília na semana de Cora Coralina. Fomos convidados e apresentamos lá. Então ainda não tivemos condições de fazer um trabalho assim... Se bem que você fez... (dirigindo-se a Ebe)... Você fez esse trabalho ao longo de seis meses com a obra de Cora. A Ebe com o projeto ela levou parte do grupo pelas escolas para falar

poemas de Cora. Ela fazia palestras e sempre dois ou três integrantes estavam ali presentes para fazer. Esse foi o único momento que nós tivemos assim um contato com as escolas, com um público mais amplo, ali na cidade de Goiás, mas já fizemos apresentações no teatro, mas ainda é um tanto ou quanto restrito. E a outra coisa que a Ebe falou e que merece ser complementada é a questão do Sodalício, que é uma ONG que começou agora e que a gente viu como uma possibilidade de tentar organizar, retomar e organizar esse trabalho que foi feito na época do Proler. Então essa ONG tem como objetivo divulgar a obra de Cora e tudo mais porque Cora realmente é nosso orgulho, é, digamos assim, como disse a Melissa, ela é um capital cultural da cidade, de alto valor, em resumo, a Melissa fez a defesa de tese orientada por Eliana, pela Denise Rosalém, do Serviço Social, lá da PUC. Eu estive na banca dela. Ela estava em Goiás, também, pesquisou Cora e a idéia do trabalho dela é que Cora é um capital cultural. Outra coisa, eu tenho projetos na área da leitura, trabalho com alunos de graduação em nível de bolsa, porque voltado para o ensino e já fizemos muitas coisas, muitas apresentações, mas bem dentro do nível acadêmico, mesmo e agora esse ano nós criamos a Rede Goiana de Pesquisa em Leitura e em Ensino de Poesia que é a área em que eu atuo. E essa Rede Goiana tem vinculados vários projetos, por exemplo o da Ebe, lá em Goiás, o da UEG de São Luís, da Maria Severina, o da UEG de Anápolis e da Evangélica, também aqui em Goiânia. Então ela está tentando articular esses trabalhos voltados para a leitura e o ensino especificamente de um texto que é a poesia. Isso a gente tem feito. Essa Rede é reconhecida pela nossa fundação, pela FAPEG, e agora em julho nós ganhamos um financiamento de 50.000,00 que não saiu, ainda, um financiamento para montar a estrutura básica com aparelhos, com livros e a organização de um Seminário Nacional de Leitura aqui. Se esse dinheiro sai a gente vai fazer, em parceria com a ONG da cidade, com as outras, para dar conta. Então assim as coisas estão caminhando, não no ritmo que a gente deseja, mas estão indo e isso tudo é repercussão, é resultado do Proler.

**Ebe** - O fato é que termos saído da Casa de Cora, isso foi... e com isso também perdemos os funcionários que tínhamos da Secretaria de Educação e durante esse

período também eu saí, estive um tempo no Maranhão, me casei, passei um ano no Maranhão e isso deu uma desarticulada na energia que a gente tinha aqui. Mas o que fica nós não temos na verdade condição de avaliar a dimensão que o Proler trouxe para o estado. Quando Goiandira estava falando da subsecretária, não é subsecretária, superintendente de Ensino Fundamental e Médio. Quando ela criou esse programa do Engenho da Leitura para não ter o nome de um programa nacional (ela queria alguma coisa que tivesse uma marca que ela estivesse criando) ... mas enfim, essa idéia do Proler foi levada para todas as Subsecretarias do estado. Acho que nós temos mais de 30 subsecretarias que atendem a região de todo o estado e mesmo anterior ao Engenho da Leitura, quando nós tínhamos uma outra Secretária de Educação, ela quis que eu saísse do estado onde eu estava e viesse para a Superintendência de Ensino Médio porque ela queria que esse trabalho do Proler fosse levado para outros municípios do Estado. Tanto que se a gente for investigar na verdade onde nós temos vinculações, onde nós temos braços que alcançaram essa ação do Proler a partir da cidade de Goiás a gente não tem essa dimensão. Precisava ter alguém que tivesse fôlego para fazer isso. Nós tivemos uma professora na UEG que trabalhou numa monografia dela só a idéia da repercussão do Proler em Goiás, então nós temos esse material e depois, no curso de Especialização também, nós tivemos uma aluna que trabalhou a idéia do Proler mas muito só dentro da cidade. Nós precisaríamos ter alguém que fizesse esse rastreamento pois eu acredito que principalmente a idéia da Contação de Histórias, depois que eles viram a Eliana contando histórias no teatro isso pipocou por todos os lados. Onde a gente vai a gente tem um pequeno grupo de contadores de histórias. E nas Oficinas era o que mais tinha demanda. Nós fazíamos duas, três Oficinas de Contação de Histórias durante os Seminários todos porque havia uma demanda muito grande de pessoas que queriam e eu acho que na cabeça deles era você fazer o curso e sair encantando como Eliana encanta, como o Fernando Lébeis encantava e continua encantando os anjos agora, com certeza. De qualquer forma, a pessoa se sentir tentada a se aproximar disso eu acho que já é o caminho, já é acreditar numa forma diferente de trazer a leitura, de trazer o desejo de ler para aqueles que muitas vezes nem se tocaram ainda de que isso pode ter uma importância pra eles.

**Pesquisadora – Professoras, agradeço a disponibilidade em me receber e me conceder essa entrevista.**

### **9.1.3. Eliana Pszczol<sup>4</sup>**

**Pesquisadora – Eliana, você poderia falar sobre o Proler (1992-1996)?**

**Eliana** - Eu não sei falar nada sobre a transição, eu cheguei aqui em maio de 2006. Eu sei falar sobre o PROLER, porque quando o PROLER foi criado eu fiz parte do conselho consultivo no MEC, que tinha outro nome. Durante uma época eu acompanhei de perto o PROLER.

**Pesquisadora - Você, me parece, era da Biblioteca Nacional.**

**Eliana** - Eu sou, só que eu estava há doze anos afastada. E em 2006 o Ministro Sodré me convidou para eu voltar para a Biblioteca e assumir isto aqui.

**Pesquisadora - O PROLER funciona aqui na Casa da Leitura? Quem dirige o PROLER está na casa?**

**Eliana** - Sim, sou eu. Meu nome é Eliane Pszcol. Eu sou Coordenadora Nacional do PROLER desde maio de 2006. Eu sou servidora Pública lotada na Biblioteca mas antes de 2006, fazia doze anos que eu estava fora. Nesse tempo em que eu estive fora estive na delegacia do MEC-RJ, era vicedelegada, fazia parte do conselho consultivo do PROLER. Eu participava das decisões. Nós temos reuniões e decisões, depois eu fui para a FUNARTE. Na FUNARTE eu dirigi o departamento de artes, que era ligado à parte de música erudita e popular, e de artes plásticas. Então uma área totalmente diferente. Da FUNARTE fui para a UFRJ, onde eu era assessora do Reitor e fui coordenadora do pólo da Ciência e Cultura, então a minha atividade está sempre ligada à cultura. Eu sou do Ministério da Cultura, e para mim literatura e

---

<sup>4</sup> Servidora Pública da Fundação Biblioteca Nacional e Coordenadora do Proler desde 2006.

leitura têm tudo a ver, embora que diretamente atuando com leitura e literatura é a primeira vez. Eu sei e conheço a história desde a fundação, do período da Eliane Yunes, depois da Beth Serra, depois da Lídia, eu sei contar a história. Embora eu não tenha vivido esse processo todo. Apenas quando eu era desse conselho, que a Beth Serra era coordenadora geral e ela era respaldada por um conselho que tomava as decisões, e aí a Beth executava as decisões do conselho, e eu era parte deste conselho. Isso foi nos quatro anos em que eu estive no MEC, depois eu me afastei.

**Pesquisadora - E o Proler hoje?**

**Eliana** - O que eu acho importante falar do Proler e da Casa da Leitura: o Proler hoje eu sou a Coordenadora Nacional, e funciona assim: nós temos comitês espalhados pelo Brasil. Hoje são cerca de setenta comitês oficiais. Quando eu entrei aqui há três anos atrás, o Proler tinha ficado quase três anos, praticamente abandonado, pela Fundação Biblioteca Nacional, assim, de 2003 a 2005. Quando, em 2005, o Professor Muniz Sodré assumiu a presidência, ele colocou como uma questão importantíssima para a Biblioteca Nacional que o Proler [funcionasse], então logo depois ele me convidou. Mas este período que ficou meio “em banho-maria”, desarticulou totalmente a relação com os comitês. O Proler, aqui, nacional, a sede perdeu contato com que estava se fazendo fora. Então o nosso primeiro ano, um ano e meio assim foi de resgate dessas relações. Que comitês ainda existem? O que esses comitês fazem? Principalmente porque, para fins jurídicos, renovação dos convênios, a assessoria jurídica começou a perguntar. O que que é isso? Tem comitê fora do Rio, mas quem quer fazer convênio tem alguma possibilidade? Então nós tivemos um movimento de atualização e de ordenação do que era o Proler Nacional e dos comitês. Hoje, nós chegamos em torno de setenta comitês, com convênios assinados, tudo em ordem, comitês ativos

**Pesquisadora - Não havia isso antes?**

**Eliana** - Havia em algum momento. Quando esses comitês foram criados houve o convênio, de outros não houve o convênio, alguns era uma coisa de boca, tinha gente interessada em fazer, então ficou uma coisa informal em alguns casos, em outros,

não. Sendo que aí agravou a informalidade. O que aconteceu? Foi que nós perdemos pé do que os comitês estavam fazendo. O que até hoje a gente está lutando [para saber], mas acontece. Por quê? Porque alguns comitês que são muito bons? Eles são assim ou eles funcionam dentro de universidades, departamentos de letras? Enfim alguma coisa e eles saem fazendo mil coisas e às vezes a gente nem fica sabendo. Então nós agora estamos tentando resgatar isso, mas a autonomia dos comitês é um dado fundamental. Eu acho que o Proler deu certo e mesmo nestes anos de inatividade funcionou bem por conta da autonomia que nós dávamos aos comitês. Isto fez com que eles fossem a mola propulsora do programa. Independente de gente estar ou não estar trabalhando, eles continuaram trabalhando, mobilizando as comunidades, então, o Proler sobrevive e até hoje, graças a quem está lá na ponta, quem está nos municípios, fazendo os trabalhos com as comunidades locais. O que a gente está pensando é trazer todos eles para o nosso guarda – chuva, e criar diretrizes válidas para todos eles, mas dentro destas diretrizes, que são diretrizes do Proler, todos eles têm autonomia para enveredar na sua área, pelo seu trabalho.

O Brasil é uma realidade tão multifacetada, que não faz sentido a gente colocar uma camisa de força e dizer como o Proler deve funcionar. Hoje, apesar da gente falar setenta comitês, se a gente pensar que no Brasil são cinco mil e seiscentos municípios, pode parecer muito pouco, é pouco, porém cada comitê tem atuação em muitos municípios. Hoje fazendo essa contabilidade a gente tem cerca de 350 municípios cujas necessidades são atendidas pelos 70 comitês. Ainda é pouco, a gente quer aumentar. Nós fizemos uma meta ano passado que a cada ano, a gente ia aumentar uns 50%. Temos setenta e queremos chegar a cem. O que significa que mesmo no final, digamos que a gente tenha duzentos, quando acabar esta gestão com o Professor Muniz Sodré, não estamos interessados na quantidade, a gente quer comitês atuantes, mesmo que sejam poucos. A gente quer primeiro conseguir passar as diretrizes, e depois ter condições de atuar junto com eles. Isso com relação a como o Proler trabalha. O comitê de algumas áreas, por exemplo na Bahia, o comitê de Vitória da Conquista, a Heleusa, ela descobriu um nicho lá. O Proler dela é atuante, ela descobriu o Proler carcerário, ela pega por exemplo pessoas da comunidade, o varredor de rua, trazendo para dentro do comitê e fazendo atividade de leitura com

eles. Tem outros comitês, outros estados, por exemplo, Mato Grosso do Sul, depois eu vejo para você os nomes, o trabalho está enveredando para o trabalho com a leitura com as tribos indígenas. Então cada um tem um perfil, cada um vai achando o seu nicho, embora a gente saiba que não é uma coisa fácil. A gente sabe que o dia-a-dia é complicado, mas os comitês conseguem. Eles que levam esta chama da leitura pelo Brasil. Porque esse programa, quando ele foi criado, em 1992, até a época da Beth Serra inteira, vamos dizer assim, até 2000, tinha muito dinheiro, por exemplo, tinha convênio com o FNDE, do MEC, que viabilizava muitos cursos, muitas coisas, agora acabou, a fonte secou. Então, o que nós fazemos agora, fazemos de outras formas que não gaste dinheiro, neste ponto a internet é nossa aliada. Quer dizer, a gente publica um jornal do Proler. Nós temos um livrinho que é a nossa bíblia, que está um pouco defasado e pretendemos atualizar. O suporte que damos hoje para os comitês é através deste diálogo que vai via internet, através das nossas publicações. Quando nós conseguimos doações de livros a gente manda para os comitês, e uma vez por ano a gente faz aquele encontro nacional, em que a gente traz pelo menos um representante por estado. Quando pode mais de um é melhor. É sempre no final do ano, geralmente em dezembro. Nesse encontro todos se reciclam, um fica sabendo o que o outro está fazendo, tem palestras de especialistas na área de leitura e literatura. Este ano vieram dois palestrantes da Colômbia e do Chile, trazendo experiências da América Latina. Temos os seminários na parte da manhã, e na parte da tarde os encontros para troca de experiências para propostas, com duração de quatro dias. Nestes encontros é escolhido o tema que a gente vai trabalhar no ano seguinte. Por exemplo, foi escolhido para 2008 “Leitura e novas tecnologias”. Embora se saiba que falar de novas tecnologias, na maior parte do território nacional é meio abstrato, mas as novas tecnologias estão aí.

Os comitês nos enviam os relatórios anuais, o modelo de relatório foi modificado. Ele é fechado. Ele era aberto, mas este ano, o conselho consultivo daqui optou por um modelo fechado e bastante complexo. Os comitês estão reclamando muito para responder. Provavelmente sofrerá algumas alterações no ano que vem. Por isso os comitês estão reclamando muito para responder o relatório de 2007.

Normalmente qual é a nossa prática? Nós lemos tudo e aí respondemos para cada um: isso aqui está bom, isso aqui não funcionou. A gente dá o retorno, nesse momento em que a gente não tem mais condições de visitar os comitês. Como é que a gente trabalha? O Rio de Janeiro, por exemplo, é um sufoco para mim, que a gente está aqui e não consegue trabalhar legal com o Rio de Janeiro.

**Pesquisadora - Qual seria o caminho para o PROLER no Rio de Janeiro?**

**Eliana** - É isso que eu estou te dizendo! Ano passado eu falei com os secretários de educação do estado e do município. Falei para eles dos nossos cursos, que a gente estava aberto. O nosso curso custa R\$ 30,00 o curso todo, mas a gente daria 50% de desconto se viesse do Município...!

**Pesquisadora - No ano passado nós divulgamos os cursos entre os professores da 2ª CRE, mas eles não se interessaram. Não chegou a formar uma turma.**

**Eliana** - É, pois é! Esse ano eu mudei, ao invés de falar com os secretários eu estou indo nas CREs, falando com as Coordenadoras Regionais e oferecendo as coisas, oferecendo nossas bibliotecas, os comitês do Brasil todo são convênios da Biblioteca Nacional com a Secretaria de Educação, Cultura, ONG ou universidade, onde o comitê puder funcionar. Essa estrutura, é o que a gente pede: que o comitê local seja diversificado, não seja só universidade. Tenha várias instituições para dar assim uma abertura, várias visões e para um ajudar o outro, porque tem muito comitê em que uma pessoa já é bibliotecário, já é professora, então fica meio complicado. Mas a gente tenta abarcar o máximo possível de instituições para trabalhar junto, porque são instituições que já trabalham com a questão da leitura e da literatura.

Então a nível nacional, é assim que a gente trabalha, com essa rede aí que é fantástica. É uma rede mesmo, que funciona e vai espalhando...quando tem encontros,( os comitês também realizam seus encontros, estaduais ou regionais) os comitês da região também vão todos participar, então assim, ao longo do ano há pelo menos duas oportunidades das pessoas se encontrarem. No encontro nacional e nos encontros estaduais regionais.

Nós estamos cheios de idéias, eu fiz muita proposta interessante para 2008, para promover mais encontros assim. Idéias a gente tem, mas precisa saber se vai viabilizar financeiramente. Mas concretamente hoje é assim que a gente trabalha.

### **Pesquisadora - E a Casa da Leitura?**

**Eliana** - A gente aqui é a sede nacional do PROLER. O que a gente espera para essa sede? Que as atividades aqui sejam um espelho, de como os comitês devem atuar. Então o que nós temos aqui. Aqui embaixo nós temos duas bibliotecas demonstrativas as duas, uma infantil e a outra juvenil e de adultos. Nós recebemos aqui escolas, alunos, professores, bibliotecários. Bibliotecários a gente ensina como é que se monta uma biblioteca, e como se monta de uma maneira menos sisuda, qual é o mínimo para você saber se organizar e ordenar por mais que não seja bibliotecário. Na infantil também é assim. Depois eu vou te mostrar a organização é assim, por cor, por desenho, que até a criança sabe como pega. Por isso a biblioteca é demonstrativa, nós não somos exaustivos. A nossa intenção é demonstrar como a biblioteca funciona, como você organiza... E a biblioteca juvenil e de adulto é mais focada em leitura e literatura. Então nós temos essas duas bibliotecas para atender ao público. Professores, alunos, funcionários e o público em geral. A biblioteca aqui é aberta para quem quiser.

Além das bibliotecas nós temos os cursos que a gente oferece, talvez seja a atividade mais tradicional da Casa da Leitura, também sempre voltado para os temas da leitura e da literatura, mas assim, de forma muito aberta. Leitura, a gente já teve cursos de como ler uma fotografia, teve um que foi tão bacana que foi “Letras do Barro”. A professora na metade da aula lia, mas ela trabalhava com literatura infantil, na metade da aula ela lia alguma coisa, um conto, uma poesia, e na outra metade os professores faziam na cerâmica o que o conto inspirou a eles. Então, a nossa visão de leitura é super abrangente.

Temos o Centro de Referência e Documentação em Leitura, que ainda é incipiente, e nós optamos para esse ano passado mas para iniciar este ano, um Centro de Referência e Documentação Virtual. Então o que a gente está fazendo agora, estamos entrando em contato com as universidades, pedindo permissão para o link

deles, entrar na nossa página, no nosso site, recolhendo artigos. Agora, o nosso enfoque é leitura e novas tecnologias. A gente está colocando tanto no nosso site, como no Centro de Referência, informações sobre textos a respeito das novas tecnologias da leitura, o nosso jornal, que você vai ver, nesse aí que eu te dei, que o enfoque também é isso. Então, seja nos centros de referência, seja nos cursos, seja nas bibliotecas, a gente gostaria que os comitês pudessem acompanhar o que a gente faz aqui, para agir da mesma forma.

Quando os comitês fazem seus encontros estaduais, eles sempre pedem para a gente mandar um especialista para falar sobre algum assunto. Então, a gente tenta mandar os professores que deram aula aqui. Ou então, não, alguém do Amazonas ouviu dizer que no Rio Grande do Sul tem um especialista em histórias em quadrinho. A gente acata..., se a gente vê que tem currículo, a gente manda a pessoa do Rio Grande do Sul para Manaus.

Nós estamos agora construindo um banco de dados de especialistas por área, porque os comitês solicitam. Assim como estamos fechando o banco de dados dos comitês, que pelo nosso site todos os comitês vão poder acessar todos e vê quem trabalha lá, o que faz, quais as atividades que fizeram. O nosso site está em eterna construção, porque a gente não conseguiu ter alguém que se dedicasse a isso. Mas isso tudo está previsto. Está muito devagar. As coisas que tem para botar no sistema da biblioteca só tem uma pessoa que posta o site todas as horas, então essa coisa que era para ser dinâmica [não acontece como deveria].

Eu acho que o dia em que o Ministério da Cultura dissesse assim: “Toma dinheiro para trabalhar”, eu nem ia saber como trabalhar, de tão acostumada que estou de trabalhar na miséria.

### **Pesquisadora - Que lugar o Proler ocupa com relação às políticas públicas de leitura?**

**Eliana** – O Proler foi o primeiro programa de incentivo a leitura no país. Ele tem 15 anos, eu acho que nenhum programa dura 15 anos. Então, muda governo, sai governo, mesmo nesses três anos em que ficou parado, como as pontas já estavam muito azeitadas, ele continuou. **ELE É UM PROGRAMA PIONEIRO**, foi a primeira

vez que se discutiu uma política de leitura no país, agora infelizmente a gente ainda continua discutindo, porque não teve nenhum governo que tivesse vontade política realmente de implantá-las. O PNLL, parece que vai ser isso, mas o quê que acontece, não é dizer que não tem iniciativas, está cheio de iniciativas, se você vê assim, essas grandes empresas Oldebretch tem um programa de leitura bacana...,ONG..., porém não há continuidade,não há uma política. Então uma política tinha que ser com o Governo Federal implantando e aí a capilaridade, todo mundo vai se juntando.

**Pesquisadora - Você falou da autonomia do Proler. Na realidade, mesmo sem apoio alguns comitês continuam seu trabalho. Então existe autonomia?**

**Eliana** - E eles poderiam ir muito melhor, mas é isso que eu estou lhe falando, dentro do quadro de realidade que é o Brasil, é impressionante como eles conseguem. Então uma política de leitura não há.

O PNLL é essa tentativa. Mas agora é consistente porque o Ministério da Cultura e da Educação estão pensando a leitura juntos. Aqui no PROLER já teve o FNDE do MEC, era o banco do MEC, dando dinheiro, mas era uma coisa pontual, dava dinheiro para incentivo a leitura. A gente sabe que o MEC gasta uma nota com programa de leitura, o MinC também, mas eles não se falam,então essa esquizofrenia tem muita chance de terminar. Novamente eu fico com esperanças que agora vai deslanchar. Tem um documento sério, tem a intenção do governo, que falou que o Mais cultura vai privilegiar, o Mais cultura é o programa do PAC, para o Ministério da Cultura. Vai privilegiar essas ações de formação de mediadores e formação de leitores. Que é a nossa área, é onde a gente vai entrar. E agora o que eu estou batalhando dentro do Ministério da Cultura e da Educação nessas reuniões do PAC pra mostrar que quando chegar nessa hora é o PROLER que tem que atuar, com quem está nas pontas, então, eu acho que nós todos educadores , quem trabalha com cultura e educação, a gente sempre acha que agora vai, nunca perde as esperanças.

**Pesquisadora - O Proler tem comitês por todo o país?**

**Eliana** - Pelo menos um por estado tem.

**Pesquisadora - Vocês têm de lutar por isto, então: para que o Proler assuma a sua parte, nesse projeto do Governo. Concorda?**

**Eliana** - E o Ministério da cultura também sabe disto! E como agora no lançamento do programa Mais Cultura...que o LULA também falou, e teve todas aquelas boas intenções explicitadas... era para ter começado ano passado... mas teve esse negócio da CPMF... Mas pelo menos eu digo que hoje tem documento explicitando o que é uma política de leitura para o Brasil, que passos devem ser tomados, como a gente faz do brasileiro um cidadão leitor. Depois de anos e anos saiu esse documento. Então, assim, agora é mãos à obra. A gente aqui no nosso cantinho sem dinheiro vai fazendo o máximo possível: “agora tem “x” para vocês atuarem. Fazer cursos, levar especialistas para atuarem direto. Fazer cursos de formação de sessenta horas, oitenta horas etc”.

A gente juntou uma equipe cheia de gás, com vontade de fazer, a gente se conhece e estamos esperando isso aí acontecer. Mas eu digo que já avançou muito porque tem um compromisso, tem um documento que o governo se comprometeu que vai seguir.

Se não for esse governo, espero que seja! Mas pela primeira vez reuniu todas as áreas que lidam com leitura, todo mundo concordou, depois de mil reuniões críticas volta, não volta, não é assim, é assado, houve um consenso e se tirou um documento, que é esse aí (PNLL).

**Pesquisadora - Sobre a Casa da Leitura, quais os fundamentos teóricos metodológicos que a orientam?**

**Eliana** - A Casa da Leitura, como sede do Proler... Os cursos que a gente dá procura mostrar essas diretrizes. O nosso público alvo são professores da rede pública, bibliotecários das bibliotecas públicas, ou mediadores de leitura em geral. Nós tentamos atingir basicamente esse público, mas de verdade a gente não consegue. Então o nosso público é de pessoas das escolas particulares, é de pessoas da vizinhança, que vêm aqui, leem um livro, gostam, fazem um curso, trazem a filhinha para ler junto. Embora por princípio, como órgão público a gente quer atender

prioritariamente os órgãos públicos, mas a gente sente assim, eu não sei até que ponto a secretária.... Quem era a secretária de educação na gestão passada?

**Pesquisadora - Sônia Mograbi**

**Eliana** - Ela me falou assim, “a gente não precisa mais da Casa da Leitura, porque nós temos as Salas de leitura”. Que eu saiba são coisas diferentes. Então nós sabemos que quando o Proler nasceu, há quinze anos atrás ele era pioneiro, não tinha nada. Agora, felizmente já tem muitas ações. Então, todas as parcerias que a gente faz, seja aqui no Rio de Janeiro, seja nos outros estados, são parcerias que não envolvem custo financeiro. E são instituições que já atuam com Sala de leitura.

**Pesquisadora - O município do Rio de Janeiro adota uma política própria de Salas de Leitura que funciona precariamente em virtude da falta de professores na rede, problema crônico que não se resolve. E nos demais municípios do Estado do Rio de Janeiro, como se dá a relação com o Proler?**

Aí nós ouvimos muitas explicações que fazem sentido. Por exemplo, mesmo aqui no município do Rio de Janeiro, eu fiz contato com o Pessoal de Campo Grande, Santa Cruz, o que é que eles alegam: “Se nós tivéssemos uma van, para levar e trazer seria mais fácil, porque agora eles têm medo de vir, de ônibus ou de trem, por causa da violência. Então eles não querem mais sair com as crianças ou adolescentes. O que que eu estou fazendo agora, nestes contatos eu estou oferecendo condução .Uma van vai buscar e levar.Por exemplo, os cursos, que a gente dá aqui, eu mandei um ofício ano passado para a Secretaria do Estado e do Município, dizendo que ideologicamente eu queria trabalhar com o professor das escolas públicas, que não vem aqui, infelizmente, então eu vou lá. Sugeri, por exemplo, que eles fizessem polos de escolas, a gente iria dar o curso lá. Ninguém se interessou!...

**Pesquisadora - A subvenção vem de onde para vocês?**

**Eliana** - Do MinC. O Proler não tem verba específica, então nós estamos nos programas DA Biblioteca Nacional.Tem uma área que chama, área de biblioteca.

Porque a gente tem, na Biblioteca Nacional, o sistema nacional de bibliotecas públicas, que a sede é aqui. E interliga as bibliotecas nacionais em rede com as estaduais, que por sua vez estão interligadas com as bibliotecas municipais. Por exemplo, o Proler, agora desde que eu entrei, eu e a coordenadora do sistema, a gente está trabalhando integrado, porque o que a gente quer é isto mesmo. Pois se ela tem os contatos das bibliotecas estaduais e municipais, a gente quer entrar nessas bibliotecas e treinar as pessoas. Já que a Biblioteca Nacional tem dentro da estrutura dela o Proler e o Sistema Nacional das Bibliotecas Públicas, a gente está fazendo atividades juntas. O encontro que a gente fez ano passado foi do Proler e do Sistema porque aí a gente discutiu temas comuns entendeu?! Mas, quer dizer, a verba é pouquinha para muita coisa junta, entendeu?! A nossa verba é do Ministério da Cultura. Nós tentamos desesperadamente conseguir patrocínio para a nossa atividade que a gente faz aqui nessa casa aqui, que vocês já conhecem, você já conhece o nosso auditório? A gente tem uma estrutura superbacana, um auditório para cem pessoas super confortável e bonito. E eu estava tentando fazer independente da Casa da Leitura e do Proler, um Centro Cultural, porque aqui nessa área de Laranjeiras, não tem. Um Centro Cultural que fosse voltado sempre para a leitura e literatura, mas com , digamos, cinema uma vez por mês, um filme extraído de alguma obra literária, poesia, sarau de poesias. Então os projetos estão todos prontos, a gente não tem dinheiro a gente não consegue patrocínio, a biblioteca não tem dinheiro a gente não consegue patrocínio.

**Pesquisadora - Então sobre a formação de professores que era a ação principal do Proler pós 97 você não têm, pelo menos no Rio de Janeiro, muito sucesso? Não existem comitês no Estado do Rio de Janeiro?**

**Eliana** - Não, aqui no município do Rio não. Agora há um na biblioteca Estadual, na biblioteca da Presidente Vargas. Ana Lígia encarregou uma pessoa de lá. Porque ela tem os municípios todos com ela. Nós fizemos no ano passado uma atividade lá na Biblioteca Nacional e na Biblioteca Estadual, para bibliotecários, para todos os municípios do Rio, que são “noventa e poucos”, mas vieram uns cinquenta, tiveram atividades aqui. E a gente mostrou para os bibliotecários como atrair jovens e

crianças para a leitura, para a biblioteca, E também teve a parte do sistema que ensinou a “coisa” do bibliotecário mesmo, como arquivar, como isso, como aquilo... Mas, essa parte assim de fomentar o gosto pela leitura, nós fizemos um treinamento. A Ana Ligia mandou correspondências, a gente trouxe as pessoas então lá dentro da biblioteca vai sair um comitê do Proler, porque ela tem essa coisa de se espalhar. Mas, por enquanto ainda esta tramitando.

**Pesquisadora - É importante atingir o Estado de modo geral. Se a Ana Ligia consegue mobilizar os demais municípios será muito bom para o programa, não?**

**Eliana - É.** A gente agora tem um comitê que acabou de se formar em Macaé , aqui no estado do RJ, Angra dos Reis tem um comitê bom, e Angra dos Reis é um polo que tem alguns municípios assim em volta, e todos atuam juntos, com Angra dos Reis, Macaé. Niterói estava totalmente parada. A gente está agora nessa negociação para voltar.

**Pesquisadora - Então aos poucos as coisas estão acontecendo na área da leitura, no Proler?**

**Eliana - É,** é pouco, mas está acontecendo.

**Pesquisadora – Eliana, agradeço sua colaboração e o acervo da Casa da Leitura disponibilizado para esta pesquisa.**

#### 9.1.4. Elizabeth D'Angelo Serra<sup>5</sup>

**Pesquisadora - Elizabeth, conte-me um pouquinho da sua história com o Proler.**

**Elizabeth** - Eu sou formada em Pedagogia, aliás tem um site se você for... da Petrobrás, depois eu te dou, que uma vez fizeram uma entrevista comigo que acidentalmente um dia (é negócio de memória da Petrobrás), eu soube que saiu, um funcionário aqui me contou, então eu conto minha vida inteira ali, mais ou menos nesse enfoque. Depois você pode até recolher e tem uma outra entrevista, também, (eu te passo esta por e-mail) que foi feita no Globo *on line*, onde também tem muita informação, tem quase que um registro histórico, histórico principalmente do Proler.

Mas, enfim, minha história profissional eu começo: eu me casei muito cedo, deixei de estudar, na época. Eu estou com sessenta e dois anos. E aí, casei muito cedo e logo depois tive uma loja de arte popular muito ligada à questão política e artística, principalmente à política ligada ao meu marido, médico muito ligado e aí acabei, quer dizer, e com muitos filhos, era um plano de vida, foi um plano de vida nosso ter muitos filhos. Eu tive cinco, porque adorava, porque adoro criança e educação. Então eu também lia muito sobre educação, antes mesmo de ter enveredado formalmente pelo caminho da pedagogia e nesse meio do caminho eu descobro uma escola que eu já conhecia de ter lido, que passou a ficar na mesma rua em que eu morava e onde por acaso eu estudei e fui alfabetizada quando era muito pequena, que é o Instituto Nazaré, que passou a ser, em determinado momento, da Regina Yolanda Werneck. Então, como eu já tinha lido coisas de Regina, (eu ficava no final da rua) e aí soube que Regina estava indo pra lá e fui me ligando à escola lentamente, carregando um filho, outro, outro, e um dia disse: “eu quero trabalhar aqui” e fechei a loja de arte popular para ir me dedicar à escola, meio sem saber direito como é que ia acontecer.

Era um momento de repressão, era 79 e tinha todo um clima aí. A escola basicamente era de um grupo de pessoas de esquerda, principalmente comunistas, e a gente então tinha ali aquela identidade, aquele sonho, aquelas coisas todas e Regina e meu marido me provocaram que eu tinha que voltar a estudar e eu fiz pedagogia. Eu

---

<sup>5</sup> Secretária Geral da FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

tinha toda essa formação política e artística, uma bagagem de vida mesmo, quando então eu vou pro estudo. Antes disso eu tive que terminar o curso, na época, de Madureza, que eu não tinha terminado. Eu tinha feito Secretariado e tinha parado no 2º ano, 2º grau. Eu tive que fazer correndo então o curso de Madureza, de complementação pra poder fazer Faculdade. E aí então comecei a trabalhar e o Nazaré foi uma escola muito importante, essas coisas todas confluindo, eu muita envolvida também no movimento feminista e aí conheci a Fundação por intermédio da Regina Yolanda, dentro da escola dela e ela já era ligada aqui e passei então a me envolver mais com essa questão da leitura. Eu vou encurtar um pouco.

Essa história do Nazaré é muito longa. Teve um momento que eu trabalhei na FUNABEM, na FUNABEM Nacional. Também foi algo muito marcante e até aqui quem estava na Fundação... era... quem estava no Instituto Nazaré, quem tinha filhos lá era Eliana Yunes e ela então quando assume aqui, no final de 86 pra 87 ela me convida pra vir trabalhar aqui com ela. Então eu já estava um pouco saindo do Nazaré e vim pra cá com a Eliana. Já com Pedagogia. Fiz um curso dois anos depois, de especialização, na UFRJ, de Literatura Infantil. Eu fiz quase todo. No final não consegui acabar por conta do trabalho e como eu não tinha, nunca tive uma perspectiva acadêmica eu fui deixando de lado. Fui construindo uma história muito mais prática do que acadêmica.

Em relação à questão institucional, de trabalho, a FUNABEM que eu já citei onde eu era a Secretária Geral Nacional de Educação, dirigi o Instituto Nazaré, em determinado momento, me tornei dona por três anos, da escola. Isso já aqui na Fundação, concomitante e aqui na Fundação, nos primeiros dois anos, eu entrei em 87, 87 e 88 fiz parte de uma Secretaria Geral junto com Eliana. Éramos três. Eliana era a Secretária Geral e eu fiz a parte administrativa. Mas eu pra aceitar vir fazer a parte administrativa digo: “só vou com uma condição, se eu participar do projeto cultural educacional porque esse é o meu perfil”. E aí ela aceitou. Quando foi em 89 ela deixou a função de Secretária Geral e me delegou a função de Secretária Geral. Continuou ainda comigo um período e juntas até 91, quando então surge a questão do Proler.

O que que é o Proler? O Proler, na verdade, surge da seguinte maneira: Glória Pondé que antecede Eliana Yunes apresenta um projeto pra FINEP “Por uma Política Nacional de Leitura”. Essa pesquisa foi apresentada por Glória. Se você for olhar os papéis nem Eliana, nesse momento, estava citada como uma pesquisadora. Aí, quando Eliana assume, essa pesquisa é aprovada e Eliana, então, (já Glória não estava mais), ela assume a coordenação da pesquisa. E é essa pesquisa, tinha uma outra também, são duas pesquisas aprovadas pela FINEP para a Fundação, uma de alfabetização e essa, Eliana coordenou as duas, então quando ocorre o final da pesquisa, que foi comprovado o óbvio: quer dizer, a descontinuidade, a falta de alguma coisa mais dirigida, a Fundação já tinha uma série de outras pesquisas, outras histórias mas essa oferecia um quadro mais político, uma constatação mais política, surge que Affonso Romano Sant’Anna, que vem a ser parente de Eliana, compadre, eles se conhecem , ele foi padrinho de casamento dela e também pelas relações , professor na PUC, tudo mais ...

#### **Pesquisadora - Ele foi orientador dela...**

**Elizabeth** - Mas tem uma relação bem antiga de amizade entre eles. Ele aí é convidado, (nós estamos falando do governo do período Collor), ele então é convidado para assumir a Biblioteca Nacional, num final de ano, final de 1991 e Eliana então disse: “Beth, (ela estava com uma bolsa para Alemanha) e disse: “... nós temos que fazer isso, vamos segurar isso”. E fomos procurar Affonso e tal e ela viajou. Quando ela retorna, em fevereiro, nós estávamos juntas no Instituto Nazaré, que eu tinha convidado ela para fazer a parte de supervisão de Português, e aí sentamos e criamos, então, o Proler. A fundamentação teórica toda vinda da pesquisa e por Eliana ( como eu disse meu perfil não é um perfil acadêmico) e eu fiz a parte de pesquisa da Glória Pondé, inclusive. É porque a Glória Pondé não chega a desenvolver a pesquisa. Ela, como Diretora Executiva da Fundação, ela apresenta uma proposta de pesquisa, iniciativa dela, não era da Eliana.

**Pesquisadora - Isso você tem documentado? É possível eu ter acesso a esse documento?**

**Elizabeth** - Isso na verdade, isso é uma novela, porque isso um dia sumiu da Fundação, ninguém encontra, embora eu já tenha tentado várias vezes. Teve um período que teve..., que a gente conseguiu encontrar. Eu já tentei várias vezes ver se consigo buscar isso dentro da FINEP. Mas tem documentos. Se você tiver tempo, isso é possível. O problema é tempo. Bom, aí o que acontece, Glória então apresenta, mas a quem cabe desenvolver a pesquisa foi Eliana, porque era ela que estava, naquele momento, na Fundação. Glória tinha saído.

**Pesquisadora - Ela trabalha com pesquisa também.**

**Elizabeth** - Quem? Eliana?

**Pesquisadora - É.**

**Elizabeth** - Claro e elas eram amigas. Só que na época... [Elizabeth conta as circunstâncias da morte de Glória] ... Glória é que concebe a necessidade de uma política de leitura, inclusive ela relata isso. Eu cheguei a ler isso na justificativa do projeto. Isso surge no momento em que ela estava no COLE, em discussão. Então essa idéia surge ali. Ela então vai, ela toma a iniciativa e ela que apresenta a proposta da pesquisa. Quando o FINEP aprova, é 87, já Eliana já estava.

**Pesquisadora - É possível localizar esse projeto?**

**Elizabeth** - Eu tenho até o número desse projeto de pesquisa. Eu tentei resgatar isso, porque meu cunhado é da FINEP, mas aí é muita coisa pra fazer acaba você não fazendo o acompanhamento. Então essa pesquisa, a gente senta, eu e ela e por causa de Affonso, então a gente tinha um canal de poder apresentar uma proposta. Toda parte operacional, digamos assim, que é o meu perfil, eu desenhei junto com ela e a parte da fundamentação foi ela.

Apresentamos essa proposta, apresentamos à Biblioteca Nacional o Proler pra formação e aí a Fundação fez, inclusive na época, um convênio com a Biblioteca Nacional e nesse ínterim a gente tinha uma pessoa que era o reitor, o José Raimundo Romeu. O Raimundo era membro do Conselho Diretor da Fundação e Eliana sempre tinha dito que gostaria, como a gente, também, de ter um espaço pra ficar que não

fosse aqui e aí o José Raimundo um dia entra aqui e “Beth, você não sabe da maior, tem uma casa que vocês deviam pedir”. Isso tudo concomitantemente.

A Casa da Leitura que o Ministério da Previdência, o Ministério da Ação Social estava começando a vender..., foi no Governo Collor... começando a vender os prédios. Lembra dessa história?... Foi o primeiro a ser oferecido, aí eu disse: “Mas que casa?” “Não, fala com o Affonso.” Aí liguei pro Affonso. Affonso pediu a casa e a gente ganhou a casa e a casa então era pra ser da Fundação do Livro. Eu fui a primeira a entrar na casa, a ver a casa. Depois as coisas mudaram. Foi toda uma longa história.

O que aconteceu? Esse processo foi acontecendo e tal... até que um determinado momento teve 92, maio de 92 quando houve um grande evento na Biblioteca Nacional: foi criada a Câmara Setorial do Livro, aliás, recriada porque ela já existia bem antes. Tinha deixado de existir. É criada a Câmara Setorial do Livro com Affonso e tal, Ministro,... e naquela época eu já estava descontente com a forma que esse projeto que era da Fundação estava sendo levado por Eliana à Biblioteca Nacional, isso explicitadamente, abertamente. E naquele dia ficou muito claro que, pra mim, a Fundação não estava sendo considerada. E aí eu resolvi deixar isso claro e fiz um encaminhamento formal aqui e aí é que houve o rompimento, que você deve saber entre Eliana e eu.

**Pesquisadora - Mais ou menos ...**

**Elizabeth** - Aí eu rompi institucionalmente e tal , mas aí a Fundação, porque é importante eu contar isso, porque a Fundação se afasta, então, do Proler nesse momento.

**Pesquisadora - E você ficou na Fundação?**

**Elizabeth** - É, em todo momento eu fiquei na Fundação. Eliana vinha, estava comigo formalmente... ( inaudível) ... e a coisa estava se construindo, o Proler ainda não tinha concretamente se formado. E aí quando eu vejo que havia um projeto, era um projeto de caráter muito mais pessoal do que institucional, eu... não acho justo, avisei o Conselho Diretor, fiz uma carta e olha... e aí as coisas... como a Fundação naquele momento era muito pequenininha. Embora já tivesse um patrimônio muito

importante, histórico, a visibilidade dela era muito pequena e foi na fase do Collor, quer dizer, um momento terrível que a gente tinha muito pouco apoio, que a Fundação, é bom você saber, é uma Fundação de direito privado, sem fins lucrativos. Nós temos o prédio do Governo, mas não temos nada a ver com o Governo, a natureza jurídica dela é uma fundação privada sem fins lucrativos.... (inaudível) ....

A gente não tem um subsídio do Governo, o que a gente recebe é poder estar morando numa casa. A gente não paga luz, água, nem telefone e isso permitiu a gente estar chegando aos quarenta anos, mas do ponto de vista do subsídio foi sempre um recurso aqui, um recurso ali, um projeto, essa forma de viver bastante instável.

Aí saímos, afastamo-nos do processo do Proler que, enfim, de 92, quando ele é criado, até 96 ficou sob a coordenação da Eliana, de Gregório e passou também a tomar uma linha muito diferente daquela que a gente acreditava e que na verdade... é gozado porque o Contador de Histórias que é um divisor de águas entre nós, ele foi na verdade criado a partir da Fundação por mim e por Eliana. Isso é uma coisa interessante. Antes disso não tinha. Nós, porque somos do IBY, vimos, eu e ela, fomos à Venezuela vimos um brasileiro que fazia isso, que, na realidade, recitava e tal,... mineiro.... e aí passamos... Uma vez ele numa oportunidade de estar no Brasil eu chamei pra ele vir aqui ao Rio... conseguimos um apoio, houve um curso e isso que foi desenhando a Contação de Histórias com o povo aqui da Fundação, com mais uma outra pessoa e eu estava com o Nazaré e resolvi abrir uma atividade aos domingos e que tinha essa Contação de Histórias, então essa coisa foi muito desenhada por nós duas também, mas aí do ponto de vista do rumo que tomou, no Proler eu discordei totalmente. Acho que o caminho não é esse.

A Contação de Histórias é uma coisa que está dentro de um contexto da escola, como expressão de arte... agora você com essa responsabilidade que nós temos de formar leitores, num país como o nosso, você vai usar a contação de histórias como a maneira pela qual você vai formar leitores? Eu não acredito nisso, até porque, se fosse assim todo o Nordeste estaria leitor porque você tem os contadores de cordel e por aí vai.

Não estou negando toda uma questão histórica de oralidade... estou dizendo o seguinte: programa de governo, instituição que está preocupada com isso tem que

dizer uma verdade que é a seguinte: leitor se forma lendo e não tem outra maneira e por outro lado ou a gente acredita na força do texto e que ele é capaz de mobilizar as pessoas, fazendo que ela goste de ler, mesmo as crianças ou a gente não acredita, tá entendendo?

O Proler tomou um rumo muuuuuito acentuado e exagerado... exagerado que podia ter ficado mais em conta, em que as pessoas passaram..., e eu sei que quando eu ia até lá a gente viu isso,... as pessoas que na maioria das vezes não eram leitoras, a imensa maioria, achavam que com um curso poderiam estar formando leitores. Então a essência que é a leitura do professor que é isso que a gente quer, ela não estava sendo [considerada]. É fato que há exceções aqui ou acolá, mas então se estava dando um método para se ler e encantar as crianças. Esse é o princípio do [...] que é teatro, que é outra coisa. Então é o que eu digo, eu não sou contra o contador de histórias assim.

Eu fui a pessoa, junto com a Eliana, que promoveu isso aqui na base, na escola tinha. Então dentro de uma escola que trabalha com arte isso é ultrapertinente, uma coisa é isso, a outra é você criar profissionais para se tornarem contadores de histórias como a forma de formar leitores. Isso eu sou contra. Acho que até a palavra mediador, que a gente usa, às vezes, promotor, às vezes, me incomoda porque eu acho que na verdade você tem que estar formando leitores. Então se o professor é leitor ele vai ser um mediador. Então a função, de repente passou... a função, exercício de uma ação, passou a ter o nome de uma função, quando a função é ser professor. Já tem pesquisas sobre isso.

Eu me lembro da Sônia Kramer mostrando que [...] até os anos 60, o professor se identificava com a figura de leitor, depois ele vai justificar se gosta de ler ou não, se pode ler ou não. Então leitor e professor, professor igual a leitor, é algo que a gente tem que resgatar e essa é que tem sido a batalha. Então o mediador de leitura... cria... então, se cria uma outra figura, ao invés de fortalecer uma formação de que todos os professores têm condições de serem leitores, que é no que eu acredito. Então isso criou um ... (inaudível) ... , a gente deixou... (inaudível), aí acontece essa coisa política que você já deve conhecer porque que a Eliana saiu do Proler. Na verdade foi um artigo, não sei se você sabe disso...

**Pesquisadora - Sei, foi um artigo que ela escreveu criticando o governo e o Ministro Weffort queria que ela se retratasse...**

**Elizabeth -** Isso... que ela escreveu... isso.... exatamente...

**Pesquisadora - Eu ainda não tive acesso a esse material. Vou pesquisar depois na Biblioteca.**

**Elizabeth -** É ... queria que ela se retratasse e aí Affonso ao invés de pedir para ela se retratar, .... pelo menos foi o que eu soube, Affonso... [endossou a atitude de Eliana Yunes e também pediu demissão do cargo].

**Pesquisadora - É, isso é o que a gente sabe... O que tem por trás... ( inaudível, conversa paralela)**

**Elizabeth -** O artigo, eu me lembro bem do artigo. O artigo existe. Realmente. Criou uma crise... Por acaso, na época eu conhecia a jornalista do Ministro, então, Assessora de [...] enfim... Aí, estou eu... nunca podia imaginar, absolutamente nada, que eu ia voltar, ou que eu iria para o Proler. Isso não passava pela minha cabeça. Aí é escolhido o professor Eduardo Portella que me conhecia muito bem e conhecia a Fundação. E aí eu recebo um telefonema, em Petrópolis... fim de semana..., me convidando para fazer parte... Eu disse: “Nossa! que ironia do destino!”... E ele vem, então, com uma concepção muito [diferente em] tudo, ou seja, [...] eu fiz parte da equipe que criou o Proler, na verdade, eu e a Eliana somos as duas que criamos... aí como é que atuava nessa equipe.. (Beth consulta o roteiro da entrevista e retoma)

A crise de 92, então, o que provocou foi isso. [Há alguns comentários irrelevantes sobre a organização do roteiro da entrevista e Beth retoma]. Aí aconteceu o seguinte quem assumiu... o que o Portela traz de muito importante...

**Pesquisadora (interrompe): Aí já tem uma modificação, pois o Proler passa a ser administrado também pelo MEC. Não é assim?**

**Elizabeth -** Não, nunca foi administrado. Ele é do Ministério [da Cultura] porque Affonso saiu da Biblioteca Nacional [...], então é a Biblioteca Nacional que assume. O MEC, na verdade, é parceiro de recursos, ele é mero repassador de recursos. E aí o

que acontece? O Portella, então, desenha uma outra forma de administrar o Proler pela experiência dele de Ministro. Ele vai desenhar uma Comissão Coordenadora.

**Pesquisadora - Ele tinha sido Ministro do Figueiredo...**

**Elizabeth-** É. Ele vai desenhar uma Comissão Coordenadora em que ele convida cinco pessoas que representam trabalhos: uma é a Glória, a outra, eu, agora esqueci, porque mudou muito. A única pessoa que permaneceu fui eu, você vai ver... Aí ele dá ao Ministério da Educação duas cadeiras para o Ministro escolher e o Ministro delega uma à representante dele no MEC, aqui no Rio, que era Sônia Moreira, e delega outra a uma professora, [o Ministro Paulo Renato] ... delega outra a uma professora da UNICAMP, que nunca veio, mas não é difícil lembrar. Ainda outro dia eu falei sobre isso com Mariza...

**Pesquisadora - Mariza....?**

**Elizabeth** - Mariza Lajolo. E devo ter lá nos meus alfarrábios... Ela nunca veio... Então na verdade éramos eu, a Glória Pondé, está faltando a terceira pessoa que eu não me lembro, a Sônia Moreira e essa quinta pessoa. O que aconteceu: durante muito tempo ficamos sem a quinta pessoa, até que em determinado momento eu sugiro ao Portela indicar o Professor Emir Suaiden, de Brasília, bibliotecário... Ah, não,... já sei, acho que logo ele indica... já sei quem é a outra... é Kátia Carvalho, bibliotecária, que tinha trabalhado... baiana também... conhecia muito a Fundação, era colaboradora e tinha sido diretora da Escola de Desenho Industrial, a ESDI, e amiga, também, do Portela e aí a gente fica... o que acontece.. a Sônia Moreira quase não podia participar das reuniões e na época estava cedida uma funcionária da Biblioteca Nacional que é a Eliana Pszczol, que é hoje quem está na coordenação do Proler. Então a Eliana chegou a ter um pouquinho de contato conosco, mas foi esporádico, depois Sônia passou de fato a ficar, mas ela é substituída mais na frente. Aí quem é que é substituída é Sônia, depois de um ano e pouco pela presidente do FNDE, pela Mônica Meshemberg e esse fato foi muito importante pra Literatura Infantil porque nós nos encontrávamos todo mês e Mônica escutava muito a questão da literatura e acontece o seguinte, ela era muito ligada a Yara Prado. Antes disso (deixa eu fazer uma marcha a ré)....

Eu conheci Yara Prado porque em 98, acho que foi, mais ou menos em 98, antes da Mônica entrar, em 97, eu estive com a Yara porque eu fui a Brasília por causa do Proler, fui procurá-la pra falar sobre a Fundação e ela pediu pra gente fazer a seleção daquele... do que a gente chama que é *A Casinha*, que é a seleção de “cem títulos”. Então eu sempre digo que o Proler permitiu que a Fundação... e aí eu acho que aí foi a sabedoria do Portela, que conhecia a Fundação e me conhecia... de oferecer esse espaço à Fundação porque ele sabia da história, um espaço que felizmente eu pude aproveitar de divulgar a Fundação, de estar colaborando com o Governo. Então o que eu fiz: eu levei pro Proler a Fundação e falava do Proler quando falava da Fundação. Se você pegar a história você vai encontrar milhões de coisas, internacionais, inclusive, em que eu costurava os dois o tempo todo. Então eu beneficiei a Fundação com o contato e beneficiei a Casa da Leitura e o Proler com essa experiência de Literatura Infantil.

Se você lembrar, a Casa de Leitura não tinha biblioteca e é com a minha entrada que eu instalo duas bibliotecas lá, uma infantil e uma juvenil. Ela tinha umas salas de leitura, não tinha biblioteca. Essa preocupação foi de agora a administração anterior não tinha. Eram duas salas de leitura. Pra meu espanto não tinha... porque eu...Pra meu espanto, não tinha biblioteca, que eu achei que a Eliana iria fazer. Bom, mas aí com a história dessa comissão do Proler, o que o Portela pede? Pede que, dos cinco, ele queria que uma pessoa fosse a Coordenadora da Comissão, e fui eu. Então, por isso que eu estive o tempo todo, porque era eu que ia todo dia. Então como o meu horário aqui era de seis horas e eu sempre trabalhei muito mais, então deu tranquilamente para conciliar porque os objetivos eram idênticos e a gente pode estar alimentando os dois, fortalecendo os dois.

A primeira coisa que eu fiz foi levar o concurso *Melhores programas de incentivo à leitura*, que a Fundação tinha criado em 94... a primeira coisa que eu pus na mesa foi “ eu gostaria que esse concurso tivesse uma parceria com o Proler para que nós pudéssemos formar um concurso nacional”. E foi ótimo porque a gente pôde fazer isso durante todo o período de 1997 até 2002. Foi uma parceria e é ele que depois vai gerar o *Viva a Leitura* que foi baseado nisso Então a nossa... essa comissão se reunia todo mês e tinha... e eu ficava todo dia. Cuidava disso todo dia e a

gente foi ... essa por exemplo, essa questão da contação de histórias não foi uma decisão minha, foi uma decisão desta comissão. Todos achamos que o encaminhamento que a gente encontrou na Casa da Leitura com um número enorme de profissionais que trabalhava nessa linha não era o encaminhamento político que aquela Comissão queria dar. A gente queria focar na questão da escrita e da leitura. A gente, inclusive, incorpora a questão da escrita muito fortemente, a questão da biblioteca e a questão da leitura mesmo, tanto que lentamente eu consegui ir mudando o nome do curso de Contadores de Histórias para Curso de Leitores de Histórias. Então essa passagem é uma passagem complicada porque tinha um perfil... até as pessoas entenderem isso..., mas acabou se configurando e nós tivemos uma ação muito grande de formação no Rio e nas Secretarias dos municípios não só do Rio de Janeiro como de todo o estado. E ao longo do tempo a casa ficou, realmente, você deve lembrar disso, uma casa de formação de professores. Então se você lembrar a linha toda era em cima da questão [da formação do professor].

Ah, outra coisa, que gente introduziu, também, foi em relação a que todos os encontros, porque quando a gente chegou já tinha recursos do MEC pra fazer os encontros. O perfil dos encontros que nós encontramos era totalmente diferente do que a gente começou a traçar. Não só do ponto de vista conceitual, procurando cada vez mais terminar com essa coisa do teatro e da música, como também do operacional e aí resolvemos criar temas anuais. O Proler passou a ter temas anuais que eram usados por todos os comitês e uma coisa que a gente batalhou muito era que cada fim de encontro do Proler tivesse um documento escrito. Isso foi muito difícil porque as pessoas achavam que não tinham que escrever nada. Que contradição! Foi um processo educativo de terminar com um documento e esses documentos eram enviados para a sede. E no final do ano nós conseguimos, ao longo dos seis que estivemos lá, ou sete ( em 96 nós entramos em setembro) então começamos de fato a fazer a nossa ação a partir de 96, de maneira organizada e todos os seis anos tinha um tema e ao final do ano nós conseguíamos fazer uma reunião aqui no Rio, trazendo um representante de cada estado e isso era em sistema de rodízio para que todos estivessem presentes, os comitês. Muitos podiam vir, também, outros pagando a passagem, isso era muito comum porque vir ao Rio sempre foi uma coisa

relativamente fácil, a gente convidava e aí eles arrumavam a passagem e aí era uma semana inteira que a gente trabalhava as questões operacionais e se debruçava sobre essa discussão do tema.

Só me lembrando ... me lembrei.... de Jane Paiva que ficou comigo desde o começo porque Glória Pondé, (só voltando lá atrás), Glória não assumiu o cargo porque ela ia pra França, estava com uma bolsa pra França. Então eu disse: “Glória, mas quem você indica? “ Então ela era do PROALE, lá da UFF e me deu uma série de nomes. Pelo perfil que ela me deu eu procurei a Jane Paiva. Então a Jane passou, eu e Jane, no fundo quer dizer, eu que estava desde o início, nunca saí. Na verdade, Glória... Jane veio ocupar o lugar de Glória. E Jane é a outra pessoa que comigo, logo depois que Glória indica, toma comigo e fica comigo até o final. Então Jane foi muito importante, também, ...todos eles... porque Jane.... Ah! Já sei quem era a outra pessoa! Quando a gente...quando ele fala esses três, a Fundação... eu sugiro alguém da Associação de Leitura do Brasil. Eu digo: “Olha, eu li que quando Glória pensa isso foi no Cole.” E a Associação de Leitura do Brasil é parceira nossa há muitos anos. Tem menos dez anos que a gente, mas está nessa mesma luta, então quem estava conosco era o Percival, Luis Percival de Brito, que era o presidente e nos tornamos muito próximos. Era uma equipe muito azeitada. Nós discutíamos, brigávamos. Era ótimo, um exercício intelectual muito bom e tínhamos todos a mesma visão, não uma visão de muita discussão, mas de saber, por exemplo, qual era o foco. De saber que o foco era a questão da leitura, que o foco era a questão da escrita, que nós precisávamos de bibliotecas que tínhamos de centrar o foco na escola. Ah, essa foi uma diferença grande de um pro outro, porque havia, no outro Proler, quando Eliana coordenou, além dessa coisa da contação, uma coisa de desescolarização da leitura que era interpretada muita vezes de maneira equivocada e a gente sempre disse: “ Não, na verdade a leitura nunca foi desescolarizada, se você pensar em escola pública”. Como a gente imagina que tem que ser. E a coisa de ocupar os outros espaços e a gente teve muito claro e isso foi muito claro, talvez porque todos fôssemos pedagogos, de que o foco tinha que ser o aparelho institucional chamado escola, que é a maior rede de relações no país e que era esse que a gente tinha que estar fortalecendo sem negar que você podia estar fazendo

ações em qualquer outro lugar, mas tínhamos poucos recursos. Era um programa, não era ainda uma estrutura de Governo. Poderia acabar a qualquer momento, então o foco, a gente definiu o foco na escola. Essa foi uma coisa superimportante também. Então, aí voltando lá à Mônica Messemberg. Quando a Mônica, então, passa a conviver com a gente, passa a viver isso a aí conhece, também, mais a Fundação do Livro, eu sugiro a ela que ela vá a Bolonha, à Feira de livros que a gente vai todos os anos, que o MEC devia ir, que a gente sempre convidou o MEC, o MEC nunca foi e tal... O MINC, pela Biblioteca Nacional sempre apoiava. E Mônica foi e, por coincidência, foi o ano em que a Ana Maria é escolhida ganhadora do Andersen. Você sabe que a notícia do Andersen você só sabe, lá, na hora, ninguém sabe. Então nós não sabíamos quando a gente foi pra sala de anúncio, nós estávamos no estande, Ana ficou sentada. Ela não quis ir. Eu cheguei a ir, aí me deu uma angústia, e saí, fui pro telefone. Quando eu volto tinha uma pessoa que tinha ido comigo que gritou: “Ana ganhou!” Então foi assim uma emoção que aí Mônica percebeu o que é o mundo da literatura, o que é a Literatura Brasileira, qual é a sua importância e aí festejamos lá com ela. Estava na época o Waldir Martins Fontes, que faleceu, que foi o dono da Martins Fontes, estava o Luís Alves, da Global, tinha assim dez ou doze pessoas e Mônica viveu muito isso e eu disse: “Mônica, tá vendo? Tem que falar lá pro ministro.” Tanto que, nesse ano, era ano de Bienal de São Paulo e o ministro Paulo Renato fez uma homenagem a Ana, na abertura na Bienal de São Paulo. Isso acabou, de certa maneira... Yara Prado, Secretária de Educação Fundamental do MEC, já conhecia o trabalho da Fundação, porque já tinha contratado a gente, como te falei.....Que acontece?... Mônica vai levando esse testemunho e aí é que surge, inclusive, o “*Literatura em minha casa*”, um projeto que era da Fundação do Livro. O Literatura, ele na verdade surge... a Yara cria a partir do que eu conto pra ela que era um projeto nosso chamado *Ateliê do Artista* que a gente tinha aqui no Rio... você devia conhecer porque era pra Secretaria de Educação com apoio do Dia e a gente, então, eu tinha conseguido que o projeto tivesse dinheiro pra que cada criança levasse um livro pra casa, porque a gente sabia que as crianças não tinham livro em casa. Quando eu conto isso pra Yara, a Yara pega a idéia e desenha ... e aí é que surge o *Literatura em minha casa*, claro... com o perfil que ela deu. Tinha que ser uma

coleção assim... eu briguei muito...porque eu cheguei a dizer... eu cheguei a sair do grupo porque ela me convidou, era eu, o Percival. Eu dizia assim: “Não pode, tem que ser livro igual ao que as crianças que têm dinheiro têm, por causa da variedade de formato e tal... Não houve jeito e aí eu disse: “Vou sair”. Aí eles me pediram... que a Fundação tinha que ficar e tal... que eu tinha que ficar. Você sabe que lá no Proler, a gente aqui, no Rio, e incentivou em outros locais, que a gente sabia que o professor não estava... se ele não fosse leitor, ele não ia receber aquilo direito, então a gente estimulou muito que o Proler criasse as condições, apoiasse o recebimento desse livros, então muitos Proler, pelo país, deram esse suporte. Nós, aqui, fazíamos uma reunião mensal com as escolas que quisessem pra um passar pro outro o que é que estava fazendo. Infelizmente.... o Cristóvão Buarque deu continuidade, mas depois que ele saiu, terminaram o programa com a desculpa que não sabiam se as crianças estavam lendo ou não. E até hoje quando eu vejo, porque ainda aparece. Outro dia tinha um menino... não sei se você lembra, o ano passado tinha um greve de professores, em Nova Iguaçu, e tinha um menino que foi entrevistado e disse: Ah, eu queria estudar porque eu quero fazer ... Eu sei que a TV Globo pegou aquela imagem e levou o menino pro o Fantástico e aí aparece a casa da dele. Quando aparece a casa dele (e eu conheço todos os livros) eu olho e o que ele tem na mão? Um livro do *Literatura em minha casa*. E aí tem vários exemplos desse. Bem o que que aconteceu? Com essa proximidade com o FNDE esse trabalho intenso, que a gente trabalhava bastante, acreditava nisso, quando gene termina o governo A gente consegue terminar o governo com um acordo com o MEC e isso é uma das coisas que eu mais lamento, a gente consegue terminar o governo com o MEC dizendo: “O braço executor de política de leitura do MEC é o Proler”.. Está entendendo? Por que o MEC não pode executar, mas ele reconhecia no Proler isso. Isso, na prática, nunca aconteceu. Porque aí, todos esses seis anos que eu te falei, que a gente tinha um tema, que a gente chamava as pessoas pra virem ao Rio e aí a gente discutia e cada ano tem um documento que reflete o pensamento de, você pode dizer, quase sessenta mil professores ao ano, bibliotecários, sobre aquele tema, dizendo o que que tem que fazer, está entendendo, então nós temos seis documentos. Isso foi absolutamente (inaudível) e eu quando muda o governo, eu já conhecia o Galeno que tá aí, eu

conhecia o Galeno porque ele já tinha chamado a Fundação pra gente ir lá, quando ele começou a fazer Feira de Literatura, depois ele sumiu e, então, eu fui (inaudível) então eu já conhecia e aí quando eu saio do Proler, quem ficou no Proler como também era prestadora de serviço...mas ficou, eu entreguei ( eu não tinha, eu nunca cheguei a ter cargo de confiança) na verdade eu era prestadora de serviço, por uma nomeação do Portela e nunca cheguei a ter cargo de confiança oficialmente, mas era como se tivesse o cargo de confiança e aí Cintia Rodrigues, que trabalha aqui, que trabalhava comigo, na época, ficou um pouco aguardando. E eu nunca me esqueço que ela disse: “Um tal de Galeno que está pedindo os documentos, o que que eu faço?” Eu disse: “Dá, porque o governo mudou, pelo menos ele é lá do Palocci, alguma coisa vai acontecer. Aí depois teve toda uma história e aí então morre o Wally Salomão e o Galeno ocupa esse espaço. E nunca oficial. E é uma pena porque eu sempre dizia: “Olha, estão aí os documentos, tá aí. Eu esperava que esse governo fosse dar continuidade, mas também outra coisa importante a dizer, tem muita coisa pra dizer, mas nesse período em que a gente assume, quando a gente chega no Proler, tinham quarenta comitês oficialmente formados. Claro que cada comitê tem um raio de outros. E uma das coisas que a gente fez que não existia eram os contratos, os convênios com instituições, também foi uma coisa muito clara na nossa gestão, que as relações oficiais não poderiam ser com pessoas, que havia muitos casos de pessoas. Tinham que ser institucionais. Não é nada simples isso, porque o governo muda, o (inaudível) muda, mas a gente... foi um ponto de honra nosso também, foi ter isso com muita clareza. Quando a gente sai, nós tínhamos 82 comitês formais criados, constituídos, nós duplicamos isso e, claro, com um raio de ação muito mais amplo porque cada cidade tinha ( inaudível). Nós elaboramos um documento, que até hoje está válido que é... (na fase da Eliana teve vários documentos, mas nós, quando chegamos, fizemos um pequeno documento, são as diretrizes do Proler)<sup>6</sup>. Não sei se você tem. Se você não tiver depois eu posso te arranjar.

---

<sup>6</sup> Esse documento foi a compilação das diretrizes do Proler 1992-1996, elaboradas por Eliana Yunes e que, após algumas alterações para adequá-lo às novas regras, foi publicado como se de autoria de Nilma Lacerda.

**Pesquisadora - Acho que não tenho, não.**

**Elizabeth** - Não tem, não. Eu te arrumo isso, porque ali inclusive.... esse documento depois a gente chamou, inclusive, eu e Nilma... a gente queria criar uma coisa com referências teóricas e não tínhamos tempo, então a nossa proposta foi chamar a Nilma Lacerda, pra Nilma ficar conosco, acompanhando esse trabalho. Então Nilma ficou dois anos lá no Proler, nos horários que ela podia pra colher as nossas falas pra entender a estrutura e ela traçou, então, um documento, que é o documento oficial de princípios teóricos do Proler, no que que a gente está baseado. São esses dois documento importantes que você precisa ter. Esse dois são superimportantes e as tais seis resoluções, quer dizer, seis documentos que configuram a opinião de todos os comitês sobre temas que a gente estava colocando. Tem outro documento, também, que eu fiz junto com uma bibliotecária que trabalhava conosco, na época Maraney, e a parte conceitual pedagógica foi feita por mim e a parte técnica foi feita por ela. Chamou-se Biblioteca da escola. Nessa linha de fortalecer a questão da biblioteca que a gente na nossa gestão fez questão de fazer aparecer muito e também há uma diferença muito grande em relação à outra gestão porque não havia a figura da biblioteca. Era uma coisa que a biblioteca estava em cada um, tinha todo um material. Isso é fácil ver nos documentos anteriores. Bem, então... ( Beth retoma o questionário)

O Proler hoje está da seguinte maneira. Quando ele vem tem toda uma trajetória. Cíntia, por exemplo, é uma pessoa que acabou sendo nomeada Cordenadora do Proler por um período até julho de 2005, quando ela sai e eu chamo ela pra vir trabalhar comigo, porque a gente se conhecia muito antes e tal, mas ela tem um momento em que, na reformulação do Ministério da Cultura, uma coisa que o Portela tinha começado e que o Gil conseguiu fazer foi colocar o Proler na estrutura da Biblioteca Nacional. Isso é um ganho importantíssimo era uma coisa que a gente queria, quer dizer, ele não é um programa, embora o nome se mantenha. Ele está na estrutura da Biblioteca Nacional. Então isso é um negócio superlegal. E aí teve nesse... parece que assumiu não me lembro direito quem assumiu... a Lea.. teve um momento.. Aí o que que acontece? Pedro Corrêa do Lago, estou falando da gestão Pedro Corrêa do Lago. Aí o Pedro sai e assume, no final do ano, Muniz Sodré.

Muniz Sodré tem como Diretora Executiva dele, Célia Portela, que é a mulher do Portela, que conhecia a história toda da Fundação superbem e que aí nos procura pra gente dar mais um apoio. Nessa altura o Proler já estava... O Proler se mantém pelas pessoas, quer dizer, ele formou uma rede de trabalhadores em prol de um objetivo, sem receber nada mais por isso. Não que as pessoas sejam voluntárias, eu sempre faço muita questão de diferenciar, porque são todas empregadas ou na Universidade ou na (inaudível) seja onde for. Elas agregam à sua função essa bandeira. Então ele é um movimento. Eu me lembro que o Wally Salomão tinha assumido e eu tive oportunidade de conhecê-lo, então eu entreguei pra ele uma pasta e disse: “Olha ( e fui conversar com ele aqui embaixo) isso é algo de muito precioso. Não deixa isso morrer. Está entendendo. Porque custa barato, infelizmente os recursos eram... você tem que ter mais dinheiro, mas fica com isso e cuida com carinho.” E ele tinha ficado encantado ele já estava, inclusive fazendo o local de trabalho dele lá. E aí morreu. Então, como está hoje o Proler? Quando assume o Muniz Sodré, ele cria, então, não uma comissão coordenadora, mas cria um Conselho Consultivo do Proler e nomeia nove pessoas: uma delas sou eu. Eu, Mariza Lajolo, Emir Suaiden, Kátia Carvalho, que depois também fez parte nossa comissão, Jane Paiva, Ira Maciel, que eu acho que é a única pessoa nova, Nilma Lacerda, uma bibliotecária da Biblioteca Nacional e a Eliane Pszczol, que é aquela que eu te disse que tinha me apresentado, por quê? Porque a Eliane Pszczol é do quadro da Biblioteca Nacional. Ela estava cedida à UFRJ e como o salário é, digamos assim, muito baixo, ninguém estava querendo aceitar o cargo. Então tinha que ser alguém que fosse do quadro da Biblioteca Nacional e que com isso tivesse um DAS pra poder se dedicar. Então este conselho... Eliane Pszczol passou a desempenhar a função que eu desempenhava e esse conselho passou a se reunir... deveria estar se reunindo mais freqüentemente. Isso foi em 2006, maio de 2006, e a gente consegue fazer um encontro nacional em maio, aqui, pra aos poucos retomar, mas o ano foi muito complicado, seja por causa de greve, seja porque não estava muito claro as funções, os recursos. Era quase que um reerguer... A própria administração, Pedro Corrêa do Lago tinha deixado uma série de problemas, e aí tinha toda uma coisa de Controladoria Geral da União, lá dentro, enfim, bastante complicada e depois, em 2007 isso ainda se mantém e quando é no

final do ano há uma nova decisão executiva da Presidência em que (aí por orientação de burocracia lá, porque o Proler está ligado, acho que..., à Coordenadoria do Livro da Leitura, então quem ficava nesse nível era o Elmer Barbosa. O Elmer saiu disso e aí entrou uma pessoa indicada pelo MINC que se chama Jefferson. E esse é o coordenador, hoje, desse setor que eu acho que é do Livro e da Leitura, não lembro direito, mas ele está mais em Brasília, mas o Proler ficou ainda na Biblioteca Nacional. Então por causa dessa modificação... ah, porque, sim... a portaria que nomeava o Conselho dizia que o PNLL estava afeto à Biblioteca Nacional e ao Proler. Com esta mudança, sai Elmer, entre Jefferson, Jefferson está ligado a Brasília, o PNLL sai das mãos do Proler. Então teve que ser refeita uma portaria e essa portaria reconduz mas cria duas novas figuras que não havia antes. Cria um Presidente desse Conselho e um Vice-Presidente a quem a Coordenação tem de estar dando satisfações. Então muda um pouco o feitio. Então nós estamos assim. São as mesmas pessoas só que a presidente nomeada é a Mariza Lajolo, ela é a presidente, que é uma grande notícia ela ter aceito isso, e se engajado nisso e eu sou a vice-presidente, indicada pelo Muniz. Então eu e ela... Eliane Pszczol continua coordenadora executiva lá. Então a gente vem tentando, já tivemos duas reuniões esse ano, no sentido de estar dando, estar contribuindo para que isso ocorra, para que... isso pode estar tendo mais ...ano passado fez quinze anos, a gente tinha planejado fazer uma série de coisas, não conseguimos e, por exemplo, a questão da formação que era uma coisa que a gente sempre lutou com muita ênfase na formação e a gente já tinha...quando a gente saiu, nós tínhamos cursos de 40 horas financiados pelo MEC, então as pessoas nos mandavam as propostas de curso de seus locais, não pra ir ninguém lá, a gente aprovava e pagava o profissional do local. Isso estava dando tão certo! E eles estavam pedindo agora que se ampliasse pra 60 horas, então tem uma demanda e a gente sabe disso. Mas foi uma pena que se perdeu nesse governo, no início de governo e agora a gente está tentando ver se recupera isso, utilizando, inclusive a Internet. O projeto esse ano é a questão da leitura e as novas tecnologias, pra ver se a gente se apropria dessa nova tecnologia pra estar multiplicando. Deixa estar que lá no final da nossa gestão, nós chegamos a fazer um curso a distância com Mariza, com Nilma. Era uma coisa arrojadíssima, porque era

2001. Isto ainda não estava... Enfim a gente está tentando, é uma pena, precisa de recurso, os investimentos são muito poucos. Eu sempre digo, que as coisas no país, quando são importantes, têm destinação orçamentária expressiva e as pessoas disputam lugar, coisa que não acontece no Proler: nem tem dotação expressiva, nem tem ninguém disputando. Então eu acho que isso é sintomático. Agora sem dúvida o Proler quando eu falei que costurava a Fundação com o Proler, eu viajava, como vou pela Fundação a Bolonha pra congresso, então eu falava do Proler. As pessoas ficavam muito impressionadas. As pessoas conhecem e a gente vê com muita pena que realmente perdeu muito espaço e se mantém porque os soldados lá estão batalhando e uma coisa que a gente levou com muita ênfase na nossa participação no Proler, enquanto fui eu que estava na Fundação, o tempo todo, foi a questão da Literatura infantil que já existia antes, existia, mas a gente pôde estar levando muito, porque cada encontro que a gente planejava, a gente reestruturou era assim: pra cada comitê a gente pagava um ou dois especialistas passagem e pro-labore e pagava profissional de lá e eles sempre tiveram a responsabilidade de ter que assumir, o resto do custo era deles. Então isso foi muito importante porque testemunhos... vale a pena até você entrevistar Bartolomeu... Bartolomeu foi um... Bartolomeu vem desde a época de Eliana. Ele continuou comigo e você vai ter, por exemplo, também outros: Rogério Andrade Barbosa, Anna Cláudia Ramos, Roger Melo, essa turma toda viajou, Nilma Lacerda viajaram muito no nosso período pelo Proler e com esse foco que eu estou dizendo na questão da leitura. E nunca vou me esquecer que eu estava num encontro no Maranhão, em São Luís e ninguém tinha ouvido falar em Bartolomeu Campos de Queirós e ele estava lá. Nunca me esqueço disso. Você vê como as distâncias... Então, o Galeno pôde levar esses autores porque nem sempre os editores podiam estar bancando essas idas longínquas, até porque estava ligada à venda de livros então o Proler foi, sem dúvida nenhuma, um articulador de experiências. Eu sempre dizia que a função era muito essa: uma política de articulação do que já existia. Nós não estávamos inventando a roda, nem era essa a proposta. A proposta sempre foi de aglutinar esforços, de chamar a atenção do poder público. A gente, inclusive, conseguiu fazer, mas acabou não tendo tanto repercussão... Eu sempre acreditei na importância da televisão, até porque a

Fundação tem a experiência da Ciranda de Livros que foi veiculada pela televisão, levava a imagem... A gente chegou a propor esquetes de promoção de leitura na televisão, chegamos a fazer uns dez esquetes, mas acabou que a gente não conseguiu veicular, talvez até pela qualidade do produto que a gente fazia, que era fraco. E a questão do Concurso que a Fundação levou, que eu levei pra lá, que durou aqueles anos todos... Quando a gente saiu eu cheguei a mandar carta pro Pedro Corrêa do Lago, dois anos seguidos, pra ele continuar com o concurso. Ele não quis, nunca me respondeu e a gente então continuou aqui. Já estamos na 13ª versão do concurso e o projeto Viva a Leitura, do Concurso é isso. É baseado no nosso. Então, sem dúvida o Proler tem um valor histórico muito grande, eu acho que a Fundação [fez o seu papel]. De modo geral. Você vê que a questão das bibliotecas é um horror! É essa articulação Educação e Cultura que é revolucionária. Sem ela você não dá o salto.

**Pesquisadora – Elizabeth, agradeço a oportunidade de entrevistá-la e aguardo o material que me prometeu acerca da criação do Proler.**

#### **9.1.5. Francisco Gregório da Silva Filho<sup>7</sup>**

**Pesquisadora - Gregório, gostaria de ouvir seu depoimento sobre o Proler. Você pode seguir o roteiro do questionário que lhe enviei por e-mail ou pode narrar a partir de suas lembranças. Faça como achar melhor. Eu estou aqui para ouvir sua história.**

**Gregório -** Algumas coisas a gente pode fazer referência a partir desse roteiro. É um pouco diferente do relato que eu fiz, escrevendo ali, naquele texto (aponta para um documento que me dá.)

Como eu disse, eu mesmo posso contar essa história de diferentes pontos, de diferentes ângulos e aí nós vamos contando e escolhendo os ângulos, as abordagens,

---

<sup>7</sup> Formação em Artes Cênicas, Leitura e Rádio. Técnico do Setor Educativo da Fundação Biblioteca Nacional, cedido, atualmente, ao Paço Imperial/IPHAN. Contador de Histórias.

as questões que na hora ocorrem, mas mesmo no texto escrito e com essa minha fala as questões de que eu possa falar não estarão esgotadas, poderão vir outros em outro momento, de uma outra maneira, numa outra versão. Então eu vou seguir um pouco o seu roteiro.

A primeira pergunta que você formula aqui, no seu questionário é:

**Pesquisadora - O que o Proler significou para sua vida profissional, acadêmica e pessoal?**

**Gregório** - Na minha vida profissional ele alterou, ele mudou, ele transformou, até porque eu não tinha intimidade com essas questões. Fui criança, fui leitor em casa, mas a escola me inibiu muito com os livros. Em poucos momentos, na escola, eu tive uma relação prazerosa com o livro. E fui reencontrar os livros a partir do teatro e aí retomando com a leitura da dramaturgia universal e da dramaturgia brasileira eu reencontrei o prazer de ler e retomei a leitura da literatura dos romances, da poesia e escrevi em alguns livros esse meu relato. Mas foi a partir de 91 que eu fui participar da equipe do Proler, que eu passei a ter o interesse objetivo, direto, nas questões e fui aprendendo, fui aprendendo com a Eliana Yunes, com o Affonso Romano Sant'Anna e com a equipe. Maria Luiza Lut, Marilu, foi pra mim, também, importante professora, Flávio Carneiro, Marília Amaral, a equipe que eu encontrei no início do Proler.

Das questões teóricas propostas, penso que..., das questões substantivas, teóricas, penso que eu trouxe para a conversa da equipe do Proler, trouxe a importância das linguagens artísticas. Junto com a literatura, as linguagens da dramaturgia, do teatro, da expressão artística, com imagens, as plásticas, as dramatizações e brinquedos, as brincadeiras de roda, as brincadeiras de menino e menina, as cirandas e, acho que essa minha presença, como eu venho de um meio,... de um grupo popular, acho que eu trouxe a presença da cultura popular, do folclore, do cantar, dançar, brincar, no fim contar histórias. Que eu já encontrei a Eliana com essa proposta, mas como eu vinha do teatro, trazia também uma experiência das narrativas. Desconfio, ... suspeito, que eu possa ter contribuído para que essa equipe do Proler tivesse uma crença, uma fé que o trabalho com as linguagens artísticas,

especialmente as linguagens da cultura popular, da expressão artística popular, poderia ampliar a relação de comunicação da proposta teórica, pedagógica, com os diferentes grupos com que íamos conversando pelo Brasil.

Viajei muito, descendo pela Bahia, Minas... um estado muito especial foi o Rio Grande do Sul, também Espírito Santo, viajei muito pelo Nordeste. Da minha experiência, inicialmente o Nordeste era o mais desconfiado. Aquela pergunta: “Mas o Governo está interessado em promover a Leitura? Com que premissas, com que questões, quais os interesses?” Encontrei essa desconfiança no Brasil inteiro, especialmente no Nordeste.

Viajando para conversar com os administradores, os acadêmicos nas Universidades, muitas vezes eu sofri com gestos, atos preconceituosos e discriminatórios. Em alguns momentos, como eu me apresentava representando a Fundação Biblioteca Nacional, um acolhimento mais flexível, mas como em alguns lugares as pessoas achavam que a Biblioteca Nacional era muito Rio de Janeiro, muito cantinho... E também as pessoas achavam que até a Biblioteca Nacional era vinculada à Academia Brasileira de Letras que nem consideravam como um órgão público, pertencente à administração pública federal. E aí olhavam para entender o que era a Biblioteca Nacional, por que ela vai sair lá do cantinho dela de guardar livros, trabalhar com grupos de pesquisadores especializados para vir conversar com o povo, com a população de outras regiões do país.

Então essa questão primeira que eu tive que enfrentar e como eu tenho uma linguagem, uma maneira de articular o meu discurso bem popular, em alguns momentos isso ajudou na comunicação. Em outros, sofri preconceitos. Mas foi... havia essa área ... a sociedade toda entende que é importante (promover a leitura), agora ela não entende é que precisa de gestos, de atitudes, de ações. Ah! O livro ... a leitura é muito importante, mas que gestos... que iniciativas tomar? Então estávamos propondo essas atitudes, esses gestos, exemplos. E queríamos dar visibilidade para gestos de exemplaridade, que a leitura fosse entendida para além da escola e para além da academia, para além da universidade. Que fosse acolhida em espaços de feiras, mercados, espaços comunitários centros comunitários, centros paroquiais, de convivência com os trabalhadores, sindicatos. Esses espaços iniciais foram formados

com dificuldade, mas foram conquistando a simpatia e os simpatizantes é que moveram e comoveram os segmentos para as parcerias, os segmentos institucionais. Um pai de família, uma mãe de família, um trabalhador, porque eles viam como uma respiração, uma esperança, trabalhar, brincar, estudar, aprender e aí a leitura.

O Proler sinalizava estar com o grupo, estar com o outro, ler em voz alta, ouvir histórias, contar histórias, ler na profunda quietude, no silêncio, no intervalo do trabalho, descobrir que nas páginas dos livros em brincadeiras, tem poesia, tem vida humana ali contada, com as pessoas superando os obstáculos na vida, as dificuldades. Então a nossa presença começou a ser vista como esperança e essa esperança foi conquistando simpatia, parcerias em grupos acadêmicos e em grupos comunitários, populares e até a simpatia de pessoas, inclusive analfabetas, como lavadeiras, estivadores, trabalhadores rurais e aí nós brincávamos, cantávamos, contávamos histórias, ouvíamos relatos, vivências, experiências, as dores humanas, muitas dores. Tínhamos uma escuta para isso e aí relacionar essas dores com os textos que já estavam escritos, que são as dores humanas desde antigamente.

Os textos ajudam você a entender como os homens vêm superando, enfrentando, como que eles fracassam, nós seres humanos fracassamos. Como nós, seres humanos, somos vitoriosos e superamos. Esse entendimento das nossas derrotas, das nossas vitórias, isso gerava uma simpatia!!... Eu tomei muita cachaça em botequim com os amigos, comi muito torresmo, salgadinhos, bolo na casa das pessoas com café, com chá.

No Brasil, em muitas casas, o café... você está percebendo que eu tomo café sem açúcar, sem adoçante... mas eu tomava o café doce, que era muito adocicado o café. No centro-oeste, no Amazonas, no Nordeste, o café vem com muito doce, muito açúcar e eu tomava aquele café com a maior alegria pra poder participar das rodas de conversa, conquistar essas parcerias. Então, tanto nos gabinetes, com as autoridades como também nos espaços populares, familiares, espaços de trabalho... [Você pode interferir, fazer intervalo...]

**Pesquisadora - Gregório, o que você considera que tenha sido a marca mais forte do Proler?**

**Gregório** - Acho que foi essa inclusão em que... inclusão de esclarecer que um trabalhador que não fosse da escola também podia se um mediador, um incentivador da leitura, desde que ele também se interessasse em se tornar, em se formar, em aprofundar suas leituras. Então essa marca do Proler pra mim foi, no meu ponto de vista, ... foi muito forte porque ela é inclusiva. É aquela idéia de “nenhum a menos”, e a qualidade ia depurar, vinha com as trocas, com os encontros.

**Pesquisadora - Como você se relacionou com a linha teórica do projeto?**

**Gregório** - Flexibilizando, não deixando que essas linhas teóricas endurecessem.

**Pesquisadora - Qual a importância dos módulos, no seu entender?**

**Gregório** - A importância dos módulos era a oportunidade para os encontros, as trocas, a convivência, o conhecimento, o aprofundamento. Acho que os módulos tinham essa importância. Era o momento do encontro de um grupo maior, da convivência, da troca.

**Pesquisadora - Onde começaram os módulos?**

**Gregório** - Nós começamos em Vitória da Conquista, foi o primeiro módulo. Tinha uma pessoa que era a puxadora, a Heleusa Câmara. Eu digo que nós começamos lá porque Heleusa era amiga dos prefeitos. Ela tinha namorado a maior parte dos prefeitos. Então nós chegávamos nas prefeituras e: “a Heleusa Câmara”. Os prefeitos abriam as portas. Eles eram primos, conhecidos e tinham sido namorados dela, então esse aspecto... eu fui acolhido, a equipe... inicialmente... eu conto isso, as pessoas acham que eu estou pilheriando, virou anedota mas é nesse ponto de vista... Não era porque a leitura era importante, aí o prefeito abre a prefeitura, não! É porque era a Heleusa. Heleusa era muito bonita, muito falante, poeta e muito sedutora. Aí nós íamos nesse barco... e no Rio Grande do Sul, em Passo Fundo, também era a autoridade da Tânia Rosing. A Tânia é que abria as portas, nas prefeituras, que a Tânia, ela tinha poder de... autoridade, de sedução, de... e assim também em Minas, na região de Viçosa eram as pessoas sedutoras, era o Marcelo Andrade, a professora da Viçosa que eram sedutores. A minha... o meu ponto de vista ...e uma fala assim

mas sem a rigidez ....sem... da ciência, mais do ponto de vista da cultura, nós fomos ganhando espaço também por causa dos parceiros, dessa relação dos parceiros que já atuavam nas regiões...

**Pesquisadora - Eu conversei com a Dolores e ela fala que já havia um trabalho de promoção da leitura que ela coordenava em Mombaça e que era normal que existissem as escolas. Vocês fizeram, então parcerias com essas prefeituras?**

**Gregório -** É e certamente foi ampliado, certamente foi ampliado e melhor aprofundado. Nós contávamos muito com esses parceiros, algumas lideranças comunitárias, lideranças....sindicatos, lideranças... nas escolas, Um profissional importante e com quem nós contávamos eram os bibliotecários. Muitos bibliotecários entendendo que na sua função de organizar a informação tinham também a de... o compromisso com a difusão, com a divulgação e até hoje uma parcela dos bibliotecários tem ciência desse papel. Encontramos alguns bibliotecários interessados, até porque uma maioria das vezes nos lugares a biblioteca era muito desconectada na vida social, cultural, política na região, na cidade e aí (havia) a possibilidade de a biblioteca se tornar um centro vivo, um centro de cultura, um certo de formação e eu alinhavava as bibliotecas, assim como as escolas, os centros culturais, os museus, os centros comunitários como centros produtores que incentivavam a criação, centros de fruição que promoviam o acesso, a circulação dos materiais com a população, com os leitores, centro de produção, centro de criação, centro de fruição, centro de formação de mediadores, centro de difusão, de divulgação, centro de registro para o trabalho com a memória, centro ..... centro de democratização do espaço, da convivência, na direção da inclusão ....que é, na minha opinião, também , uma maneira de .... uma maneira de distribuição de renda, distribuição de informação, distribuição de acesso, de oportunidade, descentralizado, pode centralizar essa.. esses direitos da população, direito político, direito social, cultural. Bom, deixa eu pular para outra (pergunta) para ver se faço alguma conexão aqui na minha fala.

**Pesquisadora - A seqüência teórico-metodológica era clara?**

**Gregório** - Em alguns lugares aquela seqüência era pertinente, em outras surgiam outras hipóteses, mas aí a equipe refletia, permanentemente, pensava sobre isso.

**Pesquisadora - Qual a importância dos encontros nacionais?**

**Gregório** - Os encontros nacionais eram importantes, necessários, para essa articulação com a política pública do país. È lamentável que não tenhamos uma política tão mais contundente, vibrante que não basta uma política corretamente pensada, registrada nos papéis, mas uma política pública na área de leitura vibrante, que produza mobilizações nas comunidades

**Pesquisadora - E quanto à articulação latino-americana, chegou a ter repercussão?**

**Gregório** - Uma repercussão pequena. Ainda os governos dos países [não estavam tão envolvidos], mas eu cheguei a ir a alguns países e ver também experiências dos nossos vizinhos da América-latina. É importante.

**Pesquisadora - Quais as memórias mais significativas em relação às ações e aos eventos?**

**Gregório** - As memórias mais significativas são os depoimentos das pessoas, no processo de transformação. Elas estavam se transformando, se alterando e o interessante é que como as ambiências, os ambientes e as ambiências eram amorosas, afetivas, a vibração era muito terna, de muita ternura e aí, isso vem com os cuidados, cuidar de quem é parceiro, cuidar do outro, cuidar de si, e aí melhora até... até o gosto do café melhorava para incluir o maior número de pessoas

**Pesquisadora - Você pode citar algum fato relevante?**

**Gregório** - Ah, eu cito vários, inclusive escrevo sobre isso. Você vai levar ( texto e livros)

( Gregório me entrega alguns livros de sua autoria.)

**Pesquisadora - Quanto à questão da política de leitura: Quais as bases? Quais as articulações?**

**Gregório** - Aí também nós temos registro sobre isso

**Pesquisadora - Que parcerias foram feitas?**

**Gregório** - Eu posso citar as parcerias mais inusitadas. As imprevisíveis, profissionais, enfermeiras mobilizadas, barqueiros mobilizados, pescadores, e além desses segmentos mais envolvidos: professores, bibliotecários, escritores que foi bonita a adesão de trabalhadores, de segmentos da população que estavam se sentindo excluídos nessa área.

**Pesquisadora - Quanto à interrupção em 96, quais as conseqüências?**

**Gregório** - As resistências, os inimigos foram muitos, foram muitos, inimigos poderosos, de vários ângulos, assim com a sociedade é constituída. São muitos interesses, muitos poderes e aí a complexidade humana. Às vezes uma reistência por um sentimento de ciúme, de inveja ... ou de cobiça, de ambição. Disputa pelo poder, de status, Ih, nós encontramos muito isso. Mas o que gratificava, dava satisfação era o lado positivo, o lado bom.

**Pesquisadora - Alguma correção foi feita no processo?**

**Gregório** - Acredito que sim. A todo momento. Outras seriam necessárias, mas isso vem com o tempo mesmo, com a permanente avaliação, reflexão. Eliana tinha essa preocupação. Eliana era exigente, o Affonso também. O Affonso era um grande incentivador, animador, mas ele também pedia reflexão sobre o processo, sim. E a equipe uma pessoa a Nelly Duffles, a Marilu, a Lúcia Helena, participando e aí muitos. No início éramos seis pessoas. Em 96 quando nós concluimos nossa temporada, nossa fase, em agosto de 1996, nós éramos 70 pessoas, distribuídas em centro de formação, centro de documentação, centro de difusão, centro de práticas leitoras, então tinha um trabalho com a memória, com o registro, com a documentação, um trabalho com esse acompanhamento na formação, na qualificação. O trabalho também de experimentar diretamente para que o discurso

tivesse sempre essa ponte, conectado com as práticas, por isso o centro de práticas leitoras, na Casa da Leitura. E a Casa da Leitura ... O Proler era no porão da Biblioteca Nacional depois veio a casa da leitura. Na casa da leitura eu não tinha muita clareza, isso também é minha opinião, como eu tenho hoje. A Casa da Leitura... o grande sucesso da Casa da Leitura é que ela não tinha a intenção de ser uma biblioteca, então o principal personagem, o propagandista era o leitor, então o leitor era acolhido com as leitura que trazia e com as outras que ele poderia produzir e trocar, adquirir. Então essa casa da leitura que valorizava especialmente o leitor, que não tinha idéia de ser biblioteca, ... biblioteca de guardar livro mas de um espaço em que o livro circulava nos corações, nos olhos, nas mentes, nas mãos das pessoas, então a casa da leitura era um espaço vivo, um centro de práticas leitoras, um centro amoroso e conquistou a simpatia da vizinhança, a simpatia de jovens, de crianças, dos pais, professores, educadores, das pessoas que iam no final de semana para ouvir contar histórias, para ler, para brincar, ver um filme, ver um vídeo, ver um documento e conversar depois sobre... A casa de leitura era esse centro de práticas leitoras em que as experiências eram desdobradas....

**Pesquisadora - Na sua opinião, o que definiu a resistência do Proler (1992-1996)?**

**Gregório - Resistência?... À ruptura?**

Muitas pessoas que estão nas cidades. Porque criaram um falso conflito que Eliana nas suas falas Eliana dizia que o país precisava desescolarizar a leitura, desescolarizar e ampliar a leitura para além da escola, para outros espaços na comunidade, além da escola e não retirar o papel da escola na função de promover leitores, mas aí algumas pessoas pegaram essa imagem, essa palavra desescolarizar para criar um falso dilema e aí essas pessoas é que assumiram depois o Proler com essa e radicalizaram. E essas pessoas que assumiram chegaram com muito ódio, e aí lamentavelmente destruíram o centro de memória, o centro de documentação. Depois... esse material que eu estou trazendo para você eu coletei depois no lixo e eles jogaram no lixo e alguns vizinhos apanharam na lixeira e passaram depois pra mim, então este material que você está tendo aí, agora como documento ele está

podendo circular porque esse material foi coletado no lixo pelos vizinhos da casa porque a equipe que assumiu destruiu esse centro de memória, esse centro de documentação. Quando você vem muito raivoso, vem destruindo, então isso foi lamentável e essa irradiação para o país de que uma coisa muito errada estava sendo feita e que uma coisa nova, correta... Isso o tempo mostrou que era furado, que isso era... A gente não sabe... outros interesses estavam aí por trás, eu não sei, desconheço, faço questão de ficar ignorante, mas eram muitos interesses que ... pra vir com tanta força, para destruir um trabalho positivo, mobilizador, que poderia ter correções, mas sem essa destruição.

**Pesquisadora - Quanto ao Proler, após 1996, quais os ganhos e perdas?**

**Gregório** - Acho que uma perda muito grande foi o atraso, povo muito atrasado, começaram com aquele discurso da leitura na sala de aula, somente na escola, proibiram um grande segmento animador de atuar que era o segmento dos Contadores de Histórias , então fecharam os espaços para os contadores de histórias, que agora há uma retomada, uma certa valorização, mas foi um atraso e aí também excludente no sentido de que só o que presta é o que tem o carimbo. O livro que tem carimbo... é o livro que tem o carimbo, esse é bom. O que não tem o carimbo não é bom. Esse carimbo é dado por um grupo. Esse grupo sabe o que é bom, o que não é. E aí excluiu muitos escritores, poetas, muito editores, pequenos, no Brasil, a favor só de alguns eleitos. Isso também foi triste.

**Pesquisadora - Peço-lhe um relato pessoal sobre sua participação no Proler, nesse período inicial (1992-1996).**

**Gregório** - No período inicial pra mim foi um descoberta, uma transformação como ser humano e depois eu como eu senti uma profunda perda eu emburaquei numa depressão profunda aí eu vivia nos buracos negros, mas felizmente os grupos resistentes que permaneciam com o trabalho que conheciam foram me chamando de volta, convidando e aí eu fui desenvolvendo, aprofundando os estudos sobre a importância da narrativa, da contação de história, da palavra falada, também para essa palavra falada, da força da palavra escrita E também a palavra falada tem um

entrelaçamento mais profundo com as imagens. Então eu recebi apoio dos amigos, das pessoas que tinham me conhecido no país e continuei recebendo os convites, agora não recomendado oficialmente, mas por fora dessa e aí eu melhorei. Eu ainda estou num esforço muito grande pra melhorar da minha depressão, como pessoa, como leitor, sempre melhorar como pessoa, como estudante, como aprendiz. Há 50 anos que eu estudo, matriculado, aí eu fui fazer vários cursos e me deu uma vontade muito grande de escrever. Aí essa passagem que é legal, a palavra falada estimulando você a se tornar um escritor e aí que eu fui recuperar o sentido da quadrinha que minha avó cantava:

*“Jabuti sabe ler, não sabe escrever  
Trepá no pau e não sabe descer  
Ler, ler, ler e escrever.*

Leia, seja um leitor do seu tempo, da sua história e escreva, seja um escritor de mundo, do mundo. Aí tomei gosto por escrever, mas fui traçando um terreno, um território para eu escrever, próximo da minha fala, e é uma fala próxima das falas dos populares e aí eu estou impregnado das falas dos feirantes, das feiras, dos mercados, dos trabalhadores, e aí eu conto histórias, ouço histórias e escrevo histórias e aí algumas editoras publicaram e aí eu tenho leitores que lêem que eu escrevo e ouvintes que ouvem o que eu conto. Recuperei um pouco do repertório de histórias dos mitos indígenas, dos mitos da cultura amazônica, lendas, o exercício da minha infância com a minha mãe a minha avó de ler as crônicas, ouvir rádio. Agora pouco mesmo eu tinha dois programas de rádio diariamente. Eu contava histórias, lia histórias, cantava e os ouvintes participando, ajudando. Bom a minha vida pessoal é nesse território da minha transformação como leitor, como escritor e como participante das rodas, dos grupos das comunidades.

**Pesquisadora – Gregório, agradeço a entrevista, os documentos que me cedeu e os livros de sua autoria que me ofereceu. Certamente, serão muito importantes como documentos para a minha pesquisa.**

### **9.1.6. Maria Dolores Coni Campos<sup>8</sup>**

#### **Pesquisadora – Dolores, qual a marca mais forte do Proler (1992-1996)?**

**Dolores** - Para mim a marca maior foi sua visão desescolarizada, leitura com sua visão ampla, democrática, dando vez e voz a todos os participantes e envolvidos, independentes da escolaridade. Também a leitura entendida na base multidisciplinar e transdisciplinar do conhecimento e a sua interdisciplinaridade.

#### **Pesquisadora - Qual era a estratégia pedagógica do projeto?**

**Dolores** - A formação de um Núcleo ou Comitê nas regiões interessadas em vivenciar a proposta que o Proler oferecia. A minha experiência na Bahia, mais particularmente em Salvador me fez entender a importância do nosso Comitê local que proporcionava encontros sistemáticos, momentos de aprofundamento do conceito de leitura. Vivenciávamos então os círculos de leitura e as diferentes práticas leitoras; discutíamos idéias nos encontros do Comitê. O Comitê se encarregava de fazer articulações com múltiplas instituições visando incentivar outras pessoas e buscar diferentes apoios para recebermos os Módulos do Proler e pudermos viabilizar os seus cinco encontros propostos.

#### **Pesquisadora - Como você se relacionou com a linha teórica do Proler?**

**Dolores** - O Proler para mim foi um fortalecimento de idéias e também de aberturas. Ele abriu um leque de discussão conceituais novas para mim. A Leitura que não estava apenas atrelada a área da Língua Portuguesa. A desescolarização, a interdisciplinaridade me contagiaram. Eu precisei entendê-las melhor. Procurei me aprofundar realizando um Curso proposto pela PUC/RIO, cujo tema foi Leitura: Teoria e Prática.

---

<sup>8</sup> Maria Dolores Coni Campos, Escritora, Professora, Contadora de Histórias. Mestre em Educação pela UFF – Universidade Federal Fluminense.

**Pesquisadora - Qual a importância dos módulos?**

**Dolores** - Eram seminários de cinco dias, primeiro módulo. Eles iam falar da memória. Não sei se era o primeiro ou o segundo que falava da memória. Esses seminários eram feitos, às vezes, dentro das Universidades. Eles tinham parcerias. Lá, por exemplo, em Salvador, nós tivemos a Secretaria de Educação do Estado que cedia os espaços. Noutro módulo, era na universidade, entendeu. A Secretaria de Educação do Estado dava, por exemplo, os professores deles, para fazer, ou davam o almoço, então havia uma parceria pra que a coisa acontecesse e o PROLER pagava o pró-labore para os especialistas que eles convidavam. Então nós íamos e nós éramos de diferentes áreas: do teórico ao mambembe. Por isso que eu pude participar do projeto, eu nem me colocava como contadora de histórias na época, na verdade eu vejo que eu sou essencialmente uma contadora de histórias, mas eu fui ver isso lá. Eu gostava das histórias, eu já estava mexida com essa coisa das histórias. Eu lidava com as histórias onde eu fui diretora de escola, contava pros meus alunos histórias, mas não me qualificava no nível de contadora de histórias e hoje que eu faço o meu trabalho mais livre eu vejo que é o que eu mais gosto de fazer, que eu chamo as minhas rodas de conversa: *Conversa vai, conversa vem, entre na roda você também.* Eu recorro a muitas histórias porque as histórias vão me ajudar naquilo que eu estou trazendo. Muitas vezes até um tema das pessoas que estão na roda que me faz lembrar uma história que vai colar direitinho para elucidar melhor, esclarecer melhor aquele pensamento. Eu acredito piamente que as histórias vão muito mais fundo do que às vezes um texto dramático. Mas enfim eu estava falando dos módulos. Depois a gente pode ver melhor, porque tinha um tema. Quem fosse para as mesas redondas estava tendo de se colocar dentro daquela questão do tema. E nós que íamos fazer as oficinas também a gente tinha que recuperar isto. De acordo com o tema que estava sendo colocado, nós tínhamos na parte da tarde as nossas oficinas na segunda, na terça e na quarta. Na quinta feira se davam os círculos de leitura. Nós saíamos da nossa roda e começávamos a rodar a roda de outros professores. Por dois dias, quinta e sexta nós pegávamos turmas que estavam com outras pessoas. Então Gregório defendia, embora tivesse reações de quem dava ou de quem estava também naquela roda, mas eu via que era uma sabedoria dele porque havia outra ótica, a ótica de outro professor

para falar da mesma questão. Então foi muito rico, sabe, Stella. Do que pude participar, eu participei de feira de Santana, de Salvador, de Encantado, no Rio Grande do Sul. Eram mais de quinhentas pessoas em volta daquela questão. Os contadores de história pareciam mais atores, grandes autores, me lembro Augusto contava história da própria região. Havia encontro com escritor. Muitas vezes encontro com Bartolomeu. Muitas vezes com Sérgio Caparelli, Roseana Murray. Então era uma riqueza. Por onde o Proler passou, marcou. Tanto que depois que acabou, por todas aquelas questões políticas, a coisa não acabou. Lá na Bahia, por exemplo, eu assegurei a proposta

#### **Pesquisadora - A seqüência metodológica era clara?**

**Dolores** - Pelo fato de estar vivenciando situações novas para mim, não tive condições de uma análise mais apurada dessa questão, naquela época. Sei que me abri para recebê-la na sua formatação e foi importante os enfoques apresentados. Hoje percebo que o Proler e seus diferentes módulos enriqueceram meu olhar sobre a leitura. Eu trabalhava anteriormente com as História de vidas e as histórias que compõem as diferentes vidas. Foi fundamental eu entendê-las, vidas, como acervos pessoais e sociais. Isso foi novo para mim. Acervos, não como livros apenas mas histórias, experiências, trajetórias de vidas.

#### **Pesquisadora - Qual a importância dos encontros nacionais ?**

**Dolores** - Eu acompanhei o Proler em vários estados e municípios brasileiros: Bahia (Feira de Santana, Vitória da Conquista, Itapetinga, Jequié e outros que nosso Comitê local se encarregou na expansão da proposta), Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul. Presenciei a forte identificação dos participantes com a proposta. Foi um entusiasmo, uma alegria, um interesse real o que aconteceu. Dava-me a idéia de um Brasil mais homogêneo, mais unido, mais reconhecido, mais respeitado nas marcas originais da sua cultura. Certa ocasião ouvi o Prof. Francisco Gregório Filho comentar o cuidado que a equipe coordenadora do Proler tinha na escolha dos especialistas para cada localidade perante o respeito às características locais

**Pesquisadora - E quanto a articulação latino- americana, chegou a ter repercussão?**

**Dolores** - Sabia que essa articulação estava em pauta. Particularmente, eu não vivenciei essa questão mais de perto.

**Pesquisadora - Quais as memórias mais significativas em relação às ações e aos eventos?**

**Dolores** – Eu estava na Bahia, eu sou baiana e naquele período, em 94, em 1994, eu estava na Secretaria de Educação, ligada à questão da Educação Infantil, lá na Subgerência da Educação Infantil. Mas eu estava já escapulindo porque eu tinha um sonho particular com essa questão da história, com essa questão da escuta das pessoas, quando me fizeram um convite para eu participar, lá na Bahia, de uma rede de leitura. Era uma coisa assim bem à vontade e então a minha chefinha, eu era subgerente de Solange, muito nova, e ela perguntou : O que você vai fazer lá? Solange, eu vou e você me dispensa aí e quando tiver a reunião eu vou. E a reunião foi justamente num lugar onde eu tinha trabalhado, o Parque da Cidade, debaixo dos cajueiros, não tinha sede. Eu achei aquilo uma coisa impressionante. Naquele mesmo dia que eu fui nessa primeira reunião, na porta do Parque, a Lúcia Carvalho me entregou um papel e quando eu peguei esse papel falava assim nesse PROLER, falava que ia acontecer uma reunião porque o PROLER ia chegar lá e a próxima reunião dessa rede de leitura já ia ser na biblioteca Monteiro Lobato, e eu aí, claro, atenta a essa questão, presente estive. Quando Gregório disse, eu não conhecia Gregório, Gregório então entrando pela biblioteca, pelo meio, com a pastinha na mão. Ele começou, então, a falar dessa coisa que já estava meio engatada. O primeiro módulo do programa nacional de incentivo à leitura, isso que Eliana e Gregório coordenavam, ia chegar na Bahia, em Salvador, que na Bahia ele já tinha até chegado, pois ele começou em Vitória da Conquista, com Heleusa.

**Pesquisadora - Quanto à questão da política da leitura?**

**Dolores** - Creio que o entendimento do conceito de leitura como uma atividade constante na condição humana- lemos o mundo desde que nascemos, embora não

tenhamos consciência desse fato. Acordada em nós essa noção, devemos aprofundá-la para tornarmos-nos cidadãos críticos, participantes e transformadores.

A compreensão de que a leitura não é um hábito a ser desenvolvido, mas um prazer, uma necessidade. Uma vez essa questão entendida é semelhante àquele velho ditado popular, a leitura imbuída da *idéia da fome com vontade de comer*, onde identificamos desejos e necessidades.

A leitura como processo de interação; o diálogo, a escuta, o contar, as trocas, são peças essenciais à amplitude do seu conceito.

A leitura vai além dos códigos alfabéticos e da alfabetização formal. Ela extrapola a escola e entra na informalidade. Leitura que se dá não só com o olhar, mas com os sentidos e sensações. Lemos uma palavra, um texto escrito como lemos o gesto, o silêncio, a expressão, o vazio, as imagens, o tempo, o mundo que nos cerca.

**Pesquisadora - Quanto as articulações e/ou parcerias?**

**Dolores** - A busca de parcerias e apoios. Articulação com instituições públicas, particulares, movimentos e sindicatos, comércio, pessoas em geral. No Comitê /Bahia, núcleo de Salvador buscamos as Secretarias de Educação Municipal e Estadual: Buscamos as Universidades, Escolas particulares, Livrarias, Fundações, ONG, pessoas em geral na discussão dessa Leitura que envolve nossas vidas e nossas cidadanias.

**Pesquisadora - Quais os defeitos ou falhas observados no projeto?**

**Dolores** - Uma ousadia mais ferrenha na busca de um diálogo mais intenso com os órgãos governamentais quanto à importância e ao entendimento da discussão da Leitura vista pelo seu ângulo mais amplo.

**Pesquisadora - Alguma correção foi feita no percurso?**

**Dolores** - Não deu tempo para esse procedimento, pelo menos no que diz respeito ao Comitê local.

**Pesquisadora - Quanto à interrupção em 96, quais as conseqüências?**

**Dolores** - Doloridas, vez que o projeto estava em ascensão. Muitas pessoas envolvidas se viram diante de um processo interrompido, sem continuidade. O Comitê de Salvador tentou uma nova estratégia: assegurar dentro de uma Livraria a discussão da importância da Leitura. Essa idéia conseguiu conquistar a Prof. Eliana Yunes que apresentou um programa para o Curso. A equipe coordenadora do projeto Contadores da Torre, da Livraria da Torre, em Salvador assumiu a responsabilidade de executar o curso proposto e convidou a prof<sup>a</sup> Eliana para realizar e coordenar o estudo apresentado por ela em 18 módulos temáticos.

Foi importante essa experiência vivida por um grupo de 20 pessoas. No final do estudo a prof. Eliana Yunes gerou e organizou o livro- *Leitura: Complexidade*, um fruto dessa experiência e da sua visão de Leitura. Mas a idéia da participação de muitas outras pessoas de diferentes localidades, estava perdida, lamentavelmente. Apenas um pequeno grupo participou desse processo..

**Pesquisadora - Na sua opinião, o que definiu a resistência do Proler original?**

**Dolores** - Ser um projeto democrático, ao alcance de todos. Atingia diretamente as pessoas. A participação dos Contadores de histórias foi fundamental, seduzindo e inspirando platéias, divulgando textos e livros. Todos queriam comprar os livros para re-encontrar, autores, histórias, contos, poemas, seduzidos que estavam com as vozes dos contadores. A presença de escritores aproximou o público, estimulou a compreensão da importância da leitura e do seu papel disseminador do conhecimento.

**Pesquisadora - Quanto ao Proler, após 1996, quais as perdas e ganhos?**

**Dolores** - Não tenho condições de fazer essas avaliações uma vez que me afastei completamente. Não sou procurada pela nova equipe. Vale ressaltar que participei do Proler coordenado por Eliana Yunes e Francisco Gregório Filho no período de 1994 a 1996 e ainda hoje, 2007, venho trabalhando em oficinas, contações de histórias realizando o meu trabalho de educação em forma de Rodas de Conversas onde localizo aprendizados daquele Proler .

**Pesquisadora** - Dolores, foi um prazer conversar com você. Agradeço muito a entrevista e o material que me emprestou relativo ao Proler.

### **9.1.7. Maria Teresa Gonçalves Pereira<sup>9</sup>**

**Pesquisadora - Maria Tereza, o que o Proler significou em sua vida profissional, acadêmica e pessoal?**

**Maria Tereza** - Eu diria que, antes do Proler, eu me voltava muito para as questões da Língua Portuguesa, embora minha dissertação de Mestrado tenha sido de Monteiro Lobato, mas enfocando a linguagem de Monteiro Lobato. Eu sempre tive um interesse muito grande pelas questões da leitura, mas um interesse, assim, alguma coisa, de ordem pessoal. Eu sempre gostei muito de ler, desde pequena, então nada assim muito profissional, manda muito marcado, e, a partir do convite de fazer parte do Proler, em 1992, realmente, sem dúvida alguma, eu posso dizer que foi uma transformação, forma rumos totalmente diferentes, foi um acréscimo, mas eu comecei a tratar a leitura de uma maneira muito menos subjetiva, muito mais objetiva, muito mais centrada dentro de uma preocupação acadêmica. Então profissionalmente, inclusive, eu comecei na Faculdade a ter dois grandes centros de interesse: a Língua Portuguesa e a Leitura e aí comecei a fazer, a tentar descobrir uma articulação, entre a Língua Portuguesa e a Leitura e acho que como eu era professora de Língua Portuguesa, como sou professora de Língua Portuguesa, eu acho que essa articulação se dá via linguagem, entre a Leitura e a Língua Português, então o profissional e o acadêmico eu acho que com a entrada do Proler na minha vida eles realmente ficaram enriquecidos, eles tiveram uma outra dimensão, uma dimensão muito maior, uma dimensão muito mais completa. E o pessoal, sem dúvida alguma, eu acho, sem qualquer preocupação em se pensar até num cabotinismo ou

---

<sup>9</sup> Professora Titular da UERJ- Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisadora nas áreas de Língua Portuguesa, Ensino, Leitura e Literatura Infante-Juvenil.

qualquer coisa assim, acho que eu fiquei uma pessoa melhor porque eu comecei a abrir, o Proler abriu a minha cabeça, abriu a minha mente, abriu o meu coração, abriu a minha forma de me relacionar com as pessoas, com meus alunos, até na minha vida pessoal, sem dúvida alguma. Então eu acho que sintetizando é uma época, de 1992 a 1996, esse Proler que eu conheço, esse Proler que eu vivi, esse Proler que eu entendo, é uma época em que eu fui, me enriqueceu de todas as maneiras e me tornou uma pessoa e uma profissional melhor. É uma mudança de rumo e alguma coisa que vejo como um marco, sem dúvida alguma.

**Pesquisadora - Qual é a marca mais forte do Proler?**

**Maria Tereza** - A marca mais forte do Proler, para mim, é exatamente a liberdade, a liberdade que faz com que os envolvidos no Proler se sintam mais livres, se sintam mais donos do mundo, mais abertos a novas perspectivas, a novas experiências. Então essa liberdade, não só de um pensamento livre, mas de um pensamento múltiplo, uma diversidade de pensamento. Então foi muito importante, isso me marcou muito. Não só me marcou muito, mas eu acho que a marca do Proler é essa. Se eu pudesse definir o Proler com uma palavra eu diria: liberdade.

**Pesquisadora - Qual era a estratégia pedagógica do projeto?**

**Maria Tereza** - Essa estratégia pedagógica, através dos módulos que havia ... se convencionou que seria mais interessante dentro do projeto original haver se não engano cinco módulos e em cada lugar, em cada cidade e esses módulos, cada um com um tema, se não me engano, era como se fosse um aprofundamento, um enriquecimento e um aprofundamento. Em alguns lugares isso efetivamente aconteceu como em Vitória da Conquista, por exemplo, que foi o primeiro, foi um dos primeiros lugares em que eu fui, alguns não chegaram a ter, pelo menos de 1992 e 1996, mas a estratégia pedagógica seria basicamente essa. Em módulos que nós iríamos, nem sempre eram as mesmas pessoas, eu acho que isso também tornava muito rica a situação, porque eram pessoas diferentes, com visões diferentes. Isso também era bastante interessante. Agora, apesar de era uma estratégia, apesar de ter uma organização essa organização, essa estratégia nunca engessou, nunca deu

rigidez ao programa. Eu acho que tinha de ter a estratégia porque sem uma organização, sem se pensar uma organização inicial fica difícil fazer qualquer coisa, mas eu acho também que a gente tem que ter uma certa..., tem que ter um espaço para alguma modificação, para alguma alteração e isso sempre houve e sempre era incentivado a que tivesse. Os coordenadores do programa sempre incentivaram para que cada um desse a sua feição própria àquilo. Isso era uma coisa muito importante.

**Pesquisadora - Como você se relacionou com a linha teórico-metodológica do programa?**

**Maria Tereza** - Como eu disse antes, eu não tinha, na minha vida profissional, a leitura como alguma coisa institucionalizada. A leitura não tinha uma... não era um objeto de estudo meu. Não era alguma coisa com objetivos, com metodologias, com estratégias, então o Proler colocou isso na minha vida, na minha profissional, inclusive, e eu me relacionei muito bem com essa linha teórica do projeto porque, eu acho que se... mesmo que eu não tivesse antes esse costume, esse hábito, se não tivesse na minha vida isso, mas isso estava internalizado em mim, porque se a leitura era uma coisa tão importante para mim, daí a leitura passar de subjetiva a objetiva e passar a ter uma configuração institucional eu não senti que isso me deu qualquer tipo de trabalho ou que fosse difícil. Então essa passagem se deu naturalmente e eu me relacionei muito bem com a linha teórica do projeto porque eu me identifiquei com a linha teórica do projeto que era a de respeitar as diferenças individuais, que era, principalmente, ver a leitura em todos os espaços que, aliás eu acho que isso é importantíssimo chamar bem a atenção para isso. Essa leitura encarada... a importância da leitura existência da leitura em todos os espaços, não só no espaço da instituição escolar, porque se a gente considera só a leitura no espaço da instituição escolar eu acho que restringe muito a concepção de leitura. E eu acho que a leitura por si mesma ela é ampla, ela não tem, não pode nenhuma..., nada que a cerque, nada que a limite, nada que a restrinja. Então essa concepção da leitura em todos os momentos, em todos os lugares, e todas as situações isso é absolutamente fantástico porque é claro que, para que não haja dúvida, é claro que a instituição escolar seja em que nível for, ela tem que ter a leitura dentro da sua... dos seus objetivos, mas ela

não pode ser encarada como o único, nem como o mais eficiente, nem como o mais adequado, nem o mais próprio, então nós encontrávamos..., o grande barato do Proler era que a leitura se fazia, se dava em qualquer lugar: nos clubes, nas escolas, nas praças, nas famílias, nas bibliotecas, enfim, nos ginásios, em qualquer lugar. Eu acho que isso foi o determinante desse Proler de 1992 a 1996.

**Pesquisadora - Qual a importância dos módulos?**

**Maria Tereza** - A importância dos módulos como eu já falei, mesmo que não houvesse nenhuma preocupação com a rigidez, mas eu acho que era importante uma organização, porque tem de se partir de uma organização, de alguma coisa que tem uma certa preocupação com uma..., não é uma hierarquização, mas uma ... passos a serem dados que vão se aprofundando, que vão se completando, então eu acho que é necessária uma certa ordem, sim. Agora essa ordem, essa organização, como já disse, não pode ser rígida. Ela tem que se adaptar, ela tem que se adequar às situações. Isso é que é fundamental.

**Pesquisadora - A seqüência teórico-metodológica era clara?**

**Maria Tereza** - Eu acho que cada vez que a gente atuava num determinado evento, isso ia se tornando mais claro porque o retorno das pessoas que participavam demonstrava como era acertada aquela teoria, que, efetivamente, aquilo se mostrava o mais adequado, o mais acertado, que efetivamente completava as pessoas, o que tornava as pessoas felizes, porque, eu não sei se mais adiante vai ter ocasião de eu repetir isso, mas uma marca importantíssima do Proler era a alegria que os participantes demonstravam durante os eventos. As pessoas eram absolutamente envolvidas naquilo e todas participavam com uma alegria, com, eu diria que, celebrando. A alegria das grandes celebrações e das celebrações que efetivamente deixavam as pessoas felizes, e muitas vezes em situações, às vezes, muito difíceis, porque as pessoas, na locomoção, nas providências para os eventos, eles viveram coisas que demandavam muito tempo, muita conversação, muito,... no seu local de trabalho, ou às vezes era longe e as pessoas chegavam com uma alegria, uma satisfação, uma expectativa, e o mais importante saíam mais felizes ainda, sinal de

que toda a sua expectativa, de que todas as suas coisas que elas estavam precisando, inclusive, daquele momento, elas eram contempladas. Eu acho isso muito importante, eu acho isso fundamental.

**Pesquisadora - Qual a importância dos encontros nacionais?**

**Maria Tereza** - A importância dos encontros nacionais. Eu acho que eles eram fundamentais. Havia inclusive quem dissesse que esses encontros tinham que ser feitos com pessoas do próprio lugar, da própria região, então, por exemplo, nós, do Rio de Janeiro, quem morasse no Rio de Janeiro não tinha por que ir pro Acre fazer um encontro lá, que as pessoas de lá é que poderiam fazer esse encontro. Eu não acho isso, porque eu acho que as experiências têm de circular e as experiências têm que circular não que eu ache, veja bem, não no sentido que no Acre há experiências menos importantes, menos relevantes do que no Rio de Janeiro por ser o “sul maravilha”, o sudeste, essa coisa toda, mas eu acho que é um enriquecimento importantíssimo, que isso é que eu sentia muito, não é um enriquecimento só que nós estávamos levando para o Acre, o enriquecimento se dá quando eles também se colocavam e eu acho que eu aprendi muito. Eu to falando em Acre porque foi uma das experiências mais marcantes da minha vida a semana que eu passei em Rio Branco, inclusive no Círculo de Leitura, quando eu tive oportunidade de ter duas pessoas que tinham sido , que tinham tido relações de amizade com Chico Mendes e isso realmente, nessa mini-série, agora, eu me emocionei em vários momentos, em vários momentos porque eu me lembrava daquela semana em Rio Branco e foi , eu acho que foi um divisor de águas na minha cabeça que realmente foi muito importante, foi muito importante. Então eu acho que não... que... porque eles têm pouco e nós é que tínhamos que ir lá iluminá-los, absolutamente, não é isso. Eu acho que foi sempre o contrário, principalmente nesses lugares mais distantes que o que eles me davam era muito mais do que eu com toda a minha vontade de contribuir, eu dava a eles. E era uma oportunidade mesmo de a gente se relacionar ... Então foi particularmente marcante essa experiência do Acre. Então a importância dos encontros nacionais, eu acho, eu justifico e eu avalio que essa troca de pessoas absolutamente diferentes, hábitos, costumes, cabeças, mas todas tinham o mesmo

objetivo. Essa questão da leitura, a importância da questão da leitura e a consciência de que a leitura era fundamental nas vidas de todos nós: bibliotecários, interessados na leitura de uma maneira geral, professores, pais, enfim, eu acho que era muito bom, era muito bom. Eu acho que cada encontro que terminava era um enriquecimento tão grande que ficava difícil mesmo a gente continuar a vida da gente do dia-a-dia, porque era muito era tudo muito diferente, era mágico, mas era uma magia com os pés centrados na realidade. Eu acho que isso é que é importante. Não era alguma coisa utópica, de maneira nenhuma. Eu nunca achei ( que tem muita gente que dizia que isso era um projeto de doidos, que era utopia pura),... mas depois quando eu ..., a gente começava a participar, a gente via que era a coisa mais natural do mundo, era só despertar as pessoas, era só, de alguma forma, trazê-los, porque a coisa já estava latente. E como as pessoas que acreditavam naquilo, quando elas se juntavam aí mesmo é que havia uma força muito grande, justamente fruto dessa crença que a gente tinha e que às vezes, como eu, por exemplo, só fui despertada por causa disso. Ela não tava muito consciente, ela tava guardada, então eu acho que foi importante.

**Pesquisadora - E quanto à articulação latino-americana, chegou a ter repercussão?**

**Maria Tereza** - Isso eu não tenho como falar.

**Pesquisadora - Quais as memórias mais significativas em relação às ações e aos eventos?**

**Maria Tereza** - Acho que eu já falei algumas. A questão do Acre, pelo lugar, pelas pessoas, pela dificuldade que as pessoas tinham de vir de cidades distantes, cheias de entusiasmo, eu acho que eu não posso deixar de falar como aquilo pra elas era importante, como a questão da leitura, como a leitura de uma maneira geral isso é importante...aliás, eu esqueci de falar isso também antes. Na linha teórico-metodológica, a questão da leitura... A leitura não é a leitura da palavra escrita, é a leitura do Paulo Freire, a leitura de nós mesmos, a leitura da vida, a leitura do mundo que nos cerca, a leitura verbal, a leitura não-verbal, a leitura de uma maneira geral. Eu acho que isso é uma coisa importante. Mas as memórias mais significativas em

relação às ações, essa questão do Acre por todas as dificuldades que eu já falei e por todo o resultado. Um outro lugar que me marcou muito porque Vitória da Conquista eu fui três vezes, e fui a primeira vez e fui a última, inclusive foi o último encontro do Proler foi em Vitória da Conquista, o último encontro oficial do Proler, e eu estive lá e é complicado porque no primeiro a gente achava que o caminho ia ser muito maior tinha tudo pra ser muito maior e no últimos quando aconteceu... todos aqueles acontecimentos que culminaram com essa fase do Proler ter terminado foi muito difícil, porque a gente sabia que tinha uma estrada enorme ainda pra percorrer, com muita coisa pra ser feita, muita coisa pra ser vivida, muita coisa pra ser trocada, muita coisa pra ser enriquecida, enfim, se bem que havia um sentimento de que tudo o que foi plantado, como até hoje a gente tem muito retorno, em vários lugares, com várias pessoas, que as coisas tinham sido muito bem plantadas e se não pôde ter tido uma continuação, uma continuidade, em termos de tempo, em termos de espaço, mas eu acho, não é consolo, mas eu acho que a semente ficou muito bem plantada, caiu em solo fértil, sem dúvida alguma. E foi lá em Vitória da Conquista, agora eu estou me lembrando, agora que eu estou me lembrando, não, neste momento, porque eu me lembro sempre disso. Houve, inclusive, há pouco tempo eu a encontrei, num outro evento em Jequié, perto de Vitória da Conquista. A Dona Silvina que era uma mulher analfabeta, na época tinha sessenta anos, mais ou menos, ela era a detentora das cirandas da região. E a Dona Silvina participou de um dos meus Círculos de Leitura e eu me lembro que era um conto de Gabriel Garcia Marques e a Dona Silvina..., a gente lia o conto, não precisava ela ler, evidente, a gente lia o conto e eu me lembro que naquele Círculo de Leitura, sem dúvida alguma, as colocações de Dona Silvina foram as colocações mais criativas daquele grupo, o grupo devia ter umas 20 e poucas pessoas e aquilo me deixou muito emocionada, porque naquele lugar, tão dentro lá do Brasil, Vitória da Conquista, um conto de Gabriel Garcia Marques tinha tocado profundamente o coração, os corações, as mentes, principalmente o coração e a mente de Dona Silvina que era uma mulher voltada para a cultura popular, mas cuja sensibilidade era extrema e aí que a gente vê que não existem barreiras de espécie alguma. E aquilo, então, eu acho que apesar de Rio

Branco ter sido o lugar mais emblemático em relação ao Proler mas essa situação com a Dona Silvina foi muito marcante, foi muito marcante.

**Pesquisadora - Quanto à questão da política de leitura: quais as bases; quais as articulações; que parcerias foram feitas?**

**Maria Tereza** - Isso aqui é mais administrativo. Eu acho que quem trabalhou num outro lado terá mais condições de responder

**Pesquisadora - Quais os defeitos ou falhas observados no programa?**

**Maria Tereza** - Olha, fica difícil eu dizer, porque mesmo distante, depois de mais de 11 anos que terminou o programa, terminou aquela fase, eu não... eu tenho muita dificuldade em ver defeitos ou falhas. Foram tantos os mais, tantos os mais, que se em algum momento durante e sem dúvida alguma aconteceu, claro, porque de certa forma nós nem tivemos tempo hábil para determinadas coisas serem revistas e consertadas e... mas essas coisas que possivelmente poderiam ser melhoradas, elas em nenhum momento interferiram para tirar a relevância dos resultados, a importância do programa, o alcance do programa. Eu diria que a gente podia falar sobre isso dessa maneira... realmente não deu tempo porque é claro que alguma coisa em processo a gente sempre melhora e vai consertando vai aqui, ali, exatamente.

**Pesquisadora - Alguma correção foi feita no percurso?**

**Maria Tereza** - Eu acho que tem a ver com o que eu falei antes.

**Pesquisadora - Quanto à interrupção em 96, quais as conseqüências?**

**Maria Tereza** - Todas, todas as conseqüências, todas porque enfim, essa questão como o Proler colocou, a leitura de modo total, irrestrito, absoluto, amplo, com essa liberdade, com essa reflexão, com essa crítica, com essa diversidade, com essa alegria, com essa, apesar da alegria, não havia inseqüência, havia uma responsabilidade imensa pelo que estava se fazendo, um compromisso. Eu acho que a conseqüência maior foi essa: perda de qualidade de qualidade da leitura e perda da concepção de leitura como alguma coisa maior e não só restrita à escola e eu acho

que isso é fundamental. Eu que fui sempre tão preocupada desde quando era professora do ensino fundamental do Município do Rio de Janeiro, eu ficava preocupadíssima com as questões da leitura, mas era rígida em certas posições achando que eu tava fazendo o melhor, eu tinha consciência de que eu estava fazendo o melhor e o Proler, realmente, me descortinou um mundo que eu nunca tinha pensado antes e eu acho que isso é uma perda enorme, enorme, enorme, porque, sem dúvida alguma a multiplicação disso daria uma consciência muito maior aos brasileiros, enfim, ampliaria todas as suas possibilidades de realização não só profissional, mas pessoal, enfim, colocaria, continuaria colocando, continuaria colocando a leitura onde ela deveria, deve estar: em todos os lugares, em todas as situações, em todos os lugares, sem preocupação nenhuma de haver uma..., sem avaliações, sem grandes... sem a necessidade de...como é que eu vou explicar, que isso aí é uma coisa meio subjetiva, porque, normalmente a gente acha que tudo tem que ter uma resposta pronta imediato, um retorno e eu acho que o Proler, ele deixava que as coisas acontecessem, porque fatalmente aconteceriam, mas não no tempo que a gente estabelecesse, no tempo de cada um e eu acho que isso foi uma perda enorme, foi uma perda enorme e não tem nada que possa.... que possa ... eu não acho, nesse ponto eu não acho que a gente tenha que ser condescendente, eu acho que é uma perda irreparável, eu acho que a gente pode, claro, de alguma forma, outros projetos, outra... , mas foi uma perda irreparável, foram tempos que, que realmente, que não se recuperam.

**Pesquisadora - Na sua opinião, o que definiu a resistência do Proler?**

**Maria Tereza** - Eu acho que, veja bem, houve um grupo, muitas pessoas participaram do Proler, daquele Proler, mas nem todas essas pessoas mantiveram uma mesma posição, agora houve um grupo que se manteve unido em suas idéias que, evidente, trabalhando em lugares diferentes, às vezes, muito distantes, fazendo coisas diferentes, mas com a mesma crença. É uma linguagem, nós temos uma linguagem própria, nós temos atitudes comuns sem dúvida alguma e eu acho interessante que quando a gente, eu acho engraçado que quando a gente se encontra ou se reencontra, dá a impressão de que foi ontem, porque isso é tão natural, isso flui

com tanta naturalidade que, realmente, parece que não houve essa interrupção. Há um sentimento que perpassa e eu acho que isso, essa resistência é uma resistência ideológica, é uma resistência de uma crença, é uma resistência de uma perspectiva de , enfim, alguma coisa que nos move e nos sustenta, a gente acredita. Inclusive eu acho que todo mundo, sempre, no fundo, no fundo, achava ou acha que de alguma forma isso ressurgirá, porque ele está lá, latente, só está esperando uma oportunidade. Pode não ser, exatamente, da mesma maneira, mas eu acho que a idéia, as idéias, as crenças, as pretensões, elas apenas se ajustam a certos momentos, às situações, mas, sem dúvida alguma, a coisa se mantém.

**Pesquisadora - Quanto ao Proler, após 1997, quais os ganhos e perdas?**

**Maria Tereza** - Bom, eu não tenho a menor idéia, porque eu não participei do Proler depois. Como eu disse, eu fiz questão absoluta... tive oportunidades de continuar, mas fiz questão absoluta de não continuar. Acredito que se realizem algumas coisas interessantes, mas eu não poderia falar disso porque eu não acompanhei e houve muitos ajustes que descaracterizaram o projeto original. Eu não posso dizer que seja um desastre, eu não posso dizer que seja uma maravilha. A única coisa que eu posso dizer é que não é o Proler, é outro Proler, é a única coisa que eu posso dizer.

**Pesquisadora – Maria Tereza, agradeço a disponibilidade de me conceder essas entrevista e espero contar com você na minha banca.**

## **9.2. Questionários**

Este material resulta dos questionários enviados aos pesquisados por e-mail e que foram respondidos por escrito. Isto nos permite uma leitura menos fragmentada e mais legível, pois as respostas certamente sofreram uma revisão de seus autores.

Stella Pellegrini

### **9.2.1. Amália Dumont<sup>10</sup>**

#### **O que o Proler significou para sua vida profissional, acadêmica e pessoal?**

Para minha experiência profissional e pessoal significa sempre um crescimento, pelo contato com escritores e teóricos, pelos debates sobre o livro e a leitura e o que resulta disso tudo, que é uma visão real e crítica sobre o panorama da leitura na minha comunidade e no Brasil. Diante deste quadro, sempre me senti motivada e comprometida a lutar por esta bandeira, usando a minha posição de cidadã e bibliotecária.

#### **Qual a marca mais forte do Proler?**

No meu ponto de vista, o que mais se distingue é o desvendar da realidade que se vive em cada região em relação ao papel do livro e da leitura. O Brasil tem muitas faces, mas é marcante o caráter cidadão do PROLER. Nenhuma política pública fez ou faz mais do que o compromisso assumido pelos profissionais envolvidos neste programa.

#### **Qual era a estratégia pedagógica do programa?**

Encontros temáticos, com palestras, oficinas e mesas redondas capacitando professores, bibliotecários e outros intermediadores de leitura.

#### **Como você se relacionou com a linha teórica do programa?**

Sem problemas. Nunca nos sentimos presos a uma orientação específica. Os comitês se adequam ao que é possível dentro dos recursos de que dispõem.

#### **Qual a importância dos encontros nacionais?**

São importantes enquanto possibilitam uma socialização de experiências múltiplas, que se apresentam como motivação e oportunidade de reconhecimento nacional.

---

<sup>10</sup> Amália Dumont é bibliotecária e coordenadora do Proler de Araxá – MG.

**E quanto à articulação latino-americana, chegou a ter repercussão?**

Quando tomamos conhecimento do que se faz no Brasil e do que se tem feito no resto da América Latina, orgulhosamente percebemos que já conhecemos o caminho das pedras. Nosso país, na sua grande extensão geográfica e na capacidade criativa de seu povo vive múltiplas experiências de formação de leitores que se tornam muito mais exemplares que outras.

**Como você situaria o Proler nas discussões acerca das políticas públicas no país?**

As políticas públicas de leitura já foram exaustivamente debatidas, criadas e reformuladas. O que precisamos hoje é cobrar para que sejam executadas de fato. Não há muito que se fazer sem um mínimo de recursos. Infelizmente, o que temos presenciado se resume em brigas de poder e vaidades. Nada se concretiza fora do papel.

No que se refere ao PROLER, não se pode deixar de salientar que é um programa que foi capaz de sobreviver sem o apoio do estado, porque sempre contou com o sangue de quem vive o dia-a-dia na batalha para colocar o livro ao alcance de todos, através dos comitês regionais. Mas esta situação não é justa.

É indiscutível que quem sonhou e criou o PROLER foram e são pessoas da maior competência. Alguns se desencantaram com ele e outros o tomam como sua propriedade. É necessário um avanço democrático, no sentido de dar aos comitês regionais uma representatividade real na coordenação do programa.

Temos sofrido desde 2004, um trânsito grande na coordenação do PROLER. Reuniões de gabinete não farão nossas crianças se aproximarem dos livros. É preciso fazer as verbas que já existem chegarem a quem realmente entende e trabalha para isto.

### 9.2.2.

#### **Augusto Frederico Simões de Belmont Pessôa<sup>11</sup>**

##### **O que o Proler significou para sua vida profissional, acadêmica e pessoal?**

O Proler foi uma espécie de marco na minha vida profissional (como contador de histórias) e na minha vida pessoal. Não sou ligado à vida acadêmica e, quanto a esse aspecto, não ocorreram mudanças. Com o Proler pude discutir idéias sobre a questão da leitura. Tive experiências e conheci pessoas maravilhosas que acreditavam que a leitura era o caminho certo para construção de uma nação mais justa.

##### **Qual a marca mais forte do Proler?**

Para mim era a troca de idéias. Pessoas de vários estados e profissões diversas discutindo e refletindo sobre a questão da leitura. Através dessas discussões e reflexões foram criadas ações. Isso não tem preço.

##### **Qual era a estratégia pedagógica do projeto?**

O que ficava claro era a necessidade de uma pluralidade de idéias para alcançar um objetivo comum: a leitura de mundo. Oficinas de cinema, de teatro, de acervos, de contação de história, de literatura, até de matemática (desculpe o “até”. É que não gosto muito de matemática) com profissionais capacitados. Achava só que as palestras que ocorriam pela manhã, em alguns casos, eram acadêmicas demais. Digo isso pois não sou acadêmico e não entendo muito do mundo e do linguajar acadêmicos (como a maioria das pessoas que assistiam essas palestras). Isso dificultava o diálogo com pessoas que não estavam atentas com o meio acadêmico, mas queriam participar do movimento para incentivar a leitura.

---

<sup>11</sup> Augusto Pessôa, Dramaturgo, Escritor, Ator, Cenógrafo, Figurinista, Arte Educador e Contador de Histórias. Bacharelado em Artes Cênicas pela UNI-RIO- Universidade do Rio de Janeiro.

**Como você se relacionou com a linha teórica do projeto?**

Não sou um teórico. Sou um artista. O artista tem um carinho especial pela utopia. O que ficava claro para mim era a necessidade de discutir e refletir sobre a leitura através da pluralidade.

**Qual a importância dos módulos?**

A divisão em módulos reforçava um aprofundamento nas discussões e ações sobre o tema da leitura. A idéia de que o PROLER não era só um “evento”, mas um trabalho continuado principalmente pelas ações que o fortaleciam.

**A seqüência teórico-metodológica era clara?**

Como já afirmei, não sou um teórico. Sinceramente, essas questões não me interessavam. O que ficava claro para mim era a quantidade de pessoas interessadas na questão da leitura. Auditórios e oficinas lotados com pessoas aviadas em discutir/refletir sobre uma política de leitura, sobre a necessidade de socializar o livro. Lembro de um encontro em Diadema com um auditório lotado de pessoas (mais de mil pessoas) interessadas em ouvir histórias e discutir/refletir sobre a leitura. Isso é que me interessava. Por isso participei ativamente do projeto.

**Qual a importância dos encontros nacionais?**

Na minha opinião era o momento de socializar as ações voltadas para leitura nos diversos comitês. Esse diálogo era precioso pois criava novas ações e só reforçavam o movimento.

**E quanto à articulação latino-americana, chegou a ter repercussão?**

Não tive notícia sobre isso.

**Quais as memórias mais significativas em relação às ações e aos eventos?**

Lembro de comitês criando bibliotecas populares, grupos de leitura e círculo de livros, grupos de contação de histórias.

**Você pode citar algum fato relevante?**

Tive uma aluna, em Dourados (MTS), que me deixou muito comovido. Ela não foi uma aluna marcante durante a oficina, mas transformou-se numa maravilhosa contadora de histórias e promotora de leitura. Depois da oficina, ela queria continuar a exercitando a questão da leitura e passou a trabalhar na biblioteca de um colégio da cidade realizando atividades fantásticas. Tive a sorte de ver esse trabalho sendo realizado e a forma como ela organizou a biblioteca para atrair os alunos. Note bem, ela não era bibliotecária. Era recepcionista. Mas apesar de não ter o curso (desculpem minhas amigas bibliotecárias) ela se transformou numa excelente bibliotecária. Realizando um trabalho eficiente de promoção de leitura. Essa, para mim, era a maior importância do Proler – as ações que provinham dos encontros e seminários.

**Que parcerias foram feitas no programa?**

Sinceramente não posso responder a tais perguntas. Como já disse não sou teórico, nem político, nem acadêmico. Sou um artista. O que sei, é o que eu vivi: uma experiência fantástica que mobilizava as pessoas para o interesse pela leitura.

**Quais os defeitos ou falhas observados no projeto?**

Acredito que a maior falha era a falta de um “agente de campo”. Uma pessoa que fosse a frente do “evento” para tentar corrigir falhas e/ou possíveis distorções. Na maioria das vezes não tínhamos a idéia do que nos aguardava nas cidades onde eram realizados os módulos.

**Alguma correção foi feita no percurso?**

Nesse aspecto, não reparei em nenhuma correção.

**Quanto à interrupção em 96, quais as conseqüências?**

Foi um esfacelamento. Foi criada uma grande rede de leitura que percorria todo o país de norte a sul. Essa rede foi desmembrada e sobraram apenas alguns focos de resistência.

**Na sua opinião, o que definiu a resistência do Proler original?**

Não sei se estamos falando da mesma coisa. Quando falo em “resistência” refiro-me aos comitês que tentaram (com recursos próprios) manter a rede de leitura.

**Quanto ao Proler, após 1997, quais os ganhos e perdas?**

Acho que a maior perda foi o esfacelamento da rede de leitura. O ganho, na minha opinião, foi à tentativa de manter o programa, mas de uma forma muito insipiente. Não sei se podemos chamar isso de “ganho”.

**Peço-lhe um relato pessoal sobre sua participação no Proler, nesse período inicial (1992-1996).**

Para mim foi uma experiência única e fascinante. Era, sem exagero, um “espetáculo de cultura”. Não íamos aos módulos como “sábios doutores” que estavam ali para impor o seu saber. Íamos trocar. Buscar a leitura de mundo do lugar e mistura-la a nossa. Era um diálogo em prol de um objetivo comum: a importância da leitura como agente fundamental para a construção de uma nação justa. A leitura como agente de possibilidade e não de determinação. Aconteceram muitas situações: algumas engraçadas, algumas tristes, todas construtoras de objetivos. Todos que participaram do programa devem ter várias histórias como a da recepcionista que virou bibliotecária (relatada acima). Histórias de transformação através da leitura.

**9.2.3.  
Francisco Aurélio Ribeiro<sup>12</sup>**

**O que o Proler significou para sua vida profissional, acadêmica e pessoal?**

O PROLER foi uma oportunidade que surgiu para aglutinar, no Espírito Santo, pessoas que já trabalhavam com a leitura e a formação do leitor, para aumentar esse número e para formar uma grande rede de pessoas com o mesmo ideal : formar um brasileiro leitor.

---

<sup>12</sup> Secretário de Cultura da UFES, Professor no Departamento de Letras e membro da Academia Espírito-Santense de Letras e do IHGES

**Qual a marca mais forte do Proler?**

O conagraçamento de idealizadores.

**Qual era a estratégia do programa?**

Formar uma rede nacional de leitores, multiplicando ações individuais que se somavam.

**Como você se relacionou com a linha teórica do programa?**

Plenamente, já que, quando ele surgiu no ES, já desenvolvíamos projetos com leitura e literatura para crianças e jovens há mais de 10 anos.

**Qual a importância dos módulos?**

Era fundamental para criar elos, estabelecer parcerias, formar vínculos.

**A seqüência teórico-metodológica era clara?**

Completamente.

**Qual a importância dos encontros nacionais?**

Eram excelentes. Conhecíamos gente do Brasil todo que tinha os mesmos projetos, sonhos e ações. Enriquecíamos-nos uns com os outros.

**E quanto à articulação latino-americana, chegou a repercutir?**

Creio que não, pelo menos, aqui.

**Quais as memórias mais significativas em relação às ações e aos eventos?**

Os auditórios lotados, a grande festa que era cada encontro, as emoções das histórias, dos relatos, das apresentações de oficinas.

**Você pode citar algum fato relevante?**

Nunca me esqueci, num dos últimos encontros, a Eliana Yunes recitando o conto “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector.

**Quanto à questão da política de leitura:****a. Quais as bases?**

A democratização da leitura e do saber por ela gerado.

**b. Quais as articulações?**

Com o estado, município, órgãos públicos e privados, ONGs, escolas e indivíduos com o mesmo ideal.

**c. Que parcerias foram feitas?**

Com municípios, associações, Academias de Letras, bibliotecas, escolas, Secretarias de Educação, Cultura.

**Quais os defeitos ou falhas observados no projeto?**

Não ter tido continuidade, é a única falha que vejo.

**Alguma correção foi feita no percurso?**

No começo, era reduzido o número de palestrantes e oficinairos, primeiro esse que foi-se ampliando e incorporando pessoas de diferentes partes do Brasil e não, apenas do eixo RJ-SP.

**Quanto à interrupção em 96, quais as conseqüências?**

As piores possíveis. Nada mais teve continuidade. Quebrou-se uma grande corrente.

**Na sua opinião, o que definiu a resistência do Proler inicial?**

As ações individuais, mas, sem a integração regional e nacional que havia antes.

**Quanto ao Proler, após 1997, quais os ganhos e perdas?**

Creio que só houve perdas. O que há, agora, é um arremedo do Proler original.

**Peço-lhe um relato pessoal sobre sua participação no Proler,**

**nesse período inicial ( 1992-1996).**

Nesse período, era Secretário de Cultura da UFES, Professor no Departamento de Letras e membro da Academia Espírito-Santense de Letras e do IHGES. Quando fui procurado por Eliana, Gregório e outros que vieram com a idéia do Proler, tive a oportunidade de não só agregar-me pessoalmente ao projeto, mas de envolver as entidades e setores em que atuava. No Espírito Santo, o Proler foi um sucesso desde o início, agregando pessoas de diferentes municípios, áreas de atuação e funções diversas, num objetivo comum: formar leitores. Infelizmente, quase tudo acabou.

**9.2.4.  
Lucelena Ferreira<sup>13</sup>**

**O que o Proler significou para sua vida profissional, acadêmica e pessoal?**

Início, inspiração, eixo, princípios básicos (éticos e pedagógicos), amizade, afeto.

**Qual a marca mais forte do Proler?**

Prazer de ler. Contribuição – efetiva – para a formação de novos (e antigos) leitores.

**Qual era a estratégia pedagógica do projeto?**

O sumo: sedução para a leitura. Alguns princípios: diálogo; estímulo e respeito à voz, à capacidade crítica e de criação do outro; leitura de diversas linguagens; leitura de mundo.

**Como você se relacionou com a linha teórica do projeto?**

Não entendi esta pergunta. Penso que desdobrei a linha teórica do projeto em minha tese de doutorado em Letras, e ainda hoje, sinto sua influência nas minhas ações docentes.

---

<sup>13</sup> Graduada em Economia, Mestra em Literatura Brasileira, Doutorada em Educação, Escritora e Pesquisadora da PUC-Rio.

**Qual a importância dos módulos?**

Estreitamento, construção de conhecimento adaptado às diversas realidades brasileiras, acompanhamento. Um galo sozinho não tece uma manhã.

**A seqüência teórico-metodológica era clara?**

Para mim, sim. Para os alunos, não sei. Mas também não sei se isto era necessário.

**Qual a importância dos encontros nacionais?**

Articulação, troca de notícias, novas idéias.

**E quanto à articulação latino-americana, chegou a ter repercussão?**

Não é a parte que me chamou mais atenção.

**Quais as memórias mais significativas em relação às ações e aos eventos?**

O encantamento das pessoas com as ações propostas e realizadas pelo Proler.

**Você pode citar algum fato relevante?**

Choro, abraço, desejo de proximidade: laços constantes nas cerimônias de encerramento dos módulos.

**Quanto à questão da política de leitura:****Quais as bases?**

Formar leitores críticos e criativos de mundo.

**Quais as articulações?**

Instituições públicas e privadas.

**Que parcerias foram feitas?**

Muitas, a partir das demandas locais!

**Quais os defeitos ou falhas observados no projeto?**

Excesso de dependência do poder público. Não sei se foi um defeito, mas foi uma circunstância que acabou gerando a interrupção precoce do programa, ao menos como foi concebido.

**Alguma correção foi feita no percurso?**

Neste quesito (citado acima), não havia como.

**Quanto à interrupção em 96, quais as conseqüências?**

Desarticulação de ações de longo prazo, inéditas e altamente profícuas para o país. Continuidade e desenvolvimento do trabalho desenvolvido em algumas regiões, por iniciativa dos parceiros locais.

**Na sua opinião, o que definiu a resistência do Proler (1992-1996)?**

Não sei se entendi bem esta questão. Creio que foi a crença absoluta e a dedicação e o envolvimento apaixonado de todos os envolvidos nas ações empreendidas.

**Quanto ao Proler, após 1997, quais os ganhos e perdas?**

Não posso responder, pois não conheço de perto o trabalho. Mas creio que a sedução para a leitura, o estímulo ao prazer de ler perdeu espaço para ações mais “tradicionais” na área da leitura, como eventos curtos (de resultado restrito) e distribuição de livros.

**Peço-lhe um relato pessoal sobre sua participação no Proler, nesse período inicial (1992-1996).**

Checar arquivo anexo denominado “Texto sobre o Proler”, que escrevi para publicação em um livro, a pedido de Eliana Yunes. Creio que ainda não foi publicado.

### **9.2.5. Lucia Fidalgo<sup>14</sup>**

#### **O que o Proler significou para sua vida profissional, acadêmica e pessoal?**

Foi basicamente nele que tudo começou. Fiz parte da primeira equipe do Proler, nos porões da Biblioteca Nacional e ministrava oficinas de oralidade e biblioteca. Além disso, atuava nas ações de leitura. Foi minha formação pessoal, profissional e acadêmica.

#### **Qual a marca mais forte do Proler?**

Penso que era o compartilhamento, a troca e principalmente o não haver preconceito em relação aos participantes. Todos podiam participar: alfabetizados ou não. Não havia pré-conceitos, estávamos criando novos conceitos. Era tudo muito original. Éramos uma tropa de elite.

#### **Qual era a estratégia pedagógica do projeto?**

Era a de formar leitores através da leitura compartilhada, a leitura do mundo, das práticas individuais e coletivas de grupos ultra distintos.

#### **Como você se relacionou com a linha teórica do projeto?**

Entendo que minha relação com a linha teórica do projeto era voltada para a libertação das vozes, através da oralidade, que na época foi lançada no Proler como a grande prática da formação do leitor.

#### **Qual a importância dos módulos?**

Para mim era o tempo do amadurecimento. Foi importante trabalhar em etapas, e até mesmo para nós especialistas, nossa linguagem mudava diante dos módulos. A temática era a mesma das oficinas, mas a forma era outra.

---

<sup>14</sup> Bibliotecária com especialização em Biblioteca Infantil, Escritora, Professora da UFF, Mestra em Educação, Contadora de Histórias.

**A seqüência teórico-metodológica era clara?**

Acho que sim.

**Qual a importância dos encontros nacionais?**

Era uma integração de povos e culturas diferentes e a formação de uma rede.

**E quanto à articulação latino-americana, chegou a ter repercussão?**

Não tenho informações concretas.

**Quais as memórias mais significativas em relação às ações e aos eventos?**

Foram tantas emoções... Tive o prazer, a sorte de participar de quase todos os encontros. E desde a chegada ao aeroporto e até a nossa volta era um aprender constante. Particpei do inusitado primeiro encontro e foi inesquecível.

**Você pode citar algum fato relevante?**

Este primeiro encontro, em Vitória da Conquista, na Bahia. O avião quebrou, voltamos para o aeroporto, esperamos horas, viajamos em um ônibus escolar. E quando chegamos para o Evento já passava da meia-noite. Mas não viramos lobisomem, começamos a escrever um pedaço da história da leitura no Brasil. Um Brasil costurado com pedaço de gente, que mesmo diante das dificuldades, queria muito tudo aquilo.

**Quanto à interrupção em 96, quais as conseqüências?**

Drásticas, sofridas, como tudo que é abortado. O ato de arrancar dói muito. E foi assim com o Proler. Mas tivemos resistências, corajosos que continuaram a fazer do jeitinho como era feito antes. Não temeram autoridades, nem discursos empedrados e diferentes do antes, e forma em frente, com toda a resistência. E resistem até hoje! Que povo bonito!

**Na sua opinião, o que definiu a resistência do Proler (1992-1996)?**

A coragem, a vontade de vencer o opressor, de não desistir.

### **9.2.6. Marly Amarilha<sup>15</sup>**

#### **O que o Proler significou para sua vida profissional, acadêmica e pessoal?**

Havia retornado há pouco tempo de meu doutorado no exterior, quando em viagem ao Rio de Janeiro, decidi visitar a Biblioteca Nacional, naquela época dirigida pelo professor e poeta Affonso Romano Sant’Ana. Recebida pelo Professor Affonso, perguntei-lhe em que a Biblioteca poderia me ajudar na minha vida de pesquisadora em leitura. Então, ele me apresentou à Professora Eliana Yunes que estava articulando o Proler – programa com o objetivo de estabelecer uma Política de Leitura para o país. O Proler significou o estabelecimento de contato com um grupo vibrante de pesquisadores e promotores de cultura e da leitura de literatura, em particular, e uma fértil interlocução sobre educação, leitura e cultura. Essa interlocução perdura até hoje. Trouxe-me inserção acadêmica, social e deu-me o bônus de amigos sensíveis, comprometidos com quem partilho a alegria de pesquisar, ler, aprender.

#### **Qual a marca mais forte do Proler?**

Particpei de poucos eventos do Proler, por razões particulares. Entretanto, guardo como marca peculiar a itinerância. O Proler tinha a mobilidade de ação missionária. Esse procedimento, que direi, metodológico, permitiu que os acadêmicos, escritores, agentes de cultura envolvidos conhecessem o Brasil, e assim, exercitaram a alteridade. Ir aos muitos lugares do país, onde alguma iniciativa de leitura os levasse e lá, promoverem mobilização, arejamento, e em contrapartida, aprenderem outros modos de realizar a leitura trouxe para viajantes e anfitriões aprendizado, disso não duvido.

#### **Qual era a estratégia pedagógica do projeto?**

O projeto se organizou em módulos. A instituição, cidade, ou grupo que aderiu ao programa passava a realizar regularmente módulos de formação do leitor. A linha

---

<sup>15</sup> Doutora em Educação e Professora e Pesquisadora da UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

mais visível que costurava todas as ações, onde quer que acontecessem, eram as sessões de contação de história. Havia portanto, uma valorização da oralidade como caminho de encontro com a escrita.

### **Como você se relacionou com a linha teórica do projeto?**

A Professora Eliana Yunes produziu um texto sobre Círculo de Leitura (publicado na Revista Leitura: teoria e prática) que sintetiza os procedimentos implementados nas ações do Proler quanto à contação de histórias. A fundamentação teórica era de cunho cultural – a leitura era entendida como prática cultural e, portanto, não era exclusividade da escola. Algumas publicações foram feitas sobre biblioteca; memória; políticas de leitura; formação do professor; etc... Não tive dificuldade em compreender a proposta do seu ponto de vista teórico mais amplo. Entretanto, muitos pressupostos eram considerados pelos articuladores do Proler como auto-evidentes, mas nem sempre o foram.

### **Qual a importância dos módulos?**

Os módulos pressupunham uma estrutura progressiva da sensibilização para a leitura à experiência com a escrita. Essa abordagem promovia a gradual formação dos leitores. Mas, observei que, em alguns locais, criou-se um problema. Como a cada encontro, realizava-se um módulo, as pessoas que aderiam posteriormente ao Proler acabavam se engajando no módulo que estava disponível. Ou seja, a rotatividade dos diferentes módulos nem sempre foi garantida para que as pessoas se inscrevessem e seguissem a estrutura prevista. Então, para não perderem a oportunidade, os promotores permitiam que os participantes se engajassem no que era oferecido no momento.

### **A seqüência teórico-metodológica era clara?**

Talvez minha participação intermitente não me tenha permitido observar como as discussões sobre a abordagem teórico-metodológica eram encaminhadas. Observei, em alguns eventos, que não ocorria o compartilhar de textos teóricos, e assim, cada

animador fazia sua oficina conforme entendia. A diversidade era grande, mas era uma diversidade pouco discutida teoricamente. Ela acontecia porque as pessoas vinham de diferentes trajetórias, eram acolhidas e se engajavam no processo de formação do leitor. O positivo é que cada qual dava sua contribuição na medida de sua história, perfil. Os laços de comunidade, de fato, se fortaleciam nos momentos de contação de história.

### **Qual a importância dos encontros nacionais?**

Os encontros nacionais reuniam os coordenadores locais e facilitavam à interlocução. Considerando a enormidade do país, era a oportunidade de se trocar idéias de maneira mais pessoal. Havia também encaminhamentos importantes que fortaleciam as ações em desenvolvimento.

### **E quanto à articulação latino-americana, chegou a ter repercussão?**

Não cheguei a percebê-la. Pareceu-me que era algo mais pessoal entre alguns membros da Coordenação central.

### **Quais as memórias mais significativas em relação às ações e aos eventos?**

Penso que havia uma enorme generosidade nas pessoas que participaram do Proler nessa fase. Lembro-me de estar na Bahia, discutindo encaminhamentos às 3 horas da manhã. Éramos tomados de uma embriaguez conspícua pela possibilidade de tornarmos o Brasil um país leitor.

### **Você pode citar algum fato relevante?**

O encontro em Natal-RN, durante do 1º. Simpósio de Leitura do Rio Grande do Norte, da Eliana Yunes e do Max Butlen, consultor cultural da França, que no mesmo período realizava aqui no Brasil o Pró-Leitura. Os dois debateram as diferenças e aproximações dos projetos Proler e Pró-Leitura. Na verdade, a dissociação entre o Ministério da Educação e o Ministério da Cultura sempre foi um entrave a maiores progressos na política de leitura do país.

**9.2.7.****Marta Morais da Costa<sup>16</sup>****O que o Proler significou para sua vida profissional, acadêmica e pessoal?**

O Proler representou uma reviravolta muito grande em meu modo de entender a relação das pessoas com os textos e a leitura; me ensinou a trabalhar conteúdos dos programas da universidade de modo mais prazeroso, sem perder a seriedade da ciência ou a profundidade da pesquisa. A sala de aula ficou mais arejada e muito mais humana. Academicamente, o Proler abriu-me os olhos e a mente para a diversidade cultural, a multiplicidade de perspectivas no trato dos mais relevantes assuntos. A vida pessoal ficou enriquecida com amigos que até hoje têm entrada franqueada e sala de estar com todas as mordomias em meu coração.

**Qual a marca mais forte do Proler?**

A união com alegria e dedicação num trabalho que se voltava, em todos os parceiros, para os mesmos objetivos. A pauta do programa se convertia num piscar de olhos na pauta de trabalho e adesão de cada um dos integrantes das caravanas que aportavam nos municípios parceiros.

**Qual era a estratégia pedagógica do programa?**

A estratégia eram estratégias. A pedagogia do afeto e a pedagogia da valorização do indivíduo aprendente traziam para os colaboradores e participantes a certeza de que eram capazes, de que eram criativos, de que tinham valor pessoal, intelectual e social.

**Como você se relacionou com a linha teórica do projeto?**

Aprendi. E não foi pouco, nem foi insignificante. Até hoje, a linha teórica do projeto do Proler está impregnada no que faço e pretendo fazer.

**Qual a importância dos módulos?**

A divisão em módulos, além da teoria muito sedimentada e substantiva que embasava o Programa, dava a todos a oportunidade de pensar sobre o já realizado e projetar

---

<sup>16</sup> Professora e Pesquisadora da Universidade Federal do Paraná e Escritora.

novas realizações para o próximo módulo. Não participei de todos, mas pude observar quando participei do terceiro em Vitória da Conquista, o elevado nível de engajamento dos participantes, a alegria com que se reuniam para mais um módulo, os depoimentos de resultados extraordinários obtidos na vida pessoal e na vida profissional. Cada módulo era um reencontro para ações melhores.

#### **A seqüência teórico-metodológica era clara?**

Confesso que encontrei alguma dificuldade no início para compreender o embasamento teórico que dava cientificidade ao programa. Aos poucos, superada minha ignorância, pude perceber as razões e justificativas que alicerçavam todo o sistema. Hoje posso dizer, com um pouco mais de propriedade, que havia clareza na seqüência. Eu é que sofria de cegueira.

#### **Qual a importância dos encontros nacionais?**

Importantíssimos. A discussão gerada no auditório circulava quase ininterruptamente por corredores, refeitório, salas e quartos. Havia como que uma eletricidade constante que nos fazia próximos ao programa, não apenas por participar eventualmente dele, mas por, acreditando, sentir a necessidade de alimentar suas baterias, manter as luzes acesas e impedir que qualquer curto-circuito pudesse anular o brilho do que já fora conseguido. Acima de tudo, tínhamos a certeza de que éramos ouvidos, que não éramos números ou crachás.

#### **E quanto à articulação latino-americana, chegou a ter repercussão?**

Desculpe-me: eu era soldado raso, engajei-me tarde e fiquei na trincheira: os ecos da articulação chegavam um tanto difusos.

#### **Quais as memórias mais significativas em relação às ações e aos eventos?**

Num primeiro momento, a alegria e a aprendizagem. Mais tarde, ao assumir posto menor no comitê do Paraná, a lembrança de muito trabalho e das perguntas insistentes ao longo do ano: “Quando será o próximo Proler”? Entenda-se o próximo módulo: os participantes tomavam para si o Programa como um todo. Acima de tudo,

a memória de muita, muita alegria e amizade. Muitos e muitos projetos e ações. O deslumbramento de ver pessoas esquecidas em espaços desprivilegiados fazerem brotar a esperança por força da descoberta do poder pessoal de realizar, de acreditar, de desejar. O deslumbramento da educação em alto grau de qualidade, mas informal, prazenteira, sedutora.

### **Você pode citar algum fato relevante?**

O final do módulo 3 em Vitória da Conquista (BA) em uma enorme ciranda de cantos, risos e lágrimas. Baianas lendo Guimarães Rosa como se fosse o texto de um companheiro de luta. Uma professora confessando que mudou de marido e de estilo de vida, para poder acreditar nela mesma e em seu trabalho. O peso dos televisores e retroprojetores, carregados nos braços, para as oficinas na Universidade Federal do Paraná. Poty Lazarotto, um dos mais importantes artistas plásticos do Paraná e do Brasil, doando duas Poty Lazarotto, dois trabalhos para que pudéssemos estampar nas camisetas do encontro, que ficaram lindas por demais. A tristeza de saber, em pleno segundo encontro em Curitiba, em 1996, que o sonho tinha acabado.

### **Quanto à questão da política de leitura?**

Vou responder sobre a situação em Curitiba e no Paraná. Tínhamos aqui um comitê estadual (mesmo contra as normas de comitês apenas municipais), porque a Presidente era alta funcionária do Governo do Estado e tinha articulação com vários municípios. A política acabou ficando muito palaciana e na dependência do governante de plantão.

### **Quais as bases?**

Conhecimento pessoal, charme e alguma pressão da sociedade (buscando a melhoria dos índices de conhecimento e leitura) e do Comitê Paraná-Ohio, que deu infraestrutura secretarial para os eventos. Dinheiro mesmo era pouco.

**Quais as articulações?**

Com Secretarias de Estado e municipais de Educação, Saúde e Assistência Social. Mas eram articulações frouxas: um pouco de verba, envio de professores e profissionais para os encontros. Não houve uma intensificação de ações para a promoção da leitura em forma institucionalizada: as pessoas é que assumiram individualmente. O Comitê tinha a faca, mas o queijo outros comeram.

**Que parcerias foram feitas?**

Com a imprensa, com pessoas e algumas empresas (fornecimento de lanches, camisetas, material de expediente). Com as universidades de onde saíam os membros do comitê : UFPR e PUCPR. Mesmo as bibliotecas se mantiveram arredias.

**Quais os defeitos ou falhas observados no projeto?**

Política demais e conhecimento de menos.

**Alguma correção foi feita no percurso?**

Não deu tempo.

**Quanto à interrupção em 96, quais as conseqüências?**

Desânimo e desarticulação. O Comitê desfez-se rapidamente. Talvez o melhor tenha sido que algumas pessoas tomaram a si o trabalho de continuar. De minha parte, o trabalho continuou e a descrença na política nacional (não apenas de leitura) arruinou qualquer esperança a curto prazo.

**Na sua opinião, o que definiu a resistência do Proler (1992-1996)?**

As pessoas maravilhosas que formaram o comitê central e os abnegados e entusiastas educadores no sentido pleno do termo. Matou-se o corpo administrativo, mas a idéia e o desejo, não. Poucos de nós continuam pesquisando, lendo, escrevendo. Criei em 2002 o *Saberes- Congresso Paranaense de Leitura*, que teve cinco edições até 2006, nos moldes do Proler, com sucesso. Hoje, o congresso está de licença prêmio, concedida para que ele parasse de incomodar as pessoas. Talvez volte a trabalhar.

Talvez não. Foi minha forma de resistir e mostrar que “as coisas findas/muito mais que lindas/ estas ficarão”. Mote que repito sempre ao falar do Proler do Bem, porque ouvi esses versos no dia em que se anunciou o desmantelamento do Programa, um crime de lesa-cultura.

**Quanto ao Proler, após 1997, quais os ganhos e perdas?**

A perda é nacional: desintegrou-se a federação da leitura. Até hoje vários programas e projetos do Governo Federal tentam recuperar o que foi perdido. Mas a terra era de Atlântida: submersa e com força mítica. Dela nasceram os ganhos: o Proler transformou-se aqui no Estado em referência: qualquer atividade sobre leitura, os velhos companheiros comparam, lamentam, almejam refazer. Quem não conheceu, vive de oficinas de programação mental, de cursos sobre como fazeres sem saberes. Pensa-se na leitura de livros, na biblioteca ou na escola, exclusivamente. A leitura virou receita.

**Peço-lhe um relato pessoal sobre sua participação no Proler, nesse período inicial (1992-1996).**

Fui palestrante e oficinaira em três módulos (Vitória da Conquista – 1995) e Curitiba (1995-1996). Era membro suplente (escolhida no susto e por falta de outra pessoa) do Comitê estadual.

**Peço-lhe, ainda, que trace um breve currículo, informando as funções que desempenhava, profissionalmente, na época de sua participação no Proler .**

Era professora adjunta de Literatura Brasileira no Departamento de Lingüística, Letras Clássicas Vernáculas da Universidade Federal do Paraná. Tinha escrito alguns poucos ensaios sobre literatura, teatro, leitura e educação. Coisinha pouca. Achava a vida cor-de-rosa, a Terra redonda e os homens iguais.

### **9.2.8. Nanci Nóbrega<sup>17</sup>**

#### **O que o Proler significou para sua vida profissional, acadêmica e pessoal?**

A construção de um olhar muito mais apurado sobre a questão da Leitura. Como campo teórico, como metodologia de trabalho, como possibilidade de transformação. Como bússola para a minha própria vida.

#### **Qual a marca mais forte do Proler?**

O colocar em prática a compreensão acerca do poder da polifonia de vozes.

#### **Qual era a estratégia pedagógica do projeto?**

Uma tomada de consciência acerca da potência da subjetividade, a das intersubjetividades e a do conhecer como mecanismos de transformação. Tudo isto numa metodologia em módulos intensificadores desta ampliação do olhar.

#### **Como você se relacionou com a linha teórica do projeto?**

Mergulhei inteiramente. Era um trazer à tona o que eu precisava conhecer e compreender. Reencontrei autores e conheci, de maneira intensa, outros. Combinava com minha forma de construir conhecimento a amplificação das fronteiras, no modo interdisciplinar que o Proler pensava e trabalhava. Caminhávamos em direção a uma transdisciplinaridade, verdadeira via para mim.

#### **Qual a importância dos módulos?**

Basilar.

#### **A seqüência teórico-metodológica era clara?**

Para nós que a construíamos, sim. Para alguns, não. Por isso estava sempre em (re) construção. Há inúmeros documentos mostrando esta pedagogia *em processo*, que procurava ouvir todas as vozes.

---

<sup>17</sup> Doutora em Ciências da Informação, pesquisadora, Contadora de Histórias.

**Qual a importância dos encontros nacionais?**

Concretizava a descentralização que se pretendia. Nos ensinava sobre as regiões e as singularidades.

**E quanto à articulação latino-americana, chegou a ter repercussão?**

Penso que precisaria ser aprofundada, como Eliana Yunes continua fazendo.

**Quais as memórias mais significativas em relação às ações e aos eventos?**

Aquilo que, nos Encontros, para muitos era Dioniso puro, para mim era o amálgama, em sua extrema inteireza, de Dioniso e Apolo. Ou seja, a inteligência sensível sendo instigada.

**Você pode citar algum fato relevante?**

O olhar de todos e de cada um, diante da *(re) descoberta de si e do que o rodeava*. E de que *era possível, sim*.

**Quanto à questão da política de leitura: Quais as bases, as articulações, e as parcerias feitas?**

A base foi, a partir do que *não* tinha sido alcançado ou pensado nos inúmeros projetos anteriores de leitura no país, ter a coragem de propor caminhos ainda. Por acreditar na potência das subjetividades e na força impulsionadora do conhecer e das comunidades de afeto e de interpretação como norteadoras de políticas públicas. As articulações e as parcerias foram feitas com as comunidades e com as instâncias de poder científico sistematizado e de poder político.

**Quais os defeitos ou falhas observados no projeto?**

A subordinação às instâncias de poder político com viés autocrático. As verbas represadas. A tímida integração com a Mídia.

**Alguma correção foi feita no percurso?**

Ver a sexta resposta.

**Quanto à interrupção em 96, quais as conseqüências?**

Uma alteração da filosofia descentralizadora do *Proler verdadeiro*; uma dificuldade à integração das comunidades de saberes *comuns* no processo; um impedimento à *desescolarização* como pensada anteriormente, entre outras.

**Na sua opinião, o que definiu a resistência do Proler (1992-1996)?**

Aquilo que se construiu **junto**; aquilo em que se acreditou e trabalhou: *é possível, sim*, transformar – a **leitura** como transformadora daquele que, assim transformado, transforma.

**Quanto ao Proler, após 1997, quais os ganhos e perdas?**

Paira uma saudade no ar – não sei se é ganho ou perda. Continua uma ação, principalmente acadêmica – isto é ganho, enquanto criação de oportunidades para trazer a polifonia de vozes, a circularidade dos saberes à ciranda da Leitura no país.

**Peço-lhe um relato pessoal sobre sua participação no Proler, nesse período inicial (1992-1996).**

Stella, posso sugerir que você dê uma espiada na minha tese? Lá eu conto algumas coisas e será mais confortável para mim.

**9.2.9.  
Nelly Duffles<sup>18</sup>****O que o Proler significou para sua vida profissional, acadêmica e pessoal?**

A questão da *leitura* tornou-se, há bastante tempo, um tema para o qual me tenho voltado com curiosidade, interesse e preocupação. Numerosas perguntas surgem constantemente e, na busca de respostas, parece que elas se multiplicam e crescem em complexidade. Sendo professora de língua portuguesa e literaturas no idioma, trouxe para o campo prático alguns pressupostos teóricos, desenvolvendo, em uma escola

---

<sup>18</sup> Contadora de Histórias, Professora, Especialista em Leitura.

que dirigi, um projeto de *Aprimoramento da linguagem oral e escrita*. Por tudo isto tive a oportunidade de trabalhar por mais de três anos no Programa Nacional de Incentivo à Leitura da Fundação Biblioteca Nacional/MinC — **Proler**, e conhecer seus pressupostos teóricos e a sua proposta pedagógica. Falar do *leitor* e de sua constituição tornou-se para mim, cada vez mais, tema recorrente de estudos e pesquisa, sendo que depois desta experiência, com mais embasamento teórico e prático, retornei à PUC-RIO para fazer o Curso de Especialização em Leitura. Hoje participo de um Grupo de Estudo, que se reúne quinzenalmente, cujos trabalhos estão voltados para o estudo das linguagens e afins.

### **Qual a marca mais forte do Proler?**

Em trabalho intitulado *O Proler -- Programa Nacional de Incentivo à Leitura e o estabelecimento de uma política de leitura*, para a Câmara Setorial do Livro/GT 1\*, encontra-se o seguinte:

#### ***Leitura e cidadania:***

*A leitura está diretamente relacionada à prática de cidadania. E' essencial que se socialize o saber para que a prática de cidadania seja exercida. Mas quando se fala em leitura, não se limita aqui à leitura de um texto verbalmente codificado, como a leitura de textos, livros ou periódicos. Fala-se da leitura que vai além da palavra escrita: a leitura do entorno, da sociedade que nos circunda e na inserção nessa sociedade. Quem lê a realidade em que está inscrito e participa desta realidade ativamente torna-se dono de uma voz, conseqüentemente mais cidadão. A constituição do leitor-cidadão passará, portanto, por várias práticas leitoras: não apenas pela leitura de livros, mas pela leitura da sociedade e de uma maior participação nessa sociedade. (BRASIL, [1996], p. [2])<sup>19</sup>.*

Assim sendo, vejo o **Proler** como um programa nacional de caráter político-institucional em prol da constituição de uma sociedade de *leitores-cidadãos*, que ultrapassa os muros das instituições de ensino, das Academias, da elite intelectualizada e faz a inclusão de todos os indivíduos da sociedade na comunidade leitora.

---

<sup>19</sup> Documento elaborado em 1996, em São Paulo, com o fim de intensificar a discussão sobre o estabelecimento de uma política nacional de incentivo à leitura, a Câmara Setorial do Livro e o Proler realizaram reuniões para tratar deste assunto. O documento a que nos reportamos foi o resultado do GT1.

### **Qual era a estratégia pedagógica do projeto?**

Iniciarei esta resposta com um adendo: o **Proler** não é um PROJETO e sim um **PROGRAMA** — observar a conceituação que os torna distintos. Creio ser esta minha ressalva necessária, pois irá nortear meu pensamento em tudo o que estou informando. O **Proler** possui uma proposta pedagógica que é desenvolvida através de estratégias políticas. Quando alguma região do país procurava o Programa com o desejo de buscar soluções para os problemas de Leitura, um grupo de dois ou três integrantes da equipe era enviado ao local para apresentar as bases do Programa e o trabalho a ser desenvolvido. Em etapa seguinte era assinado um protocolo de intenções onde se definiam as parcerias e momento da realização do trabalho. O desenvolvimento da proposta pedagógica dava-se através de **módulos** que eram apresentados em forma de seminários cuja estrutura era contemplada com: palestras, mesas-redondas, oficinas, diversas práticas leitoras, apresentação de projetos regionais e outros.

### **Como você se relacionou com a linha teórica do projeto?**

O arcabouço teórico distinguia questões que se apresentavam como fundamentais para a *formação do leitor*, **leitura com dimensão semiótica** — atividade permanente da condição humana, leitura do mundo precedendo a leitura da palavra, leitura das diversas linguagens, leitura através de textos: da memória, das vivências, leitura perpassando diversos saberes, **leitura prazer. Prazer de ler**. Era a identificação do Programa e resumia tudo o que sempre pensei que deveria existir no contato com os textos. Eu já sabia, sentia, mas ainda não havia lidado com uma prática onde a expressão fosse tão explicitamente verbalizada. Ao conhecer a linha teórica do PROGRAMA, percebi que reforçava os conceitos que eu tinha sobre a **formação do leitor**.

### **Qual a importância dos módulos?**

Os encontros pedagógicos que foram denominados *módulos* (a estrutura dos módulos está descrita no documento *Ação Programática do Proler - 1995*, p. 13-17 e

encarte). Eles constituem as etapas do caminho: momentos de *sensibilização*, *recepção*, *interação*, *interpretação* e *produção* nas quais o sujeito vai tomando posse de sua condição de *leitor-cidadão*. Um PROGRAMA e justamente por isto, sempre em construção e apoiado na metodologia proposta, que recomenda que a *formação do leitor* se dê em um processo contínuo e sistemático desdobrado em atualização permanente. Tive a oportunidade de percorrer o caminho pedagógico proposto, participando da coordenação de todas as cinco etapas (5 módulos) previstas como necessárias para o implante e desenvolvimento de ações de incentivo à leitura.

### **A seqüência teórico-metodológica era clara?**

Sim, era clara, mas o desenvolvimento do processo metodológico demandava o estudo aprofundado dos pressupostos teóricos por parte daqueles que iriam atuar. Se assim se fizesse, evitar-se-ia os desvios que poderiam advir do conhecimento fragmentado. Por exemplo: um especialista que conhecesse profundamente a questão da *intertextualidade*, mas não soubesse que esta noção está inserida em determinado módulo, e que este foi precedido de outros e que os módulos seguintes desenvolveriam tais e tais conhecimentos, dificilmente obteria o sucesso desejado em sua participação no Proler.

### **Qual a importância dos encontros nacionais?**

Os encontros nacionais propiciavam a interação das diversas culturas regionais do país. A começar pela “melodia” dos sotaques. As experiências relatadas vinham sempre colaborar no desenvolvimento de diferentes núcleos.

### **E quanto à articulação latino-americana, chegou a ter repercussão?**

Houve de fato o intercâmbio dos países latino-americanos. A repercussão se manifestava, a meu ver, através de troca de experiências, dos contatos contínuos, dos convites internacionais feitos em especial à Profª Eliana Yunes.

### Quais as memórias mais significativas em relação às ações e aos eventos?

Retirei o texto, que segue abaixo, da monografia que elaborei para o Curso de Especialização em Leitura PUC-Rio, 1997. Não é um roteiro turístico, mas um relatório de interações de especialistas convidados, comunidades e equipe do Proler em prol do incentivo à leitura — constitui-se como memorial de minhas vivências, narradas com muita emoção.

*Estive em muitos estados da união por ocasião do desenvolvimento de seminários, encontros, apoio pedagógico, oficinas, assinatura de protocolos, parcerias. Percorri o Brasil de ponta a ponta. Selecionei quatro lugares como a riscar no mapa um cruzamento abrangendo todo o Brasil: Macapá, Porto Velho, Goiás e Curitiba.*

*Estive na foz do Amazonas além do Equador, onde em uma biblioteca pública se reuniram representantes da universidade, de entidades sociais, do governo, da força policial, professores primários e secundários, bibliotecários, agentes culturais, estudantes, donas de casa para todos participarem da promoção da leitura na região; muito tinham a contar, muito ouvi e aprendi: soube dos povos da fronteira extrema do país, do Rio-mar com sua pororoca, da fortaleza construída e nunca utilizada.*

*No outro extremo, o rio Madeira: ali conheci professores que trabalham com populações ribeirinhas da região amazônica, que trocavam o calçado ao entrar na sala das oficinas, tal era o barro de seus pés, e que muito me ensinaram sobre os ingleses e a construção da ferrovia e falaram do museu que estava sendo montado para contar as glórias, agruras e sonhos de uma época da História; com eles viajei pelas águas escuras repletas de troncos levados pela correnteza — da floresta à serraria —, o porquê desta agressão à natureza me foi contado com todas as palavras, vírgulas e pontos, vi o boto-cor-de-rosa e soube de suas lendas, senti a história de um índio que colocou em meu pescoço um colar de contas e mil presságios.*

*Estive em Goiás que não é velha, é antiga com sua Casa Velha da Ponte, com seu cheiro de doces versos de Cora Coralina e abrigo do Proler/Goiás.*

*Estive em Curitiba — participei da **leitura da cidade**: no Teatro Guaíra com uma peça da dramaturgia, na Universidade com a poesia de Leminski, nos murais com a arte de Poty, vi a leitura de Franz Krajcberg em seus troncos queimados, conheci a gente paranaense, na expressão de suas vivências através da arte, na preservação da memória em recantos tão bem cuidados parecendo pedacinhos da Polônia e da Ucrânia.*

### Você pode citar algum fato relevante?

Vitória da Conquista, interior da Bahia, 1996. Módulo IV — *Leitura: Escritura, Crítica e Comunicação*. Mulher, negra, velha, brasileira/baiana, analfabeta, lavadeira pede a palavra e diz para o reitor da universidade, os professores, a platéia, logo após uma discussão a respeito das dificuldades das instituições educacionais e da precária

situação econômica/financeira dos trabalhadores em educação: *Moços, vocês não sabem quanto vale o trabalho que fazem, eu sei quanto custa uma trouxa de roupa lavada.* Fez-se silêncio, depois palmas.

Silvina é analfabeta, mas apenas do código escrito. Ela ouve e conta histórias, *causos*, fala com autoridade de sua vida e de sua gente. A força de sua leitura e de sua palavra, se fundamenta no poder da *oralidade*. Poder impregnado de credibilidade, compromisso e responsabilidade. Silvina é *leitora cidadã*. Teve *vez e voz*. Foi ouvida.

### **Quanto à questão da política de leitura: Quais as bases, as articulações e as parcerias feitas?**

As bases: O Programa nasceu de pesquisa realizada pela Professora Eliana Yunes na qual se indagava sobre uma expressão que aparecia na boca de muitos, em especial professores, afirmando: *o brasileiro não lê*. Vários educadores tentavam soluções para o problema, servindo-se de várias iniciativas já surgidas, mas ainda buscavam caminhos, pois estas se afiguravam como eventos temporários. Tornava-se evidente que sem uma política de promoção da leitura por parte do Estado as iniciativas continuariam a configurar-se como fatos isolados ou campanhas inócuas face a grandeza do problema. Logo no início do texto sobre a proposta de formação de uma sociedade leitora, através de uma política de Estado, Yunes nos diz:

*Mas a política só decolaria com uma compreensão efetiva por parte das autoridades, do papel que a leitura pode exercer no desenvolvimento econômico e social do país, como instrumento de formação da cidadania plena; a capacidade de ler o contexto, como texto, interagir com ele, refletindo e participando, qualifica os indivíduos para práticas sociais mais conscientes e valorizadoras de sua condição de cidadãos.* (Yunes, 1992, p. 2)

As articulações: Quando alguma região do país procurava o Programa com o desejo de buscar soluções para os problemas de Leitura, um grupo de dois ou três integrantes da equipe era enviado ao local para apresentar as bases do Programa e o trabalho a ser desenvolvido. Havia também articulação contínua com especialistas que participavam do desenvolvimento do Programa, com a Academia, com ao demais e diversos setores da Sociedade.

As parcerias nasciam das articulações; portanto se davam com diversos setores da Sociedade: universidades, faculdades, prefeituras, instituições de ensino públicas e particulares, bibliotecas, igrejas, hospitais, presídios, Forças Armadas, empresas, etc.

### **Quais os defeitos ou falhas observados no projeto?**

O Decreto nº 519, de 13 de maio de 1992, da Presidência da República, institui o *Programa Nacional de Incentivo à Leitura -- Proler*. A publicação do decreto foi feita no Diário Oficial de 14 de maio de 1992. Constitui-se como parte da FBN/MinC. O **Proler** tem como sede a Casa da Leitura, no Rio de Janeiro/RJ.

Foi em Curitiba a realização do último seminário coordenado pela equipe formada na gestão de Affonso Romano de Sant'Anna na presidência da Fundação Biblioteca Nacional e Francisco Gregório na coordenação do **Proler**. Era setembro de 1996. Os dados acima constatarem que é um Programa atrelado ao Estado. Como tal fica sujeito a oscilações políticas e interesses vários. Esta situação tolheu a autonomia do Proler e levou, em 1996, ao desvio da rota traçada e conseqüentemente à sua descaracterização.

### **Alguma correção foi feita no percurso?**

Todo PROGRAMA, tem como característica duração e continuidade. Assim sendo, são fundamentais avaliações contínuas seguidas de correção de desvios. Estes, embora poucos, se deram, em especial, na execução das estratégias de ação. Escolhi 3 dos quais participei. Procurou-se corrigir, reforçando:

- as explicações sobre aquilo que competia aos núcleos regionais no que tange a parcerias;
- a preparação dos especialistas convidados quanto ao maior conhecimento da fundamentação teórica-metodológica do Proler;
- a solicitação de envio ao Proler de informações sobre desenvolvimento dos núcleos regionais.

**Quanto à interrupção em 96, quais as conseqüências?**

São muitos os núcleos regionais que prosseguem suas atividades de práticas leitoras e realizam seminários, encontros, oficinas, centros de estudos e enviam notícias e trocam experiências. Nestes o Proler “havia criado raízes” e as ações prosseguem. Os conhecimentos de Eliana Yunes, Francisco Gregório e Nanci Nóbrega, e outros continuam presentes através das inúmeras solicitações de palestras, oficinas, aulas, montagem de cursos com o fim de embasar iniciativas e acontecimentos sobre leitura. Inúmeros Grupos de Estudo independentes foram criados para dar continuidade aos estudos sobre Leitura. Diversos Cursos de Leitura foram criados em diferentes espaços acadêmicos. Alguns núcleos regionais sucumbiram por não estarem suficientemente implantados. As atividades da *Casa da Leitura* tomaram outro rumo, o que se constata por sua atual programação.

**Quanto ao Proler, após 1997, quais os ganhos e perdas?**

Não me sinto em condições de responder, pois desconheço as bases do caminho tomado pela nova direção. Não participei de nenhuma atividade. Só ouvi comentários esparsos.

**Peço-lhe um relato pessoal sobre sua participação no Proler, nesse período inicial (1992-1996).**

Em 1993 passei a trabalhar como membro da equipe que desenvolvia o Programa. Ao conhecer seus documentos elaborados, percebi que os mesmo vinham ao encontro das idéias que elaborei ao trilhar caminhos de busca e formação de leitores.

Ao ingressar no Proler, depois de alguns dias de trabalho, quando fiz senão conhecer os pressupostos teóricos, a proposta pedagógica e as estratégias políticas do programa, uma expressão martelava em minha cabeça: *prazer de ler*. Era a identificação do Programa e resumia tudo o que sempre pensei que deveria existir no contato com os textos. Eu já sabia, sentia, mas ainda não havia lidado com uma prática onde a expressão fosse tão explicitamente verbalizada.

### **9.2.10. Ricardo Oiticica<sup>20</sup>**

Cara Stella, veja se estou no tom. No tempo, sei que estou atrasado, por isso lhe envio esta primeira parte. Um abraço, Ricardo

#### **O que o Proler significou para sua vida profissional, acadêmica e pessoal?**

O Proler consolidou práticas leitoras até então dispersas, dando nexos a atividades que puderam se especializar e até mesmo se profissionalizar, como os contadores de histórias, os agentes de leitura, os oficinairos de leitura e os leitores-guias – algumas delas, atividades já existentes, mas nenhuma verdadeiramente inculcada na sociedade.

Desenvolvi funções editoriais ligadas a esses trabalhos, além de ser eu mesmo um oficinairo e um leitor-guia, o que me ajudou bastante não só no âmbito profissional, como no humano.

#### **Qual a marca mais forte do Proler?**

O sentimento da parceria, tanto no expediente interno, formando um colegiado entre os profissionais envolvidos, como no trato com o público e as instituições conveniadas.

#### **Qual era a estratégia pedagógica do projeto?**

Sobretudo, dar à teoria o benefício das práticas leitoras, encarando a teoria como sensibilizadora do profissional, no contato com as diferentes realidades do país. Corolário dessa atitude é a compreensão da leitura em sentido amplo, como leitura de mundo, renovando os pressupostos da Escola Nova e de Paulo Freire.

#### **Como você se relacionou com a linha teórica do projeto?**

Muito à vontade, exatamente por estar aberta à contribuição dos indivíduos, sensível à cálida presença física que torna a leitura um estar no mundo, de cada um e de

---

<sup>20</sup> Bacharel em Direito (UERJ), Mestre em Literatura Brasileira (PUC-Rio), Doutor em Literaturas de Língua Portuguesa (PUC-Rio).

todos. Uma relação, portanto, metonímica, em que o todo não pode prescindir da parte.

### **Qual a importância dos módulos?**

Cada módulo funcionava como respiração entre os mergulhos nas oficinas e palestras que o constituía. E entre os módulos, a pausa para retornar às fontes teóricas e às observações empíricas que davam fôlego, para uma nova experiência.

### **A seqüência teórico-metodológica era clara?**

Amplamente discutida em grupos de trabalho que se formaram previamente, essa seqüência estava ancorada em anos de trabalho dos idealizadores do projeto com a teoria e a prática da leitura, embora ainda não na escala nacional e sistemática que se pretendia – o que demandava a colaboração suplementar dos parceiros de todo o Brasil e o intercâmbio com programas de leitura do nosso continente.

### **Qual a importância dos encontros nacionais?**

Um trabalho de redescoberta do Brasil, comparável àquela que, na modernidade, resultou nas viagens etnográficas de um Mário de Andrade. O Proler também teve o seu poeta-locomotiva, Affonso Romano de Sant’Anna, no duplo papel de artista e intelectual, enquanto presidente da Fundação Biblioteca Nacional.

### **E quanto à articulação latino-americana, chegou a ter repercussão?**

Os trabalhos junto ao CERLALC não tiveram precedente no Brasil. Mas para dar frutos mais palpáveis, uma articulação continental requer bem mais do que o tempo devida do Proler

### **Quais as memórias mais significativas em relação às ações e aos eventos?**

A Casa da Leitura concebeu uma publicação que deveria funcionar como um “diário de bordo” de algumas viagens do Programa. Pouco depois da publicação do primeiro deles, o Programa foi encerrado, o que torna ainda mais necessária a presente pesquisa.

### **9.2.11. Santinho Ferreira de Souza<sup>21</sup>**

#### **Como projeto se consituiu academicamente?**

Os princípios do Proler estão definidos em um livreto intitulado “Para entender a proposta do Proler”, publicado pela FBN/MinC. Retomaria o nome “programa” para nomeá-lo, o qual é efetivamente mais adequado e próprio, pois pressupunha uma série de ações intercambiadas e entrelaçadas, seja pela articulação entre uma e outra, seja pelo esforço coletivo que deveria dar sustentação a essas ações. Foram delineados e elencados seus princípios (pedagógicos) em uma ordem de dez. O quinto estabelecia que a formação de recursos humanos se faria eficaz, se estruturada como base inicial e sob o formato de cinco módulos, desenvolvidos de preferência um em cada ano. O que se pretendia era a formação de núcleos estáveis de promoção da leitura em cada canto do país. Os oficinairos, como assim eram denominados os responsáveis por conduzir cada tema a ser discutido, sabiam claramente do princípio político desses princípios, a participação efetiva de cada um deles nos encontros em favor de uma ação coletiva e bem sustentada de promoção da leitura deixava bem clara essa compreensão. Era um outro olhar e movimento sobre o que é efetivamente ler. Estava ( e está inscrita) pelos princípios delineados e pelos resultados desses princípios, quando eram levados (ou se vierem a ser levados) ao exercício e à prática, uma política de formação de leitores.

#### **Como as pessoas se engajaram no projeto?**

Dou destaque a uma das minhas experiências, a de São Mateus- ES, em 1994, com a realização dos dois primeiros módulos, e, em 1995, com o 3º módulo. Fui Coordenador Geral da CEUNES – Coordenação Universitária Norte Espírito Santo, da UFES, nesses dois anos, e pude, com muito prazer e com um sentimento de agradecimento muito forte, co-organizar esses três encontros na cidade. Que festa!

---

<sup>21</sup> Doutor em Literatura Brasileira pela PUC-Rio, Pesquisador e Professor da UFES.

**Quais as suas lembranças, tanto do ponto de vista afetivo quanto pragmático?**

Retomo algo que escrevi em algum lugar e que é uma referência direta às minhas lembranças do Proler:

Os livros precisam ficar ruidosos, movimentando-se ao saber das mãos e ao perscrutar dos olhos, caminhar entre mesas e balcões, abrir brechas nas prateleiras, como a se iniciarem pelo modo com o qual, em uma cidadezinha qualquer, curiosam os passantes pela fresta das janelas. A prática da leitura ( e da escrita) deve ser o que se revele capaz de conjugar os versos e de dedilhar os números, permitir anotações, estimular pelo enigmático intercâmbio de idéias e pela persuasão, conduzir ao pensamento de inventividade, garimpar o gosto estético. A escola, nesse cenário, deve transitar de seu caráter educativo para a sua essência educadora, à procura da desescolarização do ato de ler e do ato de escrever, para fazer-se memória. Não no sentido de não poder transformar-se, mas pela escassez do que se reclama como exercício permanente de reflexão.

**Que contribuições o Proler trouxe para o desenvolvimento de uma Política de Leitura no país?**

Ainda e tão somente tomo como referência São Mateus. Não se desenvolveu uma política de formação de leitores na região. Mas as relações em sociedade tomaram outro rumo. A cidade ficou mais atenta, mudanças de ordem político-partidária se estabeleceram, criaram-se expectativas de ordem cultural e emancipatória. Haja vista que, com a decisão do Governo Federal, em 2005, de ampliação da oferta de vagas em nível de graduação universitária, São Mateus foi, no ES, uma das duas cidades escolhidas para sediar a oferta de nove cursos novos de graduação da UFES, a partir deste segundo semestre de 2006.

**Como se dava o trabalho de campo, no Proler?**

Os temas e práticas de trabalho estavam estreitamente relacionados com a temática geral de cada módulo e eram desenvolvidos sob a forma de palestras, mesas coordenadas, painéis, oficinas. Mas não era uma forma compartimentada de desenvolvimento dos temas. Não era o exercício da reflexão teórica sem sua

vinculação e entrelaçamento com a expectativa e exercício da prática de vida. Havia um movimento de recorrência entre os cenários de movimentação humana. Como se sabe não se lê apenas por palavras, e aí se ativa uma outra facete de ver, leitura com o sentido de querer e poder ler a geografia da cidade, a história da cidade a politicidade que subjaz as decisões dos poderes, ler as paisagens, as roupas, os gestos e os olhares de que se vestem as pessoas, o circular dos transeuntes nas cidades e nas metrópoles, ler o gesto do homem do campo com a natureza. Como capacidade de o ser humano atribuir sentido aos fatos, de escolher e decidir, de pensar e interagir. Leitura na perspectiva de o homem impor um olhar sobre si mesmo e sobre o outro e inserir-se historicamente no mundo como a contribuir na construção de uma sociedade cada vez mais humana.

#### **Quais os aspectos que merecem ser ressaltados pela importância?**

Um aspecto que ressaltado de importância fundamental: o princípio de que é necessário saber o que o outro faz, interagir com ele para dar cor ao que se faz, primar pelo exercício da reflexão pelo viés do coletivo para o coletivo.

#### **Como se dava a recepção do projeto?**

O programa era apresentado para desenvolvimento sob a forma de parceria. O viés acadêmico já vinha definido e configurado, e isso era marcadamente positivo, especialmente pelo fato de que o que se fazia no Proler, isso pôde ser constatado, era submetido à avaliação permanente. Era procedimento natural corrigir distorções. Quanto à organização administrativa ( espaço físico, deslocamento dos palestrantes, etc) e financeira ( hospedagem e alimentação), os procedimentos se executavam como resultado do esforço comum do Proler e da instituição co-responsável pelo evento.

#### **É possível extrair uma política de leitura do Proler?**

O Estado brasileiro deixou escapar a possibilidade de oficialização para todo o país de uma política nacional de formação de leitores. Uma política nacional séria, em todos os aspectos e orientações, seja de ordem acadêmico- científica, seja do ponto

de vista do comportamento social e cultural. A proposta do Proler está atualizada, é e será sempre contemporânea, porque o programa elegeu alguns princípios pedagógicos desde 1990 e os reconhece como práticas em observação e sob avaliação contínua, tanto na sua aplicação quanto nos resultados que produzirá a médio e longo prazos. Trata-se, portanto, de uma pedagogia em processo.

### **9.2.12. Sérgio Rivero<sup>22</sup>**

#### **O que o Proler significou para sua vida profissional, acadêmica e pessoal?**

Tudo de melhor. Minha vida profissional e, conseqüentemente, tudo o que ela representa e seu poder de influência sobre os outros tantos lados da vida, pode ser dividida entre antes e depois do Proler. Eu vinha de uma formação bem ampla, oferecida por meus pais, ainda que informal, mas com graduação em Arquitetura, com pendores para a literatura, música, artes plásticas... O Proler foi a oportunidade que tive de mostrar esses ‘talentos’ e vê-los valorizados por um certo tipo e grupo de pessoas muito raras e especiais. Ou seja, não só o Proler me ajudou a encontrar vazão prática (na multiplicação do conhecimento como ‘oficineiro’) para minhas vocações, como também me ajudou a resolver emocionalmente essas faltas, esses nichos, esses vazios existenciais... Onde mais poderia encontrar um lugar que transformasse essa certa dispersão e fragmentação em trabalho?

Tive muita sorte. Entrei como editor de publicações e, em pouco tempo, estava coordenando encontros de leitura e realizando oficinas pelo Brasil e, ainda, sendo enviado para atividades muito interessantes como, por exemplo, representando a Casa da Leitura (Bienal de Livros em São Paulo, Encontro de ilustradores alemães, no ICBA, em São Paulo também, premiações de ilustradores no Rio de Janeiro etc...).

Contribuí pelo último ano e meio (23 de janeiro de 1995 a 31 de agosto de 1996) da Casa, na gestão de Francisco Gregório e Eliana Yunes, e que me pareceu

---

<sup>22</sup> Graduado em Arquitetura (USU-RJ) Mestrado em Teoria e Crítica Literária (UFBA-BA) e Doutorando em Comunicação e Cultura Contemporâneas (FACOM-BA).

coisa de mais de 10 anos, tamanha a atividade e diversidade de nosso trabalho lá. Depois do Proler iniciou-se minha vida acadêmica.

Fui para a Bahia, fiz o mestrado em Teoria e Crítica Literária, na UFBA, (orientado por Mirella Márcia, uma das ‘oficineiras’ da Casa), comecei a trabalhar (antes mesmo de terminar o mestrado) na UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana) como professor e Coordenador do Núcleo de Leitura Multimeios. Foi lá que começou minha vida acadêmica.

Hoje, sou professor de uma Faculdade Privada Jorge Amado e estou cursando o Doutorado em Comunicação, também na UFBA, na Faculdade de Comunicação – FACOM, com o tema Narrativa nos Jogos de Computador.

No momento, estou desenvolvendo meu estágio Doutoral, por 10 meses, na University of Wales, Newport, na Grã-Bretanha ([www.newport.ac.uk](http://www.newport.ac.uk)). Eu devo tudo isso à generosidade do Proler, nas pessoas de Francisco Gregório Filho e Eliana Yunes, entre outros.

### **Qual a marca mais forte do Proler?**

Acredito que uma visão ampla da leitura que agrega todas as linguagens. Essa abordagem foi o que fez com que eu pudesse costurar, com a ‘linha da leitura’, o que me parecia difícil de unir, percebendo uma essência comum a todas as linguagens que passa pela criatividade tanto de quem produz como de quem recebe.

### **Qual era a estratégia pedagógica do projeto?**

Eu comecei a observar isso depois que aquele Proler ( o *Proler do B*) acabou. Uma pedagogia que partia da experiência de cada leitor para o compartilhamento dessa experiência com o outro leitor, possuídor de uma experiência tão única como qualquer outra.. Uma aprendizagem e ‘ensinagem’ conjunta. Essa pedagogia trouxe certos malentendidos, pois, naturalmente, ela saía do plano escolar, digamos assim, tamanha a exposição de cada um, e atingia em cheio as pessoas na sua individualidade, levando ao extravaso, inúmeras vezes, da emoção.

**Como você se relacionou com a linha teórica do projeto?**

Na época, muito pouco. Fui entender muita coisa depois de anos e, ainda hoje, claro, quando resgato muitas referências para minha pesquisa atual.

**Qual a importância dos módulos?**

Os módulos, no meu entender, colocavam o trabalho numa progressão lenta e necessária para a formação do leitor. Não se forma leitor em um semestre, numa disciplina de faculdade. É um trabalho de choque, de autoconhecimento, de entendimento que essa formação é constante e não tem fim. Ali, claro, havia também outro objetivo, maior ainda: que as pessoas se tornassem multiplicadoras de uma idéia.

**A seqüência teórico-metodológica era clara?**

Me parece que sim. Partia de uma percepção e valorização do contexto individual e social até atingir o indivíduo como criador. Pena que esse objetivo foi atingido em poucos lugares.

**Qual a importância dos encontros nacionais?**

Muita. Eles mantinham a chama acesa e desencadeavam todo um trabalho regional. Esse desdobramento era acompanhado e, depois, avaliado, mais profundamente, com seus resultados, num outro encontro, em torno de seis meses depois.

**E quanto à articulação latino-americana, chegou a ter repercussão?**

Muita. Lembro-me, por exemplo, das parcerias com o CERLALC.

**Quais as memórias mais significativas em relação às ações e aos eventos?**

Os últimos dias dos encontros de leitura que, apesar de serem muito emocionados, às vezes demais até, sempre deixavam muitas contribuições para o trabalho que vinha depois.

**Você pode citar algum fato relevante?**

As notícias que chegavam na Casa da Leitura... Formação de Grupos de Contadores, construção de Salas de Leitura, maior dinamização dos acervos das bibliotecas, práticas leitoras em vários espaços não escolares, depoimentos das pessoas sobre 'aquela semana'...

**Quanto à questão da política de leitura: quais as bases, as articulações e que parcerias foram feitas?**

Não me sinto muito preparado para responder essa pergunta. Naquela época não me preocupava muito em entender a dinâmica interna do Programa, mas em contribuir multiplicando uma idéia.

**Quais os defeitos ou falhas observados no projeto?**

Talvez nas articulações... Como separar os parceiros confiáveis dos parceiros oportunistas? Uma certa falta de tranquilidade interna. Por vezes, soube de 'problemas' com a Biblioteca Nacional, incomodada com a 'República das Laranjeiras'... Acredito que essa falta de apoio da BN, motivada por competitividade, foi uma das responsáveis por não segurar o tranco na hora do atrito final com o Ministério da Cultura.

**Alguma correção foi feita no percurso?**

Não acompanhei de perto, mas a valorização de uma experiência local, sempre levava a reorientações necessárias e individualizadas.

**Quanto à interrupção em 96, quais as conseqüências?**

Um desastre para o país. Algo que vinha dando certo, alargando suas fronteiras velozmente e que, por conta da mediocridade e egoísmo de muita gente externa à Casa, foi para o ralo... Uma perda irreparável.

**Na sua opinião, o que definiu a resistência do Proler (1992-1996)?**

Os resultados sempre tão inegáveis e a competência de um grupo e de seus coordenadores.

**Quanto ao Proler, após 1997, quais os ganhos e perdas?**

O ganho é ver uma idéia resistir por 10 anos e voltar atualizada na Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio. Mas, confesso, novamente me preocupam as parcerias.

(Caerleon, 09 de junho de 2007)

**9.2.13.**

**Telisa Furlanetto Graeff<sup>23</sup>**

**O que o Proler significou para sua vida profissional, acadêmica e pessoal?**

A participação no Proler me permitiu crer que, enfim, havia uma política de leitura para o nosso país, que essa política pela sua articulação nacional, pela sua capilarização por diferentes espaços sociais poderia realizar o sonho de uma sociedade brasileira mais feliz, mais participativa, mais responsável. Essa crença deu um sentido novo, um novo rumo às minhas atividades profissionais e acadêmicas: sabia que atuava numa rede, para tornar o país melhor para todos, e que isso não era apenas um discurso no vazio. Estudava e trabalhava para esse fim. Pessoalmente me sentia mais feliz, tomada por um sentimento de solidariedade humana, de fraternidade. Foi um tempo muito sensível, de muita aprendizagem.

**Qual a marca mais forte do Proler?**

A marca mais forte do Proler foi conceber a formação do leitor como responsabilidade de todos: do Estado e da sociedade civil. Houve um alargamento dos espaços de leitura e uma ampliação da leitura de textos escritos para textos de diferentes linguagens.

---

<sup>23</sup> Doutora em Letras, Linguística Aplicada (PUC-RS) Professora Titular da Universidade de Passo Fundo

**Qual era a estratégia pedagógica do projeto?**

A forma de conduzir o projeto era a de reunir as experiências de leitura já realizadas, documentadas e em andamento no país, para conhecê-las, para refletir sobre elas e ir adiante, incentivando-as. Não havia algo pronto. A idéia era (re) descobrir o prazer de ler e, nesse sentido, ampliar os espaços de leitura, para além da escola. Tornar vivas as bibliotecas, incentivar a criação de espaços de leitura fora da escola, com diferentes agentes de leitura, os quais eram formados por seminários do Proler.

**Como você se relacionou com a linha teórica do projeto?**

No início achei interessante, apenas. Tinha, até então, estudado mais os aspectos cognitivos do ato de ler. Depois, quando percebi o papel social da leitura no contexto sócio-econômico do Brasil, qualificando a cidadania e a interação sócio-discursiva dos sujeitos, me apaixonei. Aprendi muito sobre leitura. Foi uma das épocas mais ricas na ampliação de horizontes sobre o poder transformador da leitura.

**Qual a importância dos módulos?**

Os módulos eram fundamentais, uma vez que eles previam uma gradualidade que ia da sensibilização para a leitura até a autoria na produção de textos.

**A seqüência teórico-metodológica era clara?**

Muito clara, teoricamente segura, e exequível.

**Qual a importância dos encontros nacionais?**

Foram muito importantes. Permitiam que a gente sentisse que não era apenas um grãozinho de areia num mar, batalhando pela promoção da leitura num Brasil tão imenso quanto carente de livros e de atividades sensibilizantes em favor da leitura. Além de os encontros portarem em si o prazer do encontro de pessoas com um mesmo objetivo, eram muito produtivos pelas trocas que lá se faziam de experiências, de discussões teóricas, e pela avaliação. Saía-se de lá fortalecido e renovado nos propósitos. E, enfim, achando que a tarefa do Proler era possível.

**E quanto à articulação latino-americana, chegou a ter repercussão?**

Não tenho elementos para responder a essa questão.

**Quais as memórias mais significativas em relação às ações e aos eventos?**

A receptividade à atuação dos contadores de história, nos mais diferentes espaços, como cooperativas rurais, praças, hospitais, entre outros. A facilidade com que as pessoas se engajavam nas atividades dos Módulos e organizavam, depois, em suas cidades, ações de leitura. A facilidade com que se articulava a comunidade inteira, em favor de ações de leitura.

**Você pode citar algum fato relevante?**

Certa vez, fomos dois colegas e eu sensibilizar para o prazer de ler, numa escola mantida por uma cooperativa rural, situada num pequeno município da área de abrangência de Passo Fundo. Era uma classe de alfabetização de adultos. No princípio, eles estavam completamente passivos. Ouviam e depois permaneciam mudos. A gente estava meio sem saber o que fazer. De repente, à medida que um colega contava uma história de um personagem que se enforcara, eles começaram a se interessar, e depois contaram vários casos de pessoas da comunidade que haviam se enforcado. Eu fiquei realmente muito emocionada e me lembrei da história do Eduardo Galeano, d' *O Livro dos Abraços*, que termina com um cacique dizendo para um missionário, depois de ouvir-lhe a pregação, mais ou menos assim “ Você coça e coça bem, mas onde você coça não coça”. Fico sempre pensando: Quantas vezes a gente coça, onde não há coceira, e tudo cai no vazio...

**Quanto à questão da política de leitura: Quais as bases, as articulações e que parcerias foram feitas?**

Entrevistada - A base era “leitura é responsabilidade de todos”. A idéia era conscientizar a sociedade do valor da leitura para o desenvolvimento harmônico do país; a partir daí, democratizar a leitura para formar cidadãos capazes de exercer a democracia. Como, na região de abrangência de Passo Fundo, já havia uma tradição em Programas de Leitura, iniciativa do Curso de Letras da Universidade de Passo

Fundo, foi fácil articular órgãos do estado do Rio Grande do Sul, prefeituras, escolas, meios de comunicação... Nessa medida, muitas das parcerias já estavam feitas. Foram ampliadas com a participação de empresas cujo fim não era ensino nem promoção cultural, como hospitais, rodoviária, cooperativas rurais...

### **Quais os defeitos ou falhas observados no projeto?**

Num período, achamos que havia necessidade de maior teorização, para refletir sobre as práticas. Achamos que era necessário um curso de especialização.

### **Alguma correção foi feita no percurso?**

Foi discutido um curso numa rede de universidades do país, participantes do Proler. Esse curso teve várias edições. Foi muito bem recebido pela região.

### **Quanto à interrupção em 96, quais as conseqüências?**

Foi muito triste. Abateu a todos os participantes. Houve muito desânimo, porque tínhamos colocado nossos sonhos de um país justo e feliz para todos, no Proler. Tivemos de encarar a realidade de que o país ainda não estava preparado para um programa nacional de leitura como o Proler. Será que está agora?

### **Na sua opinião, o que definiu a resistência do Proler (1992-1996)?**

O Proler era encantador, e sério, e teoricamente sólido, e foi humanamente (Viva a Eliana Yunes e o Gregório Filho!), não burocraticamente, conduzido. Isso definiu a sua resistência. O Proler já havia conquistado muitos agentes de leitura. Era difícil estancar sua ação... Amém...

### **Quanto ao Proler, após 1997, quais os ganhos e perdas?**

A maior perda foi do sonho da articulação nacional, com o apoio do Estado. Como realizar algo que é nacional, sem o apoio do Estado, quando o maior interessado é/ou deveria ser o próprio Estado? Foi realmente desanimador...

**Peço-lhe um relato pessoal sobre sua participação no Proler, nesse período inicial (1992-1996).**

Foi só alegria. Alegria de aprender, de estar envolvida num programa, que existia pela primeira vez no Brasil, que articulava todas as ações de leitura, já existentes e que propunha algo novo, desescolarizando a leitura, democratizando o acesso ao livro, resgatando o prazer de ler, de contar e de ouvir histórias, de aprender na interação, num diálogo entre sujeitos, sem que um tivesse primazia sobre o outro, em função de diferenças sociais, culturais e econômicas. Irmãos, enfim, todos os brasileiros. Foi um tempo de realização de sonho, enquanto durou. Saudades!

**9.3.  
Depoimentos Pessoais**

Estes documentos me foram oferecidos por seus autores quando convidados a dar seu depoimento acerca das experiências vividas no Proler 1992-1996. São relatos de situações que ocorreram nas diversas oficinas promovidas pelo programa e ainda lembranças daqueles momentos e dos que deles participaram.

### 9.3.1. Bethania Sampaio Correia Mariani<sup>24</sup>

#### PROLER: LER E FAZER

##### Um projeto de incentivo à leitura

Escrever sobre o que foi o Proler, sob a gestão de Eliana Yunes, é descrever não somente a repercussão que causou nas cidades por onde circulou, mas é também falar sobre os deslocamentos que provocou nos próprios integrantes da equipe. As ações pró-leitura empreendidas atingiram a todos os envolvidos: do lado do variado público que comparecia em massa aos eventos promovidos com uma enorme sede de saber e também do lado dos profissionais convidados a ministrar oficinas, participar de mesas redondas, debater com o público, ouvir demandas, registrar os acontecimentos etc.

É de um lugar situado entre memória e esquecimento, em que pesa sobretudo uma lembrança afetiva mesclada ao prazer da descoberta de que há muito a aprender fora do saber universitário, que escrevo sobre alguns dos múltiplos sentidos do Proler.

##### Fronteiras deslocadas 1

A fundação da Casa da Leitura – sede do Proler, situada no bairro de Laranjeiras, Rio de Janeiro – resultou, sem dúvida, na institucionalização de um território singular: local em que simultaneamente ocorriam oficinas, debates, cursos, reuniões de trabalho, intercâmbios de experiências. Tratava-se de um local de encontros entre profissionais das mais diversas origens e que, apesar de distintos interesses, tinham em comum a vontade de fazer do Brasil um país de leitores.

Uma continuada reflexão interdisciplinar sobre a leitura se instaurava durante esses encontros, mesclando teorias sobre a linguagem e sobre interpretação com questões histórico-sociais, integrando a defesa da cidadania com implicações

---

<sup>24</sup> Bolsista de Produtividade em Pesquisa 1D. Orientadora de Doutorado. Doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1996).

político-econômico-culturais. Para as ações serem deflagradas, compreendia-se que o leitor nada tinha de passivo ou de centro absoluto da leitura, pois leitor e leitura são produzidos em uma cadeia discursiva historicizada, na qual sujeito e sentidos constituem-se mutua e simultaneamente.

Na Casa reuniam-se professores, pesquisadores, atores, escritores, poetas, artistas plásticos, cineastas, artistas populares, atores, contadores de história. Como pano de fundo, discussões sobre uma política nacional de leitura. No cotidiano do trabalho, porém, práticas políticas iam se instaurando e redes de leituras iam sendo construídas independentemente dos políticos de plantão. Discutir sobre leitura, simplesmente, já se constituía em uma prática política. Assim, se, por um lado, a instauração de políticas públicas sofria da lentidão característica da (falta de) vontade dos governantes, por outro, a Casa da Leitura ampliava seu território, seu raio de ação, já que trabalhava e inseria a sociedade no processo de estimulação e concretização de práticas leitoras. Afinal, a própria leitura é um instrumento político de conscientização social.

Deste modo, o trabalho realizado por aqueles que de algum modo participavam das atividades engendradas na Casa escapava do marasmo de projetos educacionais e/ou culturais propostos pelo governo. Ler e constituir-se leitor eram processos a serem deflagrados e instaurados para além do aparelho escolar; na verdade, desconfiava-se que a escola mais deformava do que formava leitores.

Ler é produzir sentidos. Ler é descobrir que o sentido pode ser outro. Ler é saber que leituras são produzidas historicamente e são passíveis de resignificação ao longo dos tempos. Na Casa da Leitura, textos em prosa e verso eram lidos, comentados, debatidos, interpretados. Mas na Casa, também se fazia a leitura da cidade, da arquitetura, do sistema urbano, dos museus. Também se liam as imagens fílmicas, as ilustrações, as pichações, os *cartoons*, histórias em quadrinhos, novelas. Discutia-se a leitura da publicidade, de peças teatrais, dos jornais, enfim, lia-se o mundo e as coisas do/no mundo de mais de um ponto de vista exatamente para que se constatasse isso: o mundo, a tal da realidade, não passa de um conjunto de pontos de vista, ou seja, sentidos construídos, alguns de modo hegemônico em oposição a outros eventualmente silenciados.

O que se praticava como leitura na Casa da Leitura, portanto, se difundia, atraía e formava um público leitor variado, o qual, por sua vez, agia como elemento multiplicador capaz de levar para além dos limites da Casa aquela fusão de ler, saber e prazer ali vivenciados. Era assim que a leitura escapava de determinadas imagens cristalizadas e eternizadas pela escola e se estendia para o âmbito da família e do trabalho, ou seja, consubstanciava-se um processo de formação de leitores que integrava o cotidiano de qualquer um em qualquer situação.

As atividades do Proler, como se sabe, não se restringiam à Casa da Leitura. Era um trabalho que se disseminava em diferentes estados e municípios, constituindo, progressivamente, uma grande rede política de pessoas interessadas na formação do leitor. Seu funcionamento multidisciplinar introduzia uma dinâmica que integrava uma típica ambientação acadêmica – apresentação de conferências e de espaços teóricos – com oficinas cujo objetivo maior era levar à descoberta da leitura como produção de sentidos através de lúdicas e de exercícios variados.

A fim de dar um testemunho sobre o impacto que essas oficinas causavam, passo a descrever aquela que organizei e com variações ministrei nas cidades de Rio Branco (Acre), Caxias do Sul (Rio Grande do Sul), Viçosa (Minas Gerais) e Vitória da Conquista (Bahia).

## **Deslocando fronteiras 2**

*Leitura e análise do discurso*, esse era o nome da oficina.

O programa que eu buscava implementar relacionava a perspectiva teórica da análise do discurso francesa, tal como concebida por Michel Pêcheux, com o desenvolvimento de práticas de leitura diversificadas. Meu interesse voltava-se para o estabelecimento de uma discussão crítica sobre a linguagem, sobre a relação da linguagem com os processos histórico-ideológicos e sobre uma concepção de sujeito em que o inconsciente e a ideologia são considerados. Falar sobre leitura era falar sobre a história dos sentidos de sujeito e sobre a história dos sentidos de um objeto simbólico qualquer. Os postulados teóricos sobre o discurso constituíam um dispositivo analítico que pudesse dar conta das leituras possíveis que um determinado objeto simbólico oferecia. E meu objetivo era tanto suscitar o interesse

sobre a pluralidade de leituras quanto ensinar que a Análise do Discurso se constituía num dispositivo de análise que, articulando a linguagem com a historicidade, nem permitia o exercício de um puro subjetivismo por parte do leitor nem fechava a leitura na busca de um sentido único e oculto nas entrelinhas.

A oficina se iniciava (quase) sempre com uma atividade que deslocava, literalmente, os alunos de sua posição de alunos e visava colocar no concreto a tal da leitura do mundo. Era importante, nesse momento inicial, fazer com que a turma compreendesse que os gestos de interpretação já se encontravam presentes na simplicidade de uma pequena caminhada por um local (des)conhecido. Ou seja, ler/interpretar o mundo acontece o tempo todo, só que não nos damos conta disso.

Para fazer essa reflexão com os integrantes da oficina, convidava-os para sair da sala. Fazíamos uma pequena caminhada de no máximo uns 15 minutos pelo local onde ocorriam as atividades. Durante a caminhada de ida e de volta (os dois percursos com aproximadamente cinco minutos, cada um), os alunos eram solicitados a fazerem breves anotações sobre o que viam, ouviam, percebiam etc. Em geral, após atingirmos um determinado ponto, eu pedia que eles sentassem e continuassem anotando o que quisessem (durante uns cinco minutos). Ao retornamos para nossa sala, eu pedia para que eles fossem dizendo o que haviam escrito e anotava no quadro o que eles haviam observado nesses três momentos: o caminho de ida, o de volta e o momento da parada. De imediato a turma se dava conta de como que, apesar de todos terem feito um mesmo caminho, as percepções não eram exatamente as mesmas. Além disso, no momento da parada, as anotações passavam a girar sobre lembranças, associações eram feitas, pequenos poemas muitas vezes surgiam... Os alunos aos poucos se davam conta de que muitas dessas diferenças surgiam em função do lugar que cada um ocupava para ser sujeito daquele determinado dizer. A partir daí, dessa constatação, iniciava-se uma conversa ao longo da qual eu introduzia o verbo 'ler' para conceituar, junto com o grupo, a leitura em seu sentido amplo de leitura do mundo.

Após essa atividade, eram distribuídos *cartoons* do Caulos para serem lidos em grupos. São *cartoons* muito instigantes, que remetem para jogos de força, movimentos de imposição e de resistência, sugerindo repetições, rupturas e

transformações sociais. Alguns remetem de modo mais explícito para situações escolares de alfabetização e escrita. Outros sugerem questões ecológicas. Seja como for, camadas de gestos de interpretação sempre se recolocavam a cada vez que eu repetia essa atividade e me surpreendiam com novas possibilidades de leituras. A pergunta principal que eu fazia para desencadear a reflexão sobre as leituras era: “Como vocês leram?” Não me interessavam, de imediato, os sentidos possíveis que eles haviam inferido. O que eu buscava com essa pergunta era levar o grupo a refletir sobre os diferentes modos de se entrar num texto. Em outras palavras: será que eles tinham lido cada *cartoon* isoladamente? Leram dois a dois? Relacionaram os da primeira página com os da segunda? E assim por diante. O objetivo era mostrar que conviviam modos canônicos de leitura (de cima para baixo, da esquerda para a direita, por exemplo) com modos bastante singulares e diferenciados. Nesse momento, eu perguntava para o grupo como cada um lia jornais, romances policiais, livro de receitas, livro de poemas, dicionários etc. A partir dessa discussão, começávamos a desautomatizar as regras que impõem um modo único de entrada nos objetos simbólicos.

No entanto, do Acre ao Rio Grande do Sul, havia um sentido que permanecia opaco, sobretudo para os integrantes mais jovens da oficina. Para percebê-lo era necessário relacionar os *cartoons* à data de sua publicação: 1971, período da ditadura militar. No momento em que eu chamava atenção para a data, um outro leque de sentidos se abria, e grande parte do grupo passava a reler os *cartoons* relacionando-os com suas condições de produção. Ao prazer da ‘descoberta’ desse outro sentido, juntavam-se lembranças, histórias eram contadas e as imagens propostas pelo Caulos eram ressignificadas imediatamente. Os alunos mais jovens, em sua maioria pouco ou nada sabiam sobre a ditadura militar, e ficavam instigados a ler mais sobre o período.

A leitura dos *cartoons*, em suma, levava à compreensão de que “ler é saber que o sentido pode ser outro” (Orlandi, 1988, 156); e proporcionava, também, a conceituação de condições de produção, de historicidade, de história de leituras do texto e de histórias de leituras do sujeito leitor. Do meu lado, havia sempre uma surpresa, uma leitura não prevista poderia irromper (como aconteceu várias vezes).

Essas oficinas, aliás, me levavam a repensar minhas próprias práticas, fazendo com que eu precisasse estar sempre reinterrogando a escolha das estratégias. Em outras palavras, a diversidade de público a que eu me expunha me obrigava a colocar em suspensão minhas certezas, minhas convicções, enfim, as minhas leituras de mundo. Para Vitória da Conquista, por exemplo, eu havia selecionado um texto do Italo Calvino intitulado *Palomar na praia; leitura de uma onda*.

A escolha desse texto, para mim, era óbvia por dois motivos. O primeiro apontava exatamente para a questão da pluralidade de leituras e da impossibilidade de um modelo totalizante que desse conta de A leitura. Era importante refletir com o grupo sobre a relação entre sujeito e objeto, ou seja, levar o grupo a compreender que é o ponto de vista, que é o lugar de onde se situa o sujeito que um dado objeto é lido, é percebido, é significado. No texto *Palomar na praia*, trata-se das (im)possibilidades da observação/ leitura totalizante do mundo, no caso em questão, da leitura de uma única onda em uma praia. Ao longo do texto, é possível acompanhar as tentativas de Palomar em construir um lugar de leitura e sua frustração ao descobrir que sempre uma nova possibilidade se abria. Como afirma Calvino,

“Em suma, não se pode observar uma onda sem levar em conta os aspectos complexos que concorrem para formá-la e aqueles também complexos a que essa dá ensejo. Tais aspectos variam continuamente, decorrendo daí que cada onda é diferente de outra onda, mas da mesma maneira é verdade que cada onda é igual a outra onda, mesmo quando não imediatamente contígua ou sucessiva, enfim, são formas e seqüências que se repetem, ainda que distribuídas de forma irregular no espaço e no tempo.” (Calvino, 1994, p. 08)

Calvino, com sua argúcia e malícia, coloca a questão dessa (im)possibilidade na perspectiva do leitor, ou seja, de Palomar. Vejamos:

“Homem nervoso que vive num mundo frenético e congestionado, o senhor Palomar tende a reduzir suas próprias relações com o mundo externo e para defender-se da neurastenia geral procura manter tanto quanto pode suas sensações sobre controle.” (Calvino, *id. Ibid.*)

O segundo elemento motivador na escolha do texto, aquele que me parecia mais óbvio e simples foi exatamente o que me mostrou a total falibilidade das

certezas e das evidências, ou seja, aquilo que eu mesma tentava passar para os participantes das minhas oficinas. Eu havia estabelecido uma relação imaginária entre a cidade de Vitória da Conquista, na Bahia, e um texto que tinha como pretexto uma onda em uma praia. Para mim, Bahia significava pura e simplesmente praias a perder de vista... Qual não foi minha enorme surpresa e embaraço quando meus colegas na Casa da Leitura disseram que Vitória da Conquista não tinha praia, ficava no interior e, portanto, talvez alguns alunos nunca teriam visto o mar. O que fazer? Aceitar o desafio e levar o texto. Afinal, se eu estava querendo discutir que o ponto de vista constitui o objeto, por que não considerar a possibilidade não prevista?

Para sucintamente comentar o desfecho dessa atividade, basta dizer que de fato uma das participantes nunca havia visto de perto o mar. Mar, para ela, era apenas apenas uma totalidade que a televisão mostrava, algo que ou era paradisíaco e turístico ou ameaçador em função tempestades destruidoras. Foi, sem dúvida, para ela, para mim e para o grupo todo uma experiência singular a leitura do texto de Calvino.

Em suma, o processo de atribuição de sentidos depende de diferentes fatores. Depende, por exemplo, do modo como o sujeito leitor se engaja na leitura e depende, também, do tipo de texto escolhido. O leitor está lendo porque quer? Por prazer? Ou será que lê para obter uma nota? Trata-se da leitura de um artigo científico ou de um conto de fadas? Os gestos de interpretação em cada um desses casos serão diferentes. Como na história da leitora que nunca havia visto o mar, a produção de sentidos depende, dentre outros fatores, das histórias que o sujeito traz consigo ao ler, inclusive seu conhecimento sobre as histórias (já instituídas) do texto em questão.

Todos os aspectos mencionados colaboram na afirmação já conhecida de que um mesmo texto nem sempre é lido da mesma maneira por dois ou mais sujeitos. Da mesma forma, um mesmo leitor lerá diferentemente um mesmo texto em épocas diferentes. Ou seja, sentidos atribuídos no passado não necessariamente se repetirão no presente. O leitor, a sociedade, os processos sociais, enfim, a vida está sempre numa perene tensão entre repetição e transformação, o que permite a produção de diferentes sentidos.

## Outros deslocamentos

Se as oficinas eram o lugar de exercício de práticas leitoras, os espaços teóricos, como o próprio nome diz, representavam os momentos de reflexão e de preparação para as atividades de leitura propriamente ditas. Nessas mesas redondas, artistas e intelectuais eram convidados a expor suas concepções sobre leitura, memória, interdisciplinaridade, literatura etc. Eram mesas sempre muito instigantes, pois as diferentes falas se somavam ou não. O que importava era o exercício da diferença como elemento propício para a abertura de discussões saborosas e proveitosas.

Em Caxias do Sul, eu e Amir Haddad participamos da mesa Leitura e Ideologia. A proposta era que cada um de nós falasse a partir de seu próprio lugar sobre a questão da ideologia, ou seja, eu traria questões ligadas ao modo como a Análise do Discurso lida com a questão enquanto que ao Amir caberia trazer a perspectiva do teatro. Combinamos que eu falaria antes do Amir.

Para a Análise do Discurso, a leitura mobiliza, da parte do leitor, relações várias, com o a que se estabelece com o leitor virtual inscrito no texto, ou ainda, com a imagem que se tem do autor, de outros leitores, da leitura de outros textos e assim por diante. O sujeito-leitor irá produzir uma leitura que resulta de sua inter-relação com outros sujeitos e não apenas com o texto em si mesmo. O texto, por sua vez, enquanto objeto simbólico, deve ser entendido como elemento mediador destas relações que são históricas.

No texto não se depreende ou encontra um sentido único, verdadeiro, previamente inscrito na linguagem, sentido esse que caberia ao leitor atingir. Somente quando se inicia o processo de leitura é que os sentidos vão se constituindo e, muitas vezes, acabam surpreendendo o leitor. Em outras palavras, o sujeito leitor se surpreende com a descoberta de que estaria apenas repetindo sentidos anteriormente determinados ou, ainda, a surpresa pode resultar justamente em um equívoco que, no momento da leitura, faz emergir uma outra possibilidade de sentido. Seja por ação da ideologia, seja por movimento do inconsciente, o leitor se

vê subitamente deslocado nas suas garantias e certezas. E isso é uma questão de linguagem. Como nos lembra P. Henry,

“o sujeito é sempre e, ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação”. (Henry, 1992, pg 78)

Falar em ideologia, aqui, aponta para os processos históricos de naturalização dos sentidos que produzem efeitos de literalidade. O inconsciente, por sua vez, é tomado na perspectiva lacaniana, ou seja, entende-se que é estruturado como uma linguagem.<sup>25</sup>

Do ponto de vista da Análise do Discurso, a linguagem é entendida como uma prática social transformadora, integrante e integrada por outras práticas sociais características dos diversos períodos históricos. Ao contrário da tradição lingüística que prioriza o aspecto comunicativo da linguagem humana, para a Análise do Discurso, o processo de tomar a palavra conduz o sujeito, de modo inevitável, a se engajar em práticas sócio-históricas. O sujeito falante, porém, não se dá conta desse processo. Nessa perspectiva, o sujeito não é um *a priori*, o que se coloca como ponto de partida é o Outro, ou seja, o Outro da linguagem e da historicidade (memória).

O sujeito não fabrica a linguagem, não é origem dos sentidos nem domina totalmente tudo o que diz. Em outras palavras, há um aprisionamento primeiro nas malhas de significantes que antecedem e que, ao mesmo tempo, constituem o sujeito. O sujeito é falado antes de falar e sua entrada no simbólico é a entrada em um sistema significante que remete a si mesmo (o próprio sistema significante) antes de constituir redes de sentidos historicamente determinados para o sujeito. Dito de outro modo, sem significantes não há sujeito e, ao mesmo tempo, o sujeito advém representado nesses significantes que o constituem. Para haver sujeito há que haver uma inscrição do significante.

Para Pêcheux, em sua visada teórica da relação entre o inconsciente e a ideologia, o assujeitamento à linguagem não se realiza fora do ideológico, ou, mais

---

<sup>25</sup> Um modo de definir o inconsciente: “o inconsciente é a parte do discurso concreto, transindividual que falta à disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente.” (Lacan, 1998, p. 244) Em outras palavras, o inconsciente é da ordem do que falha, do que se esquece, do que se diz não se percebendo que disse.

precisamente, fora da identificação sofrida pelo sujeito à formação discursiva<sup>26</sup> na qual ele se constitui, embora essa identificação-interpelação se encontre recalçada. De acordo com esse quadro teórico, o processo de produção de sentidos se realiza na relação do funcionamento da língua com o funcionamento do inconsciente e da ideologia, ou seja, o que é da ordem do linguageiro se encontra materialmente ligado ao que é da ordem do inconsciente e ao que é da ordem da historicidade com suas contradições e produção de efeitos de literalidade.

Se bem me lembro, e conforme anotações que tinha feito na época, essas foram algumas das questões que apontei para o público que assistia à mesa redonda. Amir Haddad, por sua vez, reiterou o que eu havia dito e foi mostrando como se dá, como se mostra o ideológico no teatro. Aprendi muito ouvindo o Amir. Ele falou do teatro grego, de Shakespeare, de Bertolt Brecht e de outros autores de que não me recordo mais.

Ao final de sua fala, Amir disse que ia ler para o público uma parte da peça *Vida de Galileu*, de Brecht.<sup>27</sup> Mais exatamente, explicou Amir, iria ler o trecho em que Galileu discute com o Pequeno Monge o que representava a mudança no ponto de vista até então aceito sobre a ordem das coisas no mundo. Nesse momento, para meu espanto, ele me convoca para ler a parte do Pequeno Monge. Confesso que entrei em pânico, já que isso implicaria uma mudança de posição considerável. Mas, quem pode resistir ao Amir? A leitura desse pequeno trecho, vivenciando o Pequeno Monge<sup>28</sup> nesse dueto com o ator e diretor de teatro Amir Haddad talvez tenha sido uma das melhores experiências que tive no Proler.

E por quê? Porque provocou um deslocamento no meu lugar de acadêmica, de professora com mestria em um tipo de fala. Indo mais além, porque ao “vestir a camisa” do Pequeno Monge, sendo provocada pelas palavras de Brecht, sem perceber deixei que outros sentidos emergissem no momento da leitura. No texto

---

<sup>26</sup> As formações discursivas correspondem àquilo que pode e deve ser dito a partir de um lugar determinado e de uma forma determinada. Elas constituem regiões de sentidos, ou melhor, a matriz dos sentidos.

<sup>27</sup> A peça foi escrita por Brecht entre 1938 e 1939. Não fiquei com cópia do texto que Amir tinha em mãos. Anos mais tarde, ganhei de presente o livro *Bertolt Brecht – Teatro Completo 6*, volume que tinha o texto traduzido por Roberto Schwarz.

<sup>28</sup> “Um monge moço, que não fora convidado, filho de pobre gente pobre, quer saber como o saber de descobre. Quer saber como saber.” (Brecht, 1999, p. 118)

abaixo, parte do que li na época, encontra-se o fragmento que marca exatamente esse jogo entre inconsciente e ideologia materializados na linguagem.

*“Galileu: Pode falar, fale! A roupa que o senhor usa lhe dá o direito de dizer toda e qualquer coisa.*

*(...)*

***O Pequeno Monge:** (...) O senhor me permita que eu lhe fale de mim. Nasci no campo, sou filho de camponeses. São gente simples. Sabem tudo sobre a oliveira, mas pouco além disso. Observando as fases de Vênus, vejo os meus pais diante de mim, sentados diante do fogão, com a minha irmã, comendo o seu queijo. Acima deles vejo o teto, escurecido pela fumaça de muitos séculos, e vejo bem as suas mãos velhas e deformadas, segurando a colher pequena. A vida deles não é boa, mas até a sua desgraça manifesta uma certa ordem. São vários os ciclos, desde os dias de lavar o chão, até as estações no olival, até o pagamento dos impostos. (...) Eles estão seguros – foram ensinados assim – de que o olho de Deus está posto neles, atento, quase ansioso, de que o espetáculo do mundo foi construído em torno deles, para que eles, os atores, pudessem desempenhar os seus papéis grandes ou pequenos. Que diria a minha gente se ouvisse de mim que moram num pedaço pequeno de rocha que gira ininterruptamente no espaço vazio, à volta de outra estrela, um pedaço entre muitos, sem maior expressão? Para que tanta paciência e resignação diante da miséria? Elas não ficariam sem cabimento? Qual é o cabimento da Sagrada Escritura que explicou tudo e que disse que tudo é necessário, o suor, a paciência, a fome, a submissão, se ela agora está toda errada? Não, eu vejo os olhos deles ficando ariscos, vejo como descansam a colher, vejo como eles se sentem traídos e esbulhados. Então o olho não está posto em nós, é o que pensamos. Nós é que precisamos cuidar de nós mesmos, sem instrução, velhos e acabados como estamos? (...)”*

O Pequeno Monge, ao invocar a situação de seus pais, quer mostrar para Galileu o quanto eram necessárias as certezas religiosas, pois eram estas que sustentavam a hierárquica estrutura social medieval. Se por um lado ele, o Pequeno Monge, sabe sobre as injustiças sociais, por outro ele também sabe que são a religião católica e a fé em Deus os elementos responsáveis pela manutenção de cada um em seu lugar sem questionamentos e, conseqüentemente, sem espaço para manifestar sofrimento. Afinal, de acordo com a Sagrada Escritura, as coisas são como são por desígnios de Deus e esses desígnios só Deus conhece. Ao ler o Pequeno Monge, ao me envolver na leitura e ao ficar indignada com os seus argumentos, troquei uma palavra por outra – ao invés de falar “segurando a colher”, conforme estava no texto, disse “sangrando a colher” –, deixando que se ouvisse aquilo que de alguma forma estava constituindo o meu dizer.

O embaraço que envolveu esse meu ato falho – eu parei de ler na hora – foi imediatamente tomado por Amir, que pontuou para a platéia os sentidos que ali estavam em jogo: a questão da ideologia e da verdade transbordavam não apenas dos conteúdos manifestos da peça, mas também do/no equívoco manifestado durante a minha leitura. O ato falho sinalizou algo extremamente importante: há um efeito da leitura de um texto que não é puramente consciente. É o texto que me lê e no momento em que esse movimento se dá há um desconcerto. E esse momento em que o texto me lê é um momento inconsciente.<sup>29</sup>

Valendo-me da Análise do Discurso, penso que naquele momento um determinado gesto de interpretação se revelou à minha revelia. E mais, marcou-se para a platéia o que eu anteriormente vinha explicando sobre o sujeito do inconsciente. Na fragmentação equivocada de minha leitura, surgiu um outro sentido, um sentido a ser recomposto, a ser enriquecido. A troca de palavras, ao invés de ser ignorada como mera falha mecânica, foi problematizada, ressignificada por mim mesma e por quem ali estava me ouvindo.

### **As leituras continuam**

Ainda haveria o que contar. As histórias são muitas e variadas, como por exemplo a da prefeitura de uma cidade que, após uma forte tempestade responsável pela inundação da biblioteca local, colocou a parte do acervo que resistiu à intempérie em uma cela da prisão!

Enfim, o que o PROLER possibilitou foi tanto o conhecimento de um Brasil leitor até então desconhecido quanto a transmissão da leitura como instrumento político. E todos os que participaram daquelas atividades foram afetados e

---

<sup>29</sup> Afirma J. Birman: “Vale dizer, se considerarmos os pontos de vista do desejo e do sujeito inconsciente, podemos enunciar que é o texto que realiza insofismavelmente o reconhecimento do leitor. Por isso mesmo, esse efeito da leitura é de desconstrução do eu do leitor, mas revela simultaneamente a positividade do seu desejo. Delineia-se assim algo que se transmite ao leitor com o texto, o que aquele descobre com a leitura e o seu ganho real na experiência. Isso porque, com o impacto surreendente, o leitor interrompe bruscamente a leitura e entra em suspensão, sendo conduzido para uma posição de fantasiar e de refletir sobre o que aconteceu, para poder retomar a leitura em seguida. Nessa retoada, a continuidade temporal se reestabelece e o eu do leitor se recompõe novamente.” (Birman, 1994, p. 105)

transformados por esse projeto de leitura. Um processo que ainda hoje traz conseqüências.

### Referências bibliográficas

- BIRMAN, Joel. Leitura crítica: questões sobre recepção. In **Leitura, saber e cidadania**. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca nacional & PROLER & Centro Cultural Banco do Brasil, 1994.
- BRECHT, Bertot. **Teatro Completo 6**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.
- CALVINO, Italo. **Palomar**. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- HENRY, Paul. **A ferramenta imperfeita**. Campinas, Pontes, 1992.
- LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro, Zahar, 1988.
- ORLANDI, Eni. **Discurso e leitura**. Campinas, São Paulo, Pontes & Cultrix, 1988.

### 9.3.2.

#### Elisa Cristina Lopes<sup>30</sup>

Quando reflito a distância sobre o que foi a minha experiência com o Proler, penso primeiramente num envolvimento afetivo, emocional e prazeroso com a leitura. Durante minha formação acadêmica, vivia um conflito interno entre o pensamento intelectual, racional – vindo da teorização da literatura e entre as emoções que a leitura literária me proporcionava desde criança. Além disso, vivia um certo ‘preconceito’ interno de não ter sido uma leitora clássica e voraz no sentido de ter lido todas as obras importantes da literatura universal e brasileira. Com o Proler, fui descobrindo os leitores que todos somos se soubermos valorizar o nosso repertório cultural sem nos fecharmos, obviamente, para novas experiências de leitura. Portanto,

---

<sup>30</sup> Elisa Cristina Lopes, graduada em Letras (UFV), Mestrado em Literatura (PUC-Rio), Doutorado em Educação (USP). Professora de Teoria Literária e Prática de Ensino de Literatura - Universidade Federal de Viçosa. (Questionário: 24/08/06)

posso falar com muita convicção que o Proler (com suas atividades e sua política pública de leitura) ajudou-me a não só resolver o conflito entre razão e emoção, mas também me ajudou a valorizar o que sinto, o que sou enquanto sujeito e leitor. Além disso, descobri o real sentido da relação entre leitura, ou políticas públicas de leitura, e democracia. A leitura e todas as formas de acesso às artes devem ser, como já afirmava Antônio Cândido<sup>31</sup>, um direito humano. Vi e vivi isto no Proler.

Na minha vida profissional, acadêmica e pessoal, o Proler me apresentou uma nova perspectiva de ver a literatura, pois amenizou em mim as teorias acadêmicas, circunscritas aos intelectuais, críticos e professores universitários e iluminou o espaço de formação de leitor num sentido mais amplo: racional e sensitivo, onde haveria momentos para ativar afetos, emoções e enfatizar as experiências de sujeito. Daí, o objeto literatura passou a ter uma dimensão mais atrelada à vida e conseqüentemente, na dimensão profissional e acadêmica, este objeto de saber deixou de lado o seu lado “estéril” – apenas teórico, e tomou uma dimensão de vida, vida em movimento, pulsante e sensível.

Assim, a marca mais forte do Proler, para mim, foi incorporar na experiência de leitura literária as emoções e a formação de um olhar sensível para o mundo que nos cerca, tornando-nos – como cidadãos e leitores – mais perceptivos e sensíveis para a vida. Além disso, o Proler trouxe o reconhecimento de que qualquer sujeito é em potencial um leitor. Isto possibilitou pensar a leitura como prática social e ampliar os conceitos fechados e elitistas de leitura.

Tudo são memórias e boas memórias: rodas de leitura, construção coletiva do saber e do entendimento do texto, compartilhar memórias de leitura, ouvir contadores de história ( um detalhe: depois de conhecer a Eliana Yunes nos bancos acadêmicos, ouvi-la contar histórias...isto é memória do Proler); as pílulas de poesia, as casquinhas de noz com mensagens e poemas, o Gregório rememorando e falando histórias...

---

<sup>31</sup> Antônio Cândido, professor universitário, escritor e ensaísta com vasta produção teórica, é autor, entre outros, de *Vários escritos*. SP: Duas Cidades, 1995.

### 9.3.3. Lucelena Ferreira<sup>32</sup>

O Proler significou para mim início, inspiração, eixo, princípios básicos (éticos e pedagógicos), amizade, afeto. A marca mais forte do programa era o prazer de ler. Contribuição – efetiva – para a formação de novos (e antigos) leitores. As memórias mais significativas são do encantamento das pessoas com as ações propostas e realizadas pelo Proler e, ainda, de choro, abraço, desejo de proximidade: laços constantes nas cerimônias de encerramento dos módulos.

### *O TEAR ININTERRUPTO*<sup>33</sup>

*“Miguilim contava, sem carecer de esforço, estórias compridas, que ninguém nunca tinha sabido, não esbarrava de contar, estava tão alegre nervoso, aquilo para ele era o seu entendimento maior. Fazer estórias, tudo com um viver limpo, novo, de consolo.”*

*João Guimarães Rosa*

## I. OS FIOS

Tempo de argamassa. Fiz parte da equipe do Proler, o Programa Nacional de Incentivo à Leitura, da Fundação Biblioteca Nacional, desde a inauguração de sua sede, a Casa da Leitura, em agosto de 1993, até setembro de 1996. Lá conheci Francisco Gregório, o Coordenador, e pude conviver diariamente com Eliana Yunes, Assessora Especial (e idealizadora) do Programa. Eliana e Gregório: rumo de amor e retidão. Afetos cultivados com o coração inteiro, destes que fazem valer a estadia na Terra e animam a caminhada.

---

<sup>32</sup> Lucelena Ferreira, .....

<sup>33</sup> A escritora enviou-me este texto com a seguinte mensagem: “Checar arquivo anexo denominado ‘Texto sobre o Proler’, que escrevi para publicação em um livro, a pedido de Eliana Yunes. Creio que ainda não foi publicado.”

Por ser de interesse do Proler, transcrevo-o na íntegra com autorização da autora.

Como integrante da Assessoria Técnica, acompanhei o desenvolvimento das práticas de incentivo à leitura do Programa. Integrei os Encontros para a Promoção da Leitura e outras atividades promovidas pelo Proler em onze estados brasileiros, atuando como contadora de histórias, palestrante, coordenadora e/ ou oficinaira.

No percurso proleriano, acentuam-se textos (fenda para afetos), a trança, a voz. Auto-descoberta é reforço necessário para uma sociedade de inclusão.

Em especial, uma prática de leitura, retomada pelos participantes do Programa, impressionava-me pela sua capacidade de mobilização afetiva e intelectual: a contação<sup>34</sup> de histórias. O texto - fio de memória, presente. Literatura em desvios inaugurais.

## II. O TEAR ININTERRUPTO

Chamar para a partilha com o texto que vibra, contado de cor. Um acervo costurado no coração pode ser oferecido quando o instante pede. Sem roteiro previsto. O contador atento logra trançar literatura com a realidade dos ouvintes, problematizando a relação destes com o mundo. Sem dirigismos ou tentativas de "domesticação", simplesmente através das histórias oferecidas, pode empregar fruição na direção de uma sociedade mais justa, deslocando olhares acostumados, provocando novas questões e mudanças de valores, enfim, fazendo pulsar a função de criação social da literatura, de que nos fala Jauss (1991, p.80).

### **Palmas**<sup>35</sup>

Cheguei a Palmas e fazia frio. A cidade mais fria do Brasil, apregoavam alguns orgulhosos moradores. Fui dar palestra e oficina na universidade. Fala de cá, cochicha de lá, descobri em Palmas a existência de um gueto. Os negros à margem, no tempo de Palmas. “Moram separado porque preferem”, arrumou um professor.

<sup>34</sup> Termo criado por Francisco Gregório Filho, Coordenador do Proler até o ano de 1996, para anunciar as apresentações de contadores de histórias.

<sup>35</sup> Texto meu, relatando experiência vivida durante um dos *Encontros para a Promoção da Leitura*.

Mas não é que o pensamento me desviou uma pergunta? “E por que não preferem morar perto dos brancos?”. Coisa assim, de não ter resposta que sufoque.

Fui ao gueto. Lugar pobre de dinheiro, onde as casas são feitas com madeira sobrada de outras construções. Cada pedaço oferece uma cor diferente, em aquarela de arranjo imprevisto. Estéticos tons do gueto.

Palmas tem também um seminário católico, que forma padres. Conheci o padre chefe. Jovem bonito, de falar tocando e rindo torto. Pediu-me uma história para os adolescentes seminaristas, já reunidos no silêncio do auditório. Sem hesitar, contei a história de um coelhinho muito branco e de pêlo macio, que resguarda, em sonho maior, a vontade de tornar-se preto como a menina sua vizinha. Acaba por procurar uma coelha preta para se casar. Dessa união, nascem coelhinhos de diversas cores: preto, branco, cinza, malhado. O livro: "Menina bonita do laço de fita", de Ana Maria Machado. Ao fim, olhei dentro do padre, sem busca. Dos meninos, recebi palmas de batidas vigorosas, mas num monótono ritmo único, ensinado, sem desafino original. Poucos sorrisos. Todos os palhaços guardados.

E o nome da cidade insiste incoerente, nas curvas necessárias do retorno.

O contador de histórias não conta para alguém, mas conta com alguém<sup>36</sup>. Transformando e deixando-se transformar. Mesmo o alcance da voz exige proximidade. Contar histórias permite exercício de atenção ao outro, tempo para decifrar expressões, aguçar conhecimento. Olhares passeando juntos. A contação ensaia espaço artesanal de educação. Contador dispensa palcos: afastamento desnecessário e indesejado. Exemplo para o educador que persegue encontro, como atesta o conselho de Freinet (1996, p.92):

"- Elimine a cátedra, símbolo desse autoritarismo condenado. Munida de quatro pés, dará uma sólida mesa de trabalho. Desça ao nível das crianças, para você jogar o jogo delas, ver como elas, reagir com o mesmo ritmo. (...) Arregace as mangas para trabalhar com as crianças. Deixe de dar ordens e castigar, atire-se ao trabalho com os alunos".

---

<sup>36</sup> Como ensina Eliana Yunes nas suas oficinas.

Palavra salgando a língua: tempo para o tempero único de cada uma. Texto em fatias finas, lido e relido. Na exposição, é preciso fôlego para os afetos revolvidos. A contação acasala memórias e deixa inventar. Palavras desacompanhadas de imagens visuais a elas associadas convocam o imaginário visivo do ouvinte.

Sensações provocadas pelas leituras (prévias e atual) do texto deságuam em tonalidades de voz, pausas, palpitações. Na ebulição da experiência estética, o contador comunica prazer, podendo demolir preconceitos ou idéias negativas sobre livro e literatura. Assim reduz afastamentos, permitindo à literatura avizinhar-se do coração dos ouvintes. Segundo Daniel Pennac (1995, p.115), quando há desencontro entre aluno e literatura, num primeiro momento, a voz do professor-contador pode ajudar na reconciliação: "economizando o esforço da decifração, (...) sublinhando os temas, acentuando tonalidades", ou, como queria Paulo Freire, realçando a força transformadora das palavras.

Contar, mas também ouvir histórias: promover o resgate de um palavreado afetivo<sup>37</sup>, mergulho na memória que conspira a favor do exercício de expressão singular. Naturalizar um espaço de expressão durante a aula pode contribuir para que o aluno vá tomando posse de seu discurso. Contra a cultura do silêncio, confiança na própria voz. "As palavras do mestre só ao se converterem em silêncio deixam um vazio no qual o discípulo possa criar um lugar para si", ensina a pedagogia profana de Jorge Larrosa (1998, p.116).

Era esse tipo de vivência que perseguíamos nas oficinas e partilhas de histórias promovidas pelo Proler.

### III. DESCONFIANÇAS

Antes de ler os livros de Fernando, descobri seus causos na voz mansa de mineiro. A delícia da leitura chegando assim, pelos cantinhos, sem pedir licença.

Escrevi. Fernando disse: me mostra. Fernando adora doce de coco.

A vida toda quero beijar Fernando.

---

<sup>37</sup> Expressão utilizada por Glória Kirinus, no seu livro *Criança e poesia na pedagogia Freinet*.

•

A tristeza, o poema esperou. Um cheirinho de chuva desistindo, depois. Suspeita: poesia socorre sentidos. Quem precisar, pertence a ela.

“Tudo se finge, primeiro; germina autêntico é depois”<sup>38</sup>. Mistério da leitura: como descrever a sensação de assombro que esta frase obriga? Prazer. Vibrando estética, talvez. Sentimento de contornos escorregadios. Mas prazer.

•

Veio Gregório, leitor voraz, absorvendo: "a gente lê para ser melhor com o outro, e não melhor que o outro". Sabedoria ecoa.

•

Há alguns anos, perguntei à Kássia por que ela gostava tanto de ouvir histórias. A pequena arriscou um sorriso ressabiado: "porque criança brinca, ué!".

Principiei um impulso de partilha.

#### **IV. HISTÓRIAS DE PESCADOR**

##### **1. PAULINHO**

Literatura deu a pista: num dos seus causos, Eduardo Galeano (1995, p.68) inaugura Fernando Silva, contador de histórias.

“(...) Além disso, Fernando trabalha como médico. Prefere as ervas aos comprimidos e cura a úlcera com plantas e ovo de pombo; mas prefere ainda a própria mão. Porque ele cura tocando. E contando, que é outra maneira de tocar”.

Fernando volta no conto seguinte (Galeano, 1995, p.70), que transcrevo inteiro:

#### **NOITE DE NATAL**

Fernando Silva dirige o hospital de crianças, em Manágua.

---

<sup>38</sup> ROSA, Guimarães.

Na véspera do Natal, ficou trabalhando até muito tarde. Os foguetes espocavam e os fogos de artifício começavam a iluminar o céu quando Fernando decidiu ir embora. Em casa, esperavam por ele para festejar.

Fez um último percorrido pelas salas, vendo se tudo ficava em ordem, e estava nessa quando sentiu que passos o seguiam. Passos de algodão: virou e descobriu que um dos doentinhos andava atrás dele. Na penumbra, reconheceu-o. Era um menino que estava sozinho. Fernando reconheceu sua cara marcada pela morte e aqueles olhos que pediam desculpas ou talvez pedissem licença.

Fernando aproximou-se e o menino roçou-o com a mão:

Diga para... - sussurrou o menino - Diga para alguém que eu estou aqui.

Este conto amarrotta o leitor e aproxima realidades. Acentua-se: curar contando. O texto obriga à ação. Assim comecei, com as contadoras Angela e Luísa, a contar histórias para as crianças internadas num grande hospital público do Rio de Janeiro, como parte do meu trabalho no Proler.

Da primeira vez, as crianças (e alguns pais e enfermeiras) se reuniram numa sala. Juntos, fizemos um espetáculo entusiasmado. Depois, a psicóloga do hospital pediu que fôssemos até o quarto onde ficavam as crianças que não podiam se locomover. E nos preveniu, buscando gentileza: um dos meninos, chamado Paulinho, provavelmente choraria durante as histórias. Sofria de depressão, nada mais o estimulava. Mágicos, palhaços, animadores... Sempre chorava. Criança sem amarras com a vida. E eu pensei: chorar que nada! Duvido muito! Entramos, cumprimentamos as crianças entre sorrisos e começamos a contar. No meio de um dos meus textos, Paulinho começou a chorar. Ir até o fim, achar o silêncio, abraçar? Prossegui, desconcertada. Veio a enfermeira. Ainda contamos mais algumas histórias. Fui embora menor, pensando no abraço guardado.

*Voltamos no mês seguinte, para receber boa nova: nas últimas semanas, Paulinho insistia com os médicos, enfermeiras, psicólogas para que lhe contassem histórias. E as ouvia, atento. Ele já havia saído do hospital.*

## 2. KÁSSIA

Durante tardes de sábado, brincava com as meninas do orfanato e lhes contava histórias. Sempre que perguntava o que queriam ouvir, vinha a resposta invariável: Branca de Neve. Mas não querem aquela outra, do macaco e a velha? Não. E eu iniciava com Branca de Neve. Uma vez, buscando conhecer a ligação das crianças com esta história, anunciei que naquele dia não contaria nada. E pedi para que alguém narrasse uma história. Uma menina de uns seis anos se prontificou. Kássia. Negra e linda, de olhos enormes. Que história vai contar, Kássia? Branca de Neve! E contou a versão conhecida por todos, até o momento em que Branca de Neve fica deitada na cama de vidro, no jardim dos sete anões, sob efeito da maçã envenenada. Para minha surpresa, este momento esticou-se em longuíssima narração. Os anões choravam, os passarinhos choravam, a floresta inteira chorava e nada do príncipe. Respirações suspensas. Quando este finalmente apareceu em seu cavalo prateado, os rostinhos à minha frente se iluminaram. O relevo: Branca de Neve escondida na floresta, à espera de um príncipe que virá para resgatá-la, inaugurando com ela uma vida de felicidade.

Que sonhos guardarão os travesseirinhos do orfanato?

## 3. ANTÔNIO

Hospital grande do Rio de Janeiro. Público, sujo. Angela contava para as crianças internadas uma versão de João e Maria. Logo depois que jogaram a bruxa no fogo, dizia ela, João e Maria saíram correndo de volta para casa. Neste instante, um menino interrompeu, enfático: “Não foi assim que aconteceu. Depois que eles jogaram a bruxa no fogo, apareceu um cisne branco. Eles montaram no cisne e saíram voando pela floresta”.

Antônio mudou o texto, com uma expressão matreira. Ele estava em cadeira de rodas. Foi o cisne que levou os meninos de Antônio. E a história ficou mais bonita.

Kássia e Antônio provocam: de algum modo, as histórias se relacionam com a experiência vivida dessas crianças, a ponto de fazê-las interferir no enredo. Da ficção e da vida, quero crer. Se é que se pode separá-las.

#### 4. CONCEIÇÃO

Quando entrei pela primeira vez, os velhinhos estavam sentados numa sala, lanchando. Pão com manteiga e suco de caju. Fui conhecendo alguns deles. Uma senhora negra bem velhinha, magra, pequena, apresentou-se: “Meu nome é Conceição, conhece?” E cantarolou um trechinho da música famosa: “Conceição, eu me lembro muito bem...”. Foi a primeira coisa, já meio ensaiada, que me disse sobre ela: seu nome ritmado. Imaginei o espaço desta música na vida de Conceição.

Um senhor se aproximou, meio tímido: “Eu me chamo Washington. Como a cidade. Não vá esquecer! Eu não gosto de falar muito, porque tenho este problema, o lado paralisado do rosto, e babo”. Seu Washington inesquecível, com seu nome importante de cidade.

Fomos todos (umas vinte pessoas) para uma sala e comecei a contar: histórias populares, crônicas, poemas e contos autorais. Depois de várias histórias, pedi para ouvir algumas. Silêncio... Insisti. Risos, ranhuras, vergonhas. Por fim, arrisquei invasão: “A dona Conceição sabe cantar. Cante para nós, Conceição...”. Palmas aliviadas. E ela disse, surpreendendo: “Canto, mas só se for sentada”. A voz da velhinha, iniciada em sussurro, resvalou imensidão. A música dela: esconderijo. O autor fico devendo.

“Conceição, eu me lembro muito bem,  
Vivia no morro a sonhar  
Com as coisas que o morro não tem.  
Foi então que lá em cima apareceu

##### *Alguém que lhe disse a sorrir*

Que descendo a cidade ela iria subir.  
Se subiu, ninguém sabe, ninguém viu,

##### *Pois hoje seu nome mudou*

E estranhos caminhos pisou.  
Só eu sei que tentando a subida desceu,  
E agora daria um milhão  
Para ser outra vez Conceição.”

Há quanto tempo não cantava assim? Uma senhora chorou, disfarçando. Muitos e muitos aplausos! Seu Washington então se levantou, decidido: “Eu sei um poema”. E declamou, inteiro, um soneto de Bilac. Seu Washington conversa com estrelas. De soslaio: Conceição apertada em seu vestido amarelo.

Cantigas de roda, palmas, poesia. Que acervo adormecido neste asilo! Eu, ouvinte. Depois deste primeiro encontro, escrevi:

### ARMILA

Armila tinha reumatismo e fortes dores nas costas. Mas ninguém adivinhava. Distraía os outros contando histórias de lugares que só ela conhecia. Histórias inventadas na hora.

Um dia criou uma cidade habitada por mulheres belas e solitárias. Começava: "A água era o sangue da cidade. E jorrava, desinibida, assustando os viajantes. Que cedo partiam". A cidade de Armila.

Desde então recontava sempre a mesma história, aumentando apenas o número de mulheres. Já não podia criar outros lugares. Mas as pessoas, conhecendo a história, não queriam mais ouvi-la. E Armila se calou.

A cidade de Armila seria agora de quem a descobrisse no rosto em ruínas.<sup>39</sup>

## 5. BRANCA

### Cena 1

Na família, palavra carinhosa é emboscada boa.

Aos quatro anos, pede com vontade que lhe conte a história do livro que me via lendo dia após dia: O Guarani, de José de Alencar. Acabada a leitura, cumpri a promessa de narrar para ela o amor de Peri e Ceci. Estávamos deitadas na cama, bem pertinho. Eu falando, ela ouvindo a história tão longa. Quando terminei, veio seu pedido na vozinha frouxa: “Inventa um restinho...”.

---

<sup>39</sup> FERREIRA, Lucelena. *Inquietudes*. Página 59.

## Cena 2

Silêncio. Olhávamos ainda para cima: “O que são essas estrelinhas coladas aí no teto, dentro de casa?”. Respondi: “Fui até o céu e o céu me deu.” Ela, em liberdade: “Volta lá e pede umas pra mim?”.

E a contação, iniciada nos caminhos do Proler, alcança tempos e espaços.

## V. QUEM QUISE QUE CONTE OUTRA

E Nanci<sup>40</sup> contou assim: uma mendiga no canto, a sujeira do corpo acolhendo restos. Cheirava mal. Na cabeça, exibia um enorme laço de fita, preparado com cuidado. Sua alma espiava pelo laço cor-de-rosa.

A cena atraiu passos e poemas. Modo de acontecer, por contágio.

Todo o amor aceso nessas linhas: água de reflexos.

## VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Manoel de. Livro das Ignoranças. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.
- FERREIRA, Lucelena. Inquietudes. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997.
- FREINET, Celestin. Pedagogia do bom senso. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- JAUSS, Hans Robert. "L'histoire de la littérature: un défi à la théorie littéraire". In: **Pour une esthétique de la réception**. Paris: Gallimard, 1991.
- KIRINUS, Glória. **Criança e poesia na pedagogia Freinet**. São Paulo: Paulinas, 1998.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana** - danças, piruetas e mascaradas. Porto Alegre: Contrabando, 1998..
- PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

---

<sup>40</sup> Nanci Nóbrega, parceira de Proler.

### 9.3.4. Lúcia Helena Maroto<sup>41</sup>

Quero destacar [...] uma importante política pública de incentivo à leitura iniciada na última década do século XX, o PROLER – Programa Nacional de Incentivo à Leitura – instituído pelo Decreto nº 519 de 13 de maio de 1992, publicado no D.O.U. em 14/05/92, vinculado à Fundação Biblioteca Nacional / Ministério da Cultura, e sediado na Casa da Leitura na Cidade do Rio de Janeiro. Este Programa teve início ainda em 1992, pelo Brasil afora, sob a coordenação do Professor Francisco Gregório Filho, no período de 1992 a 1996, e a orientação metodológica e os pressupostos teóricos e práticos da então assessora especial da Fundação Biblioteca Nacional, Professora Eliana Yunes<sup>42</sup>.

Com o propósito de formar uma sociedade leitora, através do desenvolvimento de duas grandes ações: a revitalização de bibliotecas públicas, escolares e comunitárias e a formação de recursos humanos, o PROLER articulou instituições e profissionais das mais diversas áreas comprometidos com a promoção da leitura em: escolas, bibliotecas, praças, hospitais, orfanatos, presídios, fábricas, centros comunitários, enfim, em todos os espaços públicos e privados interessados e envolvidos em práticas de incentivo à leitura e de formação da cidadania. E numa ação conjunta, entre estas entidades e profissionais de todas as regiões do país, viabilizou a realização de seminários, intercâmbio de experiências e muitas outras atividades de sensibilização e de discussão sobre a formação do leitor, abrangendo e permeando as mais diversas linguagens - da oralidade à imagem, da cultura popular aos meios de comunicação de massa.

*cultural no país. Ele é a ponta de lança da Fundação Biblioteca Nacional para aumentar o número de leitores no país.*”<sup>82</sup> E sobre a Casa da Leitura, Herkenhoff

---

<sup>41</sup> Professora da UFES. Pesquisadora e Doutora em Educação.

<sup>42</sup> Este texto faz parte de um capítulo da obra de Lúcia Maroto: *A biblioteca escolar no Brasil hoje. In. Biblioteca escolar, eis a questão! Do espaço do castigo ao centro do fazer educativo*. 2008 (no prelo). Nesse capítulo a professora faz referência ao Proler (1992-1996).

informa: “[...] foi inaugurada em 1993 como fórum permanente para a discussão e desenvolvimento de uma política nacional de leitura.”<sup>83</sup>

Como adepta, admiradora e militante do Proler desde 1992, ratifico a importância das ações desenvolvidas no país pela Coordenação Nacional com o apoio e envolvimento dos Comitês Regionais, constituídos em todos os estados com o objetivo de promover a articulação e divulgação do Programa junto aos municípios, e o desdobramento de suas ações nos mais diversos espaços por intermédio de instituições públicas e particulares, responsáveis pelo atendimento à crianças, jovens e adultos, que se manifestavam sensíveis e interessadas pela causa da leitura e da formação da cidadania. Sant’Anna, citado por Yunes, apresenta os dados sobre a mobilização e abrangência do Programa no país:

“O trabalho estendeu-se a noventa núcleos e quase seiscentos municípios, chegando a envolver trinta mil pessoas como agentes de leitura, não apenas nas escolas e bibliotecas, mas em universidades, hospitais, consultórios e postos de saúde, museus e regimentos, meios de transporte, cineclubes e condomínios.”<sup>84</sup>

Esse Programa promoveu um verdadeiro intercâmbio cultural de norte a sul do país, com mais intensidade na última década do século XX, articulando e desenvolvendo seminários com espaços teóricos e práticos: palestras, oficinas, círculos de leitura, encontros com escritores, contadores de histórias, apresentações em praças públicas, e muitas outras atividades de incentivo à leitura, mobilizando e envolvendo os mais expressivos e renomados profissionais: professores, escritores, ilustradores, artistas populares, bibliotecários, contadores de história entre outros, em sua grande maioria, pesquisadores e estudiosos dos campos da leitura e da literatura, convictos e conscientes da importância e necessidade de se fazer do Brasil uma sociedade leitora.

Além disso, a partir de uma política nacional, o Programa buscou valorizar e fortalecer as práticas leitoras, desenvolvidas em espaços públicos e privados, de todos os estados e municípios, que cresceram, apareceram e se multiplicaram pelo país. Criou raízes, deixou saudades e marcou uma época na história da leitura no Brasil. “*Sem receitas, sem doutrina, o programa propunha a leitura como forma de alcançar uma autonomia no pensar e solidariedade no agir.*”<sup>85</sup>

Em alguns casos a falta de apoio e/ou a descontinuidade das políticas públicas de acesso e incentivo à leitura, têm comprometido de forma bastante significativa o processo de desenvolvimento educacional, cultural e social do país. Se o PROLER estivesse a todo vapor, como antes, e as Bibliotecas Escolares e Públicas bem estruturadas e equipadas, e com as portas abertas, quem sabe estaríamos presenciando e comemorando menores índices de violência, e maiores de desempenho em leitura e escrita nas escolas brasileiras.

### **Informações sobre as ações realizadas no Espírito Santo:**

De 1993 a 1995 os seminários foram estruturados em módulos realizados anualmente. A partir de 2006 os temas desenvolvidos eram discutidos e definidos nos encontros nacionais pela Coordenação Nacional e os Comitês presentes.

Além de possibilitar o aprofundamento dos estudos e debates em torno da leitura, a estrutura em módulos objetivava a formação/participação continuada dos profissionais das diversas áreas que se inscreviam nos seminários organizados pelo Proler, a partir da sua fase inicial (módulo zero).

Um aspecto fundamental do Programa, especialmente nos primeiros anos de atividades (1992-1996), foi a mobilização nacional dos especialistas convidados pela Coordenação Nacional / Casa da Leitura: professores, escritores, ilustradores, artistas populares, bibliotecários, contadores de história, entre outros, que saíam de seus estados de origem para desenvolver palestras, oficinas, círculos de leitura, relatos de experiência, sessões de contação de histórias, etc., em seminários de leitura realizados em outros estados, promovendo, assim, em parceria com os profissionais locais, um verdadeiro intercâmbio cultural junto aos diversos segmentos da população brasileira.

Todo esse trabalho de incentivo à leitura desenvolvido através de atividades prazerosas e significativas, que muito contribuíram para o envolvimento e sensibilização de profissionais das mais diversas áreas e de inúmeros outros segmentos da sociedade, provoca ainda nos dias de hoje, por parte desse público

participante, muitos questionamentos e cobranças junto aos Comitês pela continuidade das ações do Programa. Esse é um aspecto que considero muito significativo. A cobrança, a importância do que aconteceu no cotidiano dessas pessoas que ficavam encantadas com os contadores de histórias (a arte de contar histórias resgatada pelo Proler foi de fundamental importância), as discussões nos círculos de leitura, as oficinas que abordavam os mais variados temas e linguagens, a descoberta e valorização de experiências locais, enfim, a proposta inovadora e prazerosa apresentada pelo Proler que seduziu e mobilizou a todos pela formação de uma sociedade leitora.

A partir de 1997 a mobilização de profissionais entre os estados diminuiu, e os Comitês passaram a realizar seminários e cursos com a participação de especialistas locais que já conheciam a filosofia do Programa, e uma representação menor de outros estados (2 a 3 profissionais).

Os Encontros Nacionais foram fundamentais para a consolidação e fortalecimento das ações do Programa no país, possibilitando a socialização de experiências, contribuindo para o crescimento dos profissionais envolvidos e para a valorização do trabalho dos Comitês.

Eu tive o privilégio de participar, junto com a Prof<sup>a</sup> Rita de Cássia Maia, do 1º Seminário realizado pelo Proler, foi em Vitória da Conquista / BA em julho de 1992. Em 1993 conseguimos realizar uma reunião no Espírito Santo com a participação da Professora Eliana Yunes que apresentou a proposta do Programa, e a partir daí constituímos um Comitê com profissionais/ representantes de diversas Instituições: Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Estado da Educação, Secretarias Municipais de Educação e Cultura (regiões norte, sul e serrana do Estado), escritores, livreiros entre outros.

Ainda em 93 realizamos o 1º Seminário (conforme quadro apresentado) em parceria com a FBN/Casa da Leitura. Além do Comitê sediado em Vitória, até 1996 existiram outros dois, um na Região Norte do Estado (Município de São Mateus) coordenado pelo Professor Santinho Ferreira de Souza, e outro na Região Sul coordenado pela Professora Sônia Coelho Machado (Município de Cachoeiro de Itapemirim). A partir de 1997 somente o Comitê de Vitória continuou organizando

atividades de leitura, e passou a ser denominado Comitê Estadual do Proler, divulgando e realizando cursos e seminários em várias regiões do Estado em parceria com as Secretarias Municipais de Educação e Cultura e outras instituições interessadas.

Em 1996, com a saída da Coordenadora Prof<sup>a</sup> Rita de Cássia Maia os demais membros do Comitê optaram por dar continuidade às ações do Programa no Estado e eu fui indicada por eles para assumir a coordenação, e estamos ainda hoje atuando como parceiros na organização de atividades de leitura com instituições locais em bienais e salões do livro, em escolas públicas, bibliotecas, etc., e com a Casa da Leitura quando há possibilidade de parceria financeira.

Estou relacionando alguns dos projetos em desenvolvimento no Estado que foram instituídos e/ou fortalecidos a partir da implantação do Proler :

<b>Nome</b>	<b>Município</b>	<b>Localização</b>
Ler é um Prazer	Cachoeiro de Itapemirim	Região Sul
Leitura na Praça e na Escola	Santa Leopoldina	Região Serrana
Viagem pela Literatura	Vitória	Capital
Biblioteca Maria Geaquinto	Jerônimo Monteiro	Região Sul
Feira Literária	Mimoso do Sul	Região Sul
Leitura e Cidadania	Itarana	Região Norte

### 9.3.5. Maria Dolores Coni Campos<sup>43</sup>

#### O Fernando Lébeis que conheci

*In memoriam*

*Valeu, valeu, pega na Calunga  
Valeu, valeu, pega na Calunga  
Valeu, valeu pega na Calunga  
Valeu, Valeu.*

*(Versos de maracatu, repertório de Fernando Lébeis)*

Para trazer Fernando Lébeis à minha memória, o Fernando que eu conheci, lembrei-me de Cecília Conde. Foi através dela que ouvi falar desse artista, pela primeira vez. Resolvi escutá-la.

Cecília gentilmente me recebeu em sua casa, numa manhã da Semana Santa. A afetividade que nos une faz parte da minha trajetória de educadora desde quando trabalhávamos no Instituto Sylo Meirelles. Também nessa época, convivemos na Escolinha de Arte do Brasil onde ela foi minha professora de música nos anos sessenta.

Recordei aquele momento em que ela me falara, pela primeira vez, de Fernando Lébeis. Cecília foi puxando o fio de suas memórias:

*“Havia um espetáculo musical no Teatro Jovem (um teatro alternativo, experimental) e Pedro Dominguez comentou comigo que nesse teatro estava sendo apresentado um musical com um cantor que se destacava pela belíssima voz. Era Fernando Lébeis a quem Pedro se referia.*

*Coincidentemente eu estava procurando um professor de violão e me indicaram Fernando. Marcamos as aulas e assim me aproximei dele. Suas aulas eram diferentes. Seu repertório era de canções da cultura brasileira, alegrando-me demais as afinidades musicais.*

*Também gostei do ambiente da sua casa onde exalava a arte popular e o erudito. Um piano de cauda, em sua sala chamava-me atenção. Ele me disse ser de sua mãe, uma pianista. Trocando conversas descobrimos que nossas mães haviam estudado com a mesma professora. Gostei do fato, complementa Cecília.*

---

<sup>43</sup> Maria Dolores Coni Campos, já mencionada no capítulo *Entrevistas*, escreveu este depoimento especialmente para essa Tese de modo a deixar registrada a memória da presença e da atuação marcantes de Fernando Lébeis no Proler. Fernando faleceu em 19 de dezembro de 2003.

*Convidei Fernando para o Conservatório Brasileiro de Música, local onde trabalho. Ele passou a ser um dos professores do Curso de Extensão e foi bem sucedido. Aos poucos foi participando de outros cursos do Conservatório.*

*Quando criamos o curso de Musicoterapia, em 1968 como curso de bacharelado, ele se integrou ao quadro ali ficando por toda a sua vida.*

*Lá no Conservatório demos aula juntos por mais de 20 anos. Participávamos também do seminário de pesquisa onde Fernando cantava e contava mitos e lendas brasileiras trabalhando a expressão musical através da voz, corpo e objeto. Houve um tempo em que incorporamos o Ilo Krugli e depois o Mauro Sá Rego da Costa. Naquele momento desenvolvemos diferentes linguagens. Lançávamos mão de elementos plásticos e estímulos criativos. Usávamos panos, tecidos diversos na coreografia e desenhos coletivos. Envolvidos nesse trabalho de construção, tivemos a idéia, Fernando e eu, de cantarmos juntos.*

*Fernando trazia a música nas veias, além da mãe que tocava piano, a tia Magdalena Lébeis era uma professora de canto erudito em São Paulo. Dava concertos em vários teatros. Naturalmente Fernando se dedicou à música. Pesquisou Mário de Andrade e gostava de musicalizar os brinquedos.*

*Juntos realizamos cursos pelo Brasil e, em 1974, estávamos ministrando um desses em Recife, especialmente voltado para a área de Música e Educação. Foi quando Fernando me convidou a realizar um concerto na Igreja de Guararapes. Dois ex- alunos se integraram a nós nesse espetáculo, Ilma Lira e Marcos Caneca. Desse concerto surgiu a idéia de um outro programa – A Louvação. Percebemos que o roteiro seguia o ritual da missa.*

*Com essas idéias efervescentes tive um sonho com meu pai (ele havia falecido no mês anterior). Creio que esse sonho tinha alguma relação com as idéias de Fernando e, conversando, conversando chegamos à conclusão de que cantaríamos a Louvação e começamos a apresentá-la ali mesmo em Recife.*

*Das primeiras apresentações traçamos nosso roteiro imbuído de cantos indígenas, portugueses, negros, ibéricos.*

*Ao retornarmos ao Rio de Janeiro, avançamos com o espetáculo da Louvação. Começamos as apresentações pela Lapa. A princípio a Cúria estranhou nosso trabalho dentro das igrejas. Com a ajuda de Zoé Chagas Freitas retornamos às encenações, Começamos a viajar pelo Brasil: Fomos ao Paraná. E a convite de Iara Rodrigues, coordenadora da Escolinha de Arte do Instituto das Artes da UFRGS, fomos ao Rio Grande do Sul, apresentamos ali, em Porto Alegre e outros municípios mais de dez espetáculos.*

*No Rio de Janeiro percorremos os subúrbios. Depois, fomos a Minas Gerais e à Bahia apresentando em Salvador a Louvação na Igreja do Mosteiro de São Bento. Foi muito original, um trabalho abençoado.*

*O cenário era constituído pela própria arquitetura da igreja e levávamos pães e velas para serem oferecidos e distribuídos ao público presente durante a Louvação. E do lado de fora da igreja, quando acabávamos a encenação, fogos de artifícios riscavam os céus. Uma beleza! Os rituais de candomblé eram apresentados do lado de fora das igrejas.*

*A imprensa, através dos jornais, noticiou aplaudindo o espetáculo. A Louvação foi crescendo. O ator Rubem Correia se aproximou e incrementou nossa encenação. O Luís Carlos Ripper idealizou os figurinos. O MEC e as Secretarias de Cultura se interessaram e nos fortaleceram providenciando as passagens.*

*Crescemos com o espetáculo da Louvação e nos desdobramos em outros espetáculos. Resolvemos encenar a Nau Catarineta, ocasião em que Paulo Afonso Grissoli fez a direção e Klauss Viana, o trabalho corporal.*

*Emociono-me ao pensar que Fernando nos deixou tão cedo. Ainda tinha muito a contribuir. Ele trabalhou no Conservatório Brasileiro de Música até sua morte. Os alunos demonstravam profunda admiração por sua pessoa. Fernando Lébeis também foi professor dos Cursos Intensivos de Arte / Educação desenvolvidos pela Escolinha de Arte do Brasil na época dirigida por Augusto Rodrigues e Noemia Varela.*

*Fernando foi meu grande amigo, grande companheiro de trabalho e também de boemia. A sua imaginação criativa, estonteante me envolvia durante horas, e os personagens do seu imaginário nos aguçavam e percorriam nossas conversas pelas madrugadas adentro. Quantas saudades!*

*Diria que tendo em vista sua contribuição, Fernando Lébeis deixou fortes marcas na Cultura Brasileira no que se relaciona à formação de educadores.”*

A partir da conversa com Cecília Conde fiquei interessada em ouvir alguém que tivesse convivido com Fernando na condição de *professor / aluno*. Conversando com Maria Inez do Espírito Santo que bem conhecia Fernando (ele foi seu mestre no estudo da Mitologia Indígena Brasileira e que ela desenvolve no seu trabalho psicoterapêutico) ela me aconselhou procurar a Bee, aluna de Fernando no Curso de Musicoterapia do Conservatório Brasileiro de Música. Contactando Bee, ela me prometeu um depoimento enviando-me mais tarde e que passo a compartilhá-lo:

*“No ano de 1972, no Rio de Janeiro, o Conservatório Brasileiro de Musica abrigou a criação de um curso inovador para a época e revolucionário para os padrões daquele tradicional centro de ensino.*

*O corpo docente, que ali se reuniu em função da idéia de criar o primeiro curso de formação em musicoterapia no Brasil, contava com profissionais excepcionais em suas diversas áreas de prática e saber.*

*Vínhamos de um período duro, complicado para manifestações mais íntimas de afeto ou de revolta e aqueles ali reunidos dispunham tanto de sensibilidade aguçada quanto de conhecimento e técnica para despertar nos alunos, talentos insuspeitos.*

*De Glorinha Beuttenmuller na foniatria, com seu inovador método espaço direcional, a Angel Vianna na expressão corporal. De Ailton Escobar, na eletroacústica, a Ilo Krugli e Pedro Dominguez nas artes, Lenços e Ventos; Cecília Conde, Helder Parente e Fernando Lébeis dentre tantos. Vê-se que não era coisa pouca.*

*Quando conheci Fernando Lébeis eu era jovem e ele um deslumbrante acontecimento. Uma vez por semana falava-nos sobre o folclore e tradições brasileiras. Vinha com o violão que tocava bem e de modo tradicional. Afinadíssimo, um vozeirão e interpretação deliciosos. Suas aulas eram um “show” ansiosamente aguardado ao ponto de, cada vez mais alunos levarem gravadores (que naquele tempo não eram pequenos, nem leves) para registrá-las. Conservo algumas fitas-cassete daquelas aulas, e acredito que haja muitas outras desse material gravado por aí, que, a meu ver, poderia ser reunido, restaurado e compilado, assim como as pequenas apostilas que preparava para aquelas aulas. Trata-se de material precioso,*

*pesquisado com seriedade e dedicação. Trabalho que fazia com paixão e por isso, contagiante, levando indivíduos que até então não haviam dado atenção ao ritmo de um maracatu ou aos versos de uma toada de boi a descobrir as surpreendentes nuances da nossa cultura popular. E com que delicadeza e sabedoria ia desbravando estes caminhos brasileiros. Percebendo alguma resistência, encontrava sempre o mote, o atalho que capturaria irremediavelmente o incauto.*

*Fernando “incorporava” as personagens que trazia. Não havia como não se deixar seduzir, assim como ele próprio se deixava levar pelo marujo, pelo caboclo, o vaqueiro, o brincante, o entusiasmado caipira que se nos entregava a cada encontro. E ele sabia do poder que tinha.*

*Embora havendo interrompido após dois anos o curso, que se alongara, não o perdi mais de vista. Tínhamos amigos comuns e estivemos juntos em algumas empreitadas.*

*Passados quase trinta anos, voltei àquele caminho; reiniciei o curso e, com alegria, encontrava-o novamente no lugar de professor. Foi emocionante acompanhar meus colegas de turma, mais novos que meus filhos, serem apresentados àquele caipira sabido, e com ele descobrir o Brasil. Contava-nos, junto a outras coisas, suas viagens aos interiores, nos projetos de leitura. Na garra e beleza dessa gente brasileira que ia encontrando. Que bom que nos encontramos. Graduei-me na turma Fernando Lébeis de Musicoterapia .” (Catharina Elizabeth de Campos - Bee).*

Escutando Cecília e lendo o depoimento de Bee fui me perguntando, quando foi mesmo que cheguei a conhecer Fernando Lébeis?

Buscando os primórdios de meu encontro com ele retomo a época em que retornei à Bahia em 1975. Naquela ocasião levava comigo a tarefa e a responsabilidade de representar a Sociedade Brasileira de Educação através da Arte - Sobreart, no estado da Bahia. A Sobreart foi uma instituição criada a partir do Movimento de Arte /Educação - MEA- no Brasil, com o objetivo de fomentar o intercâmbio e a comunicação em nível nacional, continental e internacional entre participantes e interessados na experiência da Escolinha de Arte do Brasil.

Esse encargo de representante da Sobreart me ligava ao Rio de Janeiro onde retornava frequentemente a chamado da Escolinha e da Sobreart. Passei a freqüentar os encontros, seminários, congressos de Arte / Educação. Foi numa dessas idas e vindas que conheci Fernando Lébeis que havia se aproximado da Escolinha e era convocado para cursos e outras atividades que essa instituição desenvolvia.

Mas foi em Natal no ano de 1978 que nos encontramos e estreitamos nossas amizades. Ambos havíamos recebido convite para atuarmos num curso promovido pela rede municipal de ensino. Naquele momento participei das aulas de Fernando

como uma ouvinte atenta. E pela primeira vez o escutei contar o mito indígena: *Como Nasceram as Estrelas*. Esse mito é muito forte e Fernando narrava com desenvoltura, expressando seu potencial dramático. Fiquei impactada com sua aula em torno desse mito.

À noite saímos para jantar e Fernando fez questão de me apresentar a carne do sol local. Segundo ele era em Natal que se comia a melhor carne do sol brasileira. Uma especialidade da região. Vem acompanhada de paçoca, feijão verde, coentro, aipim, arroz de terra, pirão de leite, regada a manteiga de garrafa. Fernando se deliciava e eu observava o prazer que sentia ao saborear a cozinha brasileira como parte da cultura e do folclore regional.

Nossas conversas foram por aí e uma identidade acontecia nessa troca de conversas. A figura de Fernando Lébeis ficou marcada para mim nesse encontro em Natal, e uma amizade começava a se solidificar. Lembrei-me da amiga Cecília Conde que tempos atrás havia me falado desse homem bonito e sedutor.

Mais tarde, Fernando foi convidado pela Fundação Cultural do Estado da Bahia para um curso e fui chegando mais perto desse cidadão que, através de cantos e contos, nos fazia pensar um Brasil mais fecundo com suas diferentes etnias. Fernando foi se revelando para mim como pessoa estudiosa e pesquisador da cultura brasileira. Ele se apoiava nos estudos de Mario de Andrade e nos levava a conhecer outros pesquisadores como Câmara Cascudo, Sílvio Romero entre outros.

Fernando Lébeis pulsava brasilidade através das músicas, das lendas, dos mitos, dos sabores das comidas regionais, dos saberes e fazeres do homem do povo. Compartilhava sua sabedoria com aqueles que estavam em sua roda de conversas.. Os laços entre amigos foram se estreitando: Maria Bonumá, Fanny Abramovich, Iara Rodrigues.

Por volta de 1980 eu participava em Salvador de uma experiência informal de educação desenvolvida pela Secretaria de Educação Municipal, da Prefeitura da Cidade. Era o Núcleo Experimental de Atividades Sócio culturais - NEASC, localizado no Parque Joventino Silva, no bairro da Pituba.

O Neasc foi também apoiado pela Fundação Nacional de Arte / Funarte, mediante seu projeto Fazendo Artes que instituiu um grupo de consultores do qual

Fernando Lébeis fazia parte junto a outros educadores. O projeto Fazendo Artes apoiava uma série de propostas de educação informal, pelo Brasil afora e Fernando Lébeis, na qualidade de consultor da Funarte, foi a Salvador algumas vezes para prestar assessoria ao Neasc, local onde eu trabalhava.

Trago uma apreciação de Fernando, em carta escrita para minha dissertação de mestrado na UFF / Niterói na qual se posiciona frente a essa experiência:

*Gostoso relembrar a emoção que desde logo me envolveu naquele momento em que me coube observar o trabalho do Neasc, na qualidade de consultor do Projeto Fazendo Artes da Funarte. Aquela também era para mim a hora de repensar a vida e de me colocar em caminho um pouco diverso do que seguia até então.*

*Estava a essa época encerrando minha carreira como cantor - divulgador de nosso acervo de cultura e me propunha seguir essa trilha, agora em outra direção, caminhando no processo educativo, seguindo um trajeto já conhecido por mim, mas direcionado agora para o cotidiano do indivíduo, para a tentativa de sedução através da vivência, da importância de nossa realidade cultural. Eu também, como você, tentava desmontar o já construído e reconstruir de outra maneira.*

*Veja bem: quando me refiro a direcionar meu trabalho para o cotidiano do aluno, quero e estou me remetendo a Oficinas e Cursos que já realizava, há alguns anos, por todo o Brasil, em que me propunha trabalhar com professores para a possibilidade de sensibilizá-los a ver bem claro que esses processos de cultura popular estão vivos dentro de cada um de nós e que só nos cabe permitir que venham à tona da memória, trazendo toda uma série de vivências, emoções e informações que estão guardadas bem no fundo de nós mesmos e das quais muitas vezes nos sentimos enleados ao expô-las aos olhos dos outros.*

*Quando falo em uma tentativa de sedução me refiro ao prazer provocado toda vez que esse tipo de proposta é feito aos meus professores-alunos que se surpreendem ao descobrir, lá no fundo da memória, uma emoção profunda e alimentadora, ao trabalhar assuntos considerados, de modo geral, banais: a mesa posta, a caminha cheirosa, a comida gostosa sendo preparada por competente mão amorosa*

*A Funarte me deu para observar, na época, três projetos: começando com o das **Creches e Asilos**, em Belo Horizonte, que trabalhava com a memória de idosos e a colocava para as crianças abandonadas. A maravilha de poder observar velhos, alguns em estado semi-catatônico, sem se comunicarem com o mundo e que, através de trabalhos na memória- as antigas histórias de fadas, os brinquedos de que se lembravam de sua infância, as cantigas de roda, as músicas que algumas vezes ouviram de parentes, amigos e pelo rádio começavam aos poucos a voltar a ter interesse na vida, no convívio de uns com os outros. Paralelamente, o trabalho junto a crianças carentes internadas em creches públicas, sem afeto da família. Finalmente, o contato mágico dessas crianças com aqueles velhos (esse eterno mistério da íntima ligação entre os dois momentos da vida) - criança que ama velho que ama criança e o expressivo resultado desse trabalho, dando um sentido à vida, de aconchego e de satisfação para esse povo todo.*

*Em Porto Alegre, o **GEEMPA**, coordenado por um grupo de matemáticos que lidavam com educação, e o **NEASC**, em Salvador na Bahia.*

*O sabor da memória e de sua valorização em Minas, o trabalho com o raciocínio matemático no Rio Grande do Sul me instigavam naquela época, pelo contraste que representavam para mim, que observava duas diferentes posturas, quase opostas, mas dando expressivos subsídios para o pensar educativo.*

*No NEASC, no entanto, o que me chamou a atenção, desde logo, foi a alegria!*

*A alegria é uma palavra tão bonita e um sentimento que vai ficando raro.*

*Principalmente aquela alegria que salta aos olhos e ao coração, que emociona a alma e nos alimenta.*

*Era essa emoção causada pela alegria que me assaltava toda vez que entrava no Parque da Cidade, tão lindo, mas principalmente tão denso de vida pela alegria que jorrava das crianças e que ia se apossando de tudo e de todos que por ali estavam.*

*Minhas visitas eram rápidas, espaçadas, mas sempre voltava limpo, livre, alma alimentada, bem. Nunca me esquecerei, já no final, quando a Funarte deu por encerrada sua parceria e vieram técnicos de Brasília para observar o trabalho.*

*O mestre Músico, senhor João Martins, vindo da roça, da Grota Funda, lugarejo do município de Serrinha, cidade do interior do estado da Bahia; pois bem, o senhor João, mestre que havia ensinado aos meninos do Neasc, desde a escolha dos bambus até a construção dos pífanos e a tocar os instrumentos, nos deu uma lição inesquecível naquele dia ao ser questionado por um dos técnicos do MEC, se os alunos liam na pauta. Respondeu sereno: Moça, meus filhos aprendem primeiro a falar, depois então é que chega a hora de ler e escrever.*

*O respeito aos ciclos da vida, à sabedoria popular e ao prazer de um grupo de meninos improvisando na flauta, um dos mais difíceis fazeres musicais, foi o que observei, com grande prazer naquela experiência viva do NEASC onde os meninos aprendiam como se estivessem vivendo numa grande e inesquecível brincadeira.*

*Esse processo, Dolores, você o sabe muito bem, é irreversível. Onde quer que esses meninos estejam agora, tenho certeza de que levam em sua bagagem, em sua memória aqueles momentos de convivência de alegrias, de respeito e amorosidade que experienciaram com vocês no trabalho do NEASC no Parque da Cidade.”*

Com esse depoimento registrado em carta a mim dirigida como parte da minha pesquisa de mestrado, Fernando se revela um educador, não apenas um músico e contador de história mas alguém que está preocupado com a formação integral do indivíduo como ser de expressão, e de potencial criador.

Foi dessa dimensão de Fernando que me aproximei. Tornamo-nos cúmplices de um ideal que se faz no encontro e no diálogo com o outro, na crença de uma convivência alegre, solidária, fraterna, encharcada de arte, de cultura, de ética e estética, de profundo respeito ao outro. Eram esses os valores que comungávamos em nosso trabalho.

Conversas profundas nos uniam: sobre a vida e sobre a morte. Conversas entremeadas de busca de beleza entre os luminosos pores- do- sol e o surgir da lua que corríamos atrás para contemplá-los quando nos encontrávamos em Salvador.

Nossas conversas se situavam na busca de uma educação que cuidasse de preservar a singularidade do indivíduo; uma educação atenta à escuta desse homem; uma educação guardiã da memória e do realce dos saberes e fazeres do homem; uma educação atenta à identidade, a valores universais e à cultura do povo brasileiro.

E Fernando coerentemente impregnava suas ações como canto, o conto embriagando e encantando seus ouvintes com músicas, mitos, lendas, história e histórias assegurando o deslumbramento como expressão de vida.

Em 1994 Fernando esteve ligado ao ***Proler-Programa Nacional de Incentivo à Leitura***, ligado à **Fundação Biblioteca Nacional**, quando o prof. Affonso Romano de Sant’Anna era seu presidente. Programa importante de que participei, testemunhando seu comprometimento social e sua importância na formação do leitor.

Naquela ocasião Eliana Yunes, professora da PUC/ RIO e assessora da Fundação Biblioteca Nacional criou e implantou o **Programa Nacional de Incentivo à Leitura - Proler**, tendo como coordenador Francisco Gregório Filho.

Procurei escutar Francisco Gregório que tão bem sabia escolher parceiros através de seus perfis. Fernando Lébeis foi uma presença constante nos encontros do Proler e nas múltiplas viagens pelo Brasil nessa coordenação do Gregório que, ainda hoje , pelo diferentes lugares por onde passa, continua sua apaixonada tarefa de promover a leitura. É um exímio contador de histórias e autor de livros de Literatura. Realiza no Paço Imperial, onde trabalha, Oficinas de Contação de Histórias. Foi lá que marcamos nosso encontro e cordialmente Gregório foi recordando seu ponto de vista sobre Fernando Lébeis.

*“O Fernando de quem eu tinha informações era o da Escola de Teatro, por volta dos anos 70 a 75 . Depois, em 1976, vim ter notícias de Fernando como arte /educador pelo professor Hilton de Araújo. E através de Maria Bonumá, também arte- educadora, soube um pouco mais sobre ele. A Funarte, nos anos oitenta, desenvolvia um projeto Fazendo Artes que apoiava várias iniciativas educacionais pelo Brasil e Fernando Lébeis era um dos consultores desse programa, coordenado por Lucia Marina Moreira Penna.*

*No final de 1991 e início de 1992, encontrei Eliana Yunes realizando os Círculos de Leitura na Biblioteca Nacional, onde a tônica era a Literatura.*

*Com a minha entrada nesses Círculos, fui motivado por Eliana a introduzir outras linguagens, outras áreas para os Círculos de Leitura. Foi nesse momento que outros profissionais se aproximaram como Fernando Lébeis, Beth Mendes, poetas, pessoas de cinema, cordelistas...*

*Fernando abriu esse novo espaço trazendo as narrativas do folclore brasileiro. Lembro-me dele nos contando a lenda dos Olhos do Jaguar. Tudo isso acontecia nos corredores do terceiro piso da Biblioteca Nacional e a frequência era de funcionários da casa, pessoas ligadas à limpeza, aos serviços gerais.*

*Já havia uma equipe que nos acompanhava: Maria Luiza Almeida (Marilu), Marília Amaral, Flávio Carneiro, Sônia Mota, Lia Figueirinha dentre outros. Éramos coordenados por Eliana Yunes que nos dava as orientações necessárias para o trabalho florescer e caminhar.*

*Um dia o Affonso Romano veio até o grupo e testemunhou a força do que estava acontecendo. Nesse dia, trabalhavam no Círculo de Leitura Fernando Lébeis, Beth Mendes e Grande Otelo.*

*Eu diria que Fernando Lébeis foi também testemunha desse começo do **Proler**. Com sua ação ele marcava a abordagem da Cultura Popular contribuindo muito para o florescer do Programa.*

*Numa dessas reuniões Fernando trouxe a história das Almas Penada e, a partir daí, ela foi introduzida no espetáculo que o Grupo Morumbetá apresentava no Centro Cultural Banco do Brasil-CCBB. Ele nos revelara que havia aprendido esse mito com Zé Tartaruga, contador de histórias em São Paulo. Fernando foi se agregando ao programa. Os Círculos de Leitura integravam-se como uma das ações do Proler.*

*O Programa recebeu a **Casa da Leitura** em Laranjeiras e na abertura dessa Casa, Fernando contou uma história. Depois contou um mito na visita do então ministro da Cultura, Francisco Welffort.*

*O **Proler** deslanchava no Brasil todo e Fernando nos acompanhava como contador de histórias, realizando também oficinas voltadas para a Cultura Popular. Pela originalidade no seu modo de contar, causava estranhamento.*

*Na **Casa da Leitura**, Fernando Lébeis, o Grupo Morumdubeté, Eliana Yunes e eu começamos a formar os primeiros grupos de Contadores de Histórias. Aproximaram-se Maria Clara Cavalcanti, Olivinha Dornelles, Ana Beatriz, José Mauro Brant, Maria Inês Corrêa, Edith Lacerda, Ana Maria Pereira, Augusto Pessoa entre tantos outros. Para mim, Fernando Lébeis foi um grande contador de histórias. Ele manteve a força da cultura e trazia luz ao palco. Marcava a projeção corporal e vocal de quem sabe usar o palco. Ele nos ajudou a contar e a cantar. Augusto Pessoa era seu contraponto na contação dos contos de fadas. Fernando dramatizava os mitos e as lendas brasileiras em seu contar.*

*Fernando Lébeis nos ajudou a compreender que, além da questão da leitura, nós trabalhávamos a identidade cultural, a brasilidade”.*

Francisco Gregório Filho me sugeriu buscar o Caderno de Leitura, uma publicação de 1994, época em que o **Proler** foi implantado e coordenado por ele Gregório e Eliana Yunes. Lendo o Caderno, encontrei o pensamento de Fernando em

seu texto **Leitura e Culturas Populares**. Selecionei trechos dessa fala que bem expressa o pensamento do estimado Fernando Lébeis:

*“A reflexão sobre o saber erudito, o popular e a cultura de massa nos leva à questão do homem primitivo que cria suas técnicas e seu imaginário, a partir do contato com a natureza que o cerca e sua própria natureza interior.*

*Abordamos teses expostas por Mircea Eliade em seu Tratado Geral das Religiões. Neste trabalho, Eliade fala sobre o céu, o sol e os cultos solares, a lua e a mística lunar, as águas e o simbolismo aquático, as pedras sagradas, a terra, a mulher e a fecundidade, a vegetação, a agricultura e sobre os contatos do homem com o sol, dos homens com o céu, do homem com a lua. Essa leitura do homem primitivo nos legou farto manancial de mitos e ritos que, muitas vezes, perduraram através dos tempos, como os mitos sobre agricultura e também seus rituais e os mitos e ritos dos bois sagrados: Boi Ápis, Minotauro, Vacas Sagradas e até mesmo nosso Bumba-meu boi que, em seu enredo, lembra-nos morte e ressurreição presentes em tantas manifestações religiosas.*

*A análise de um enredo do Bumba- meu- boi nordestino, vaqueiro, mulher grávida com desejos, morte do boi, divisão da carne, culpa e ressurreição- suscita sempre discussões onde o tema leitura (de si mesmo e dos outros) está presente. Essa análise é feita a partir de conteúdos que estão na memória dos participantes e se relacionam com os temas contidos no enredo, de nossa identificação ou não com este material e por que isto nos sucede. Ao sabor dessa discussão, sentimos que o grupo se sensibiliza pelo processo da oralidade...”*

Fernando Lébeis desenvolveu numerosas oficinas com foco na Leitura e Culturas Populares tendo como um de seus eixos, a questão da identidade: *na medida em que o homem pesquisa suas raízes culturais, descobre Quem é, Por que é, se descobre.*

E acrescenta:

*“Acredito que, em sua singularidade, esta oficina tem proporcionado meios para que seus participantes, tendo consciência da importância do material trabalhado, tenham também a possibilidade de crescimento individual e de um maior autoconhecimento alcançados através desse processo.*

*O homem e o mundo existem em função um do outro”, complementa.*

Através das colocações de Fernando frente ao trabalho que realizava, encontramos o Fernando amante da natureza, estudioso de suas lendas, mitos, histórias e crente na formação e aprimoramento do ser humano.

Marcando a questão da identidade insisto um pouco mais, *quem será mesmo esse Fernando Lébeis que pretendemos reconhecer?*

Tento aprofundar-me e recorro a seus familiares para buscar dados de sua infância e entro em contato com seus amigos da juventude, empenhada em desenhar um perfil mais aproximado desse elegante e sensível homem que nos deixou tão prematuramente.

Marco encontro com Maria da Glória Saraiva de Amorim, a Gó, sua prima. Fui apresentada a Gó por ocasião da doença de Fernando, ainda no hospital onde fez a cirurgia de um câncer que lhe custou a vida.

Gó veio até nossa casa para uma conversa. E do longo de seu contar foi realçando sua família Amorim. Como prima e afilhada de Fernando, descreveu seu conhecimento dos Lébeis.

A medida que ia falando, Glória reavivava em mim o Fernando Lebeis que conheci entre trocas de conversa e convivência. Foi puxando fios da sua memória, bem ao sabor do seu primo e saudoso amigo.

*- “Nandu, era assim que o chamava pelo nome que lhe demos, meu irmão e eu, quando éramos crianças. Sou prima irmã, meu pai era irmão da mãe dele, tia Jacyra, uma pianista clássica que recebeu em vida elogios importantes quanto a seu talento.*

*Tia Jacyra nasceu no Amazonas assim como meu pai. No início do século vinte, a família Amorim foi morar na Europa, retornando ao Rio de Janeiro definitivamente no fim da década de 20. Tempos depois, minha tia conheceu, através da música, Magdalena Lébeis, uma cantora lírica e professora reconhecida acompanhando-a ao piano. De sua relação com Magdalena, minha tia veio a conhecer seu irmão, Carlos, pai do Nandu.*

*Tia Jacyra e Carlos casaram-se e foram morar em São Paulo dando origem a uma nova família. Até a morte de Carlos prematuramente, eles viveram um encontro de amor. A música uniu as duas famílias. A cultura e a tradição eram marcos significativos dessas duas famílias, Amorim e Lébeis.*

*Fernando nasceu em São Paulo em 31 de dezembro de 1937. Seu pai, Carlos de Magalhães Lébeis, era advogado e escritor. Muito culto e bonito, morreu cedo aos 35 anos, deixando Fernando com apenas dois anos de idade. Os dois, minha tia e o Nandu, sem o chefe da casa, voltaram para o Rio de Janeiro onde receberam apoio da família Amorim, mas sempre em contato com os Lébeis em São Paulo. Durante algum tempo eles residiram, na Urca, na casa da avó Eugênia Amorim, pessoa muito estimada pelos familiares e amigos. Era a grande matriarca da família. Com o casamento de meu pai, todos se mudaram para um apartamento grande, onde nasci, na Praia de Botafogo.*

*Minha tia e Nandu viveram conosco até que resolveram, com a herança do tio Carlos, adquirir o apartamento da rua Voluntários da Pátria, onde moraram e morreram.*

*A música na formação de Fernando foi um traço forte, veio do berço. Tanto a família Amorim como a Lébeis tinham vários músicos. Meu pai, tio do Nandu,*

*tocava piano; minha mãe era professora de violino. Em nossa casa aconteciam encontros musicais com músicos amigos.*

*O primeiro violão do Nandu foi presente de outra tia Lébeis, Lourdes, que lhe deu as primeiras aulas.*

*Ainda morando conosco, Nandu estudou Jornalismo na PUC/RIO, ao tempo em que iniciou suas pesquisas folclóricas, revivendo canções antigas do cancioneiro brasileiro. Sua voz era maravilhosa, encantando todos que o ouviam. Seu carisma se manifestava em suas apresentações assim como mais tarde, ao contar histórias.*

*Quando a tia Jacyra morreu, Nandu ganhou o mundo e foi lutar por sua independência. Distanciou-se da família, para pesquisas e viagens, rodou todo o Brasil. Mas por outro lado, sua presença se fazia notar em momentos importantes da família.*

*Com as sucessivas mortes na família, Nandu e eu nos aproximamos e nos descobrimos, não como primos, afilhada/ padrinho, mas como amigos muito queridos.”*

Gó contou muitos detalhes mais. Seu depoimento avivou em mim história e histórias fazendo-me recordar a época, 1997, quando escolhi Fernando como orientador de minha monografia do Curso de Leitura: Teoria e Prática de que participei na PUC/ RIO, quando ele também foi meu professor.

Essa monografia orientada por Lébeis intitulada *Minha filha tua avó dizia : o olho viu, a boca piu* constitui um resgate de memórias da vida da nossa família, focando minha atenção em três mulheres Helena, Isaura e Elza que ajudaram minha mãe a cuidar de seus sete filhos. Essas mulheres eram contadoras de histórias. Acalentaram-nos quando crianças com seus repertórios de contos e cantos.

Fernando Lébeis ao orientar meu trabalho ia avivando sua memória, recordando sua avó Eugênia e suas babás. Também foram três na família Amorim: duas irmãs nascidas no Amazonas, a Emerentina e a Rosa, ambas acompanharam a família pela Europa, e uma terceira que veio de Portugal com a dona Eugênia, sua avó materna, vindo mais tarde a cuidar especialmente de Fernando quando ainda pequeno. Chamava-se Fernanda de Castro.

Essas três mulheres que se agregaram à família Amorim, tal como as três mulheres que acompanharam minha família Coni Campos, foram fundamentais em nossa formação e em nossa vida de crianças. São histórias e histórias entrelaçadas, como provavelmente ocorrem em tantas outras famílias brasileiras.

Durante minha convivência com Fernando, vezes sem conta, escutei-o referir-se à amizade e convívio com Maria Lucia Pinho. Pensei em procurá-la acreditando

que ao ouvi-la estaria enriquecendo este trabalho, onde tento me aproximar de um esboço, mais fiel possível para captar Fernando Lébeis. Contatando Maria Lucia, ela generosamente escreveu este texto:

### ***Meu amigo Fernando Lébeis***

*No início dos anos sessenta, numa tarde de sábado, Magdalena Lébeis- a grande mezzo-soprano paulista e a mais disputada professora de canto de São Paulo - telefonou-me perguntando se podia levar, à noite, à nossa casa seu sobrinho Fernando, folclorista e violonista, para que o ouvíssemos cantar.*

*Muito no estilo “paulista 400 anos” (reservado e cerimonioso), Magda nunca mencionara este sobrinho e tratei de fazer convites de última hora para formar uma pequena platéia. Às nove da noite chegaram tia, sobrinho e a mãe de Fernando, Jacyra, professora e pianista amazonense que estudara em Paris e ensinava aqui no Rio.*

*Ele entrou pela sala – bonito, jovem, educadíssimo-jeans desbotado, camisa de crochê de barbante, violão na mão. Lembrava, talvez, um príncipe de conto de fadas moderno e quando nos deixou, depois de muitas horas de música e de papo, já fora certamente aclamado nosso rei. Violão e voz tanto nos amedrontaram no ímpeto do matador sertanejo quanto nos emocionaram com a doçura da canção de ninar que a Virgem Maria cantava para embalar “o menino que chorava do frio que fazia”. Paulista sem fronteiras e de mil sotaques, como o descreveu Paulo Afonso Grisolli.*

*Nesses mais de quarenta anos em que nos tornamos amigos (trocando nossas vivências musicais, ele assistindo meus ensaios para recitais de câmara, eu ouvindo deslumbrada seu repertório riquíssimo colhido através de viagens, gravações, estudos, pesquisas pelo Brasil afora) acompanhei seu interesse pela cultura popular cada vez mais intenso despertado pela obra de Mario de Andrade e pela formação fazendeira de sua família. Tudo realizado sempre com uma verdade, um talento, um bom gosto e a incrível capacidade de transformar em centenas de personagens a sua bela voz de barítono, o som do seu violão, a discreta teatralidade da máscara do seu rosto e de sua expressão corporal.*

*Ouvi Fernando cantar e sempre me surpreendendo com um programa inteiramente novo- em nossa casa ( já amigo de toda a minha família), trocando sugestões, ensaiando recitais, ouvi-o em cursos públicos incontáveis e lotados da mais variada gente (certa vez fez uma aula sobre baladas brasileiras onde, para lhes traçar uma das suas origens, cantou baladas medievais francesas que quem ouviu, nunca mais terá esquecido).*

*Trabalhou no Teatro Jovem de Kleber Santos, ilustrando com suas canções várias peças teatrais. Fez com Wilker, Cecil Thiré, Suzana Moraes uma peça documento “ América Injusta” ( com Milton Gonçalves no papel principal ),foi o João Amor do “João Amor e Maria “ de Hermínio Bello de Carvalho, foi marinheiro da Nau Catarineta (chegança de marujos) e atravessou o palco do Golden Room do Copacabana Palace cantando pregões e desceu a sua escadaria envolto numa grande capa de cetim como trovador de “Rio de 400 Janeiros”de Carlos Machado, uma “obra de arte”, segundo Ian Michalsky.*

*Foi enaltecido diretor musical de “Helena” e da “Kananga do Japão”, dois bons filmes nacionais, alugou uma vez por oito semanas o Teatro Ipanema e nele*

fazia um recital diferente por semana. Viajou pelo Brasil inteiro com “Harmonias e Contrastes” de Sérgio Viotti. “Sempre cantando bem o que sabe. E sabendo o que está cantando” como apregoou Guilherme Figueiredo.

Nos anos da ditadura começou a ter seus programas censurados. Como admitir que o povo deste Brasil cantasse suas alegrias mas também suas desventuras? Comentando, certa vez, com Dom Helder Câmara este problema disse-lhe o sacerdote que a repressão não entrava na igreja.. Daí surgiu a “Louvação” onde ele, Cecília Conde e seu pequeno grupo seguiam o ritual de uma missa em que distribuíam pães ao público e onde este público acendia velas pelos desaparecidos...

No início da sua carreira ensinava violão na casa dos alunos, palmilhando feliz as ruas do nosso Rio, sempre sem relógio e sempre rigorosamente dentro do horário marcado. Minha filha estudou com ele e guarda cadernos cheios de posições que ele desenhava, junto à letra das músicas transcritas em sua caligrafia espalhada e meio desafiadora.

Teve críticos de teatro e de música que disseram dele tudo o que merecia e valia. Tanto cantava na Sala Cecília Meireles lotada, quanto no João Sebastião Bar de São Paulo com lotação esgotada. Raramente se repetia: tinha em seu acervo mais de oito mil registros.

Nenhuma gravadora se interessou em gravar-lhe discos. Enquanto nos outros países se valorizava o folclore aqui, na terra da gente mais musical do mundo, custou-se a reconhecer a beleza e a importância de nossa cultura popular. Costumava dizer que cantava de teimoso que era. Temos poucas gravações, algumas feitas em casa ou em ensaios, e que nos são preciosas.

O que resumi nestas páginas é apenas uma amostra do que arquivou em cinco pesadas pastas de programas musicais. Quando aparecer algum mestre em acervos que se disponha a folheá-las, a cultura popular brasileira vai ser presenteada com um material de valor inestimável. Quando parou de cantar passou tão somente a ensinar, fazer palestras, tornar-se um dos maiores contadores de histórias do Brasil, viajar pelo Proler, animar a Casa da Leitura de Laranjeiras, a sua cadeira de Folclore do curso de Musicoterapia do Conservatório Brasileiro de Música, a escrever livros. Seus alunos e colegas desta última fase sabem melhor do que eu traçar-lhe a trajetória.

Como amigo, foi o amigo perfeito: aquele que comemora com você qualquer momento de alegria, o que tem sempre as mãos estendidas nas horas da tristeza.

Meus amigos se tornaram seus amigos, minha família bastante a sua. Por sua vez levou-me às pipas às histórias de Francisco Gregório, aos livros de Bartolomeu Campos de Queirós, às apresentações de Antonio Nóbrega, à doçura de Sigrid Nepomusceno e aos belos e surpreendentes quadros de Eduardo Alvim Corrêa no acolhedor casarão de Santa Teresa, ao jornalismo moderno e rápido da Léa Maria, a Roberto e Sergio Gurgel, colegas e amigos desde a adolescência na PUC, à sensibilidade, à poesia eterna e ao bem querer de Paulo Bonfim (primo irmão bem amado e filho da tia Lourdes Lébeis que lhe deu o primeiro violão).

Boêmio integral e profissional exemplar: semana de recital era igual a recolhimento em convento.

Bebia bastante e bem. Nos almoços de domingo em nossa casa tomava tranquilamente cinco garrafas de cerveja que não o atingiam. E quando os médicos lhe proibiram o chope passou a tomar água com o mesmo bom humor.

Era pessoa de caráter reto, honesto, verdadeiro. Das gentes mais engraçadas que conheci, com um vocabulário todo particular, generoso por dentro e nos menores gestos do afeto fraterno que distribuía à sua volta.

*Não causou mágoas nem incompreensões. Mas defendia seus pontos de vista com veemência. Avisava aos incautos que não gostava que “pisassem no seu território” e aos menos prudentes que estava precisando “mudar o seu guarda roupa de inverno”. Traduzindo: conhecer novos grupos (pura bravata porque era amigo fiel, leal e constante).*

*De deselegante só ter deixado tão cedo a vida que amava e os incontáveis projetos com que andava sonhando. (Maria Lucia Pinho. Rio, 20 de maio, 2008).*

Em 2000, retornando ao Rio de Janeiro, contatei Fernando e ele me convidou para uma palestra que ia realizar sobre o tema *Carnaval*, no Centro Cultural Viva. Foi assim que fiquei sabendo desse novo empreendimento de Fernando Lébeis. *O Centro Cultural Viva* que partiu de uma experiência realizada em educação em Petrópolis, onde esse Centro foi originado simultaneamente com a Escola Viva desde 1974 “*um trabalho pedagógico que reconhecia, respeitava e estimulava em cada educando a própria Vida, em sua extensão de complexidade e beleza*”, uma idealização de Maria Inez do Espírito Santo.

Fernando Lébeis era amigo de Maria Inez e foi convidado por ela a se aproximar do seu trabalho em Petrópolis, desenvolvendo o tema da Cultura Popular e contando seus mitos e lendas brasileiras. Mais tarde, Fernando integrou-se a esse trabalho, a convite de Inez, no Rio de Janeiro, numa bonita e acolhedora Casa da rua Goethe, 66 no bairro do Botafogo.

Foi ai que eu o reencontrei proferindo palestra em plena sexta feira de Carnaval, momento em que tive conhecimento de que Fernando era o presidente desse Centro Cultural Viva, uma associação que convocava os professores da cidade a se unirem comungando forças na defesa da formação de educadores.

Aproximando-me mais desse trabalho testemunhei o dinamismo empreendido por esse Centro no impulso aos estudos, aos encontros sistemáticos e à participação de diferentes profissionais. Foi um trabalho dinâmico que merece um registro, à parte. Mas o que desejo ressaltar aqui é a contribuição de Fernando, sua atuação como presidente desse Centro, ao trazer pessoas com experiências significativas de sua relação ou convívio, ligadas à educação, à arte, à literatura, à leitura, à cultura, e que, ao se aproximarem, deixaram marcas na história daquela Casa. Destaco entre suas atividades *A Quartinha* quando formou um grupo de estudos sobre a Cultura Popular, coordenado por ele às quartas feiras à noite. (o nome *Quartinha* escolhido para

afirmar o dia do encontro, quarta feira e, *quartinha*, em referência simbólica ao pote de cerâmica popular usado para colocar água potável, na região Nordeste do Brasil)

É esse Fernando inventivo, múltiplo que pretendi enfocar. Sei que esse texto não se esgota aqui. Inúmeros amigos e admiradores teriam muito a acrescentar bem como seus orientandos entre estes Maria Clara Cavalcanti, Ana Portela, Risonete Maximiniano e outros.

Em abril de 2003 os inúmeros amigos de Fernando Lébeis reuniram-se para prestar-lhe uma homenagem pelo prêmio- O Golfinho de Ouro- que acabara de receber, pela Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro, que lhe atribuiu a condição de *O Educador do Ano*. Muitos ficaram penalizados por não terem estado presentes nessa festa.

Em seu apartamento da rua Voluntários da Pátria, já doente, Fernando continuou recebendo carinho, afeto, solidariedade dos amigos que ali o procuravam na busca desfrutar do seu convívio. Eram por Fernando recebidos, com requinte e elegância, tão peculiares ao seu jeito de ser. Tive o privilégio de acompanhar esse amigo em seus momentos finais. Alquebrado mas cheio de vigor, sempre desejoso *de participar mais*. Nas visitas que lhe fazia acompanhada da minha filha Isabel, ele nos pedia constantemente para cantar: Cantávamos juntos músicas do universo popular- canções de ninar, cantigas de roda ,de folguedo... Um dia me pediu para cantar o Hino do Senhor do Bonfim, fui cantando acompanhada por sua melodiosa voz:

*“Dai -nos a graça divina,  
Dai -nos justiça e dai-nos concórdia”.*

Soube por Teresa, sua enfermeira, que Fernando Lebeis no dia de sua morte passou o tempo todo cantando uma das canções do Bumba meu Boi. Esse fato me comoveu. Na véspera desse dia, eu havia lhe levado de presente, um boizinho de cerâmica, feito com esmero, adquirido numa casa de artesanato. Foi o bastante para cantarmos estrofes do folguedo.

No dia seguinte ele me telefonou cedo pedindo que cantasse o boi. Cantamos juntos por telefone. Bem mais tarde, um pouco depois da meia noite, recebi um telefonema de Gó, sua prima, dando a indesejada notícia da morte de Fernando.

Era o dia 19 de dezembro de 2003. Corremos, Isabel e eu, até seu apartamento e ao vê-lo, deitado, de olhos fechados, sereno, lembrei-me da canção do boi, e no silêncio do meu coração cantei:

*“ Levanta-te Boi Bonito  
Levanta as orelhas e vem  
Se a dona da casa dança,  
As fias dança também “*

*Eh! Eh! Eh! Eh! Bumba meu boi  
Eh! Eh! Eh! Eh! canta meu boi  
Eh! Eh! Eh! Eh! Bumba meu boi  
Eh! Eh! EH! Eh! Dança meu boi...*

Elaborando e finalizando esse texto<sup>44</sup>, solicitado a mim, por Stella Pellegrini, como parte da sua tese de doutorado, retomo os versos iniciais do maracatu, postos na epígrafe, enviados a mim por Beatriz Noll, musicista, arte educadora e professora da Escolinha de Arte da UFRGS, onde Fernando tinha tantos amigos, aqui representados por Beatriz. Segundo ela, Fernando Lébeis quando ia a Porto Alegre, realizar suas oficinas, costumava encerrá-las cantando esse folgado. Abria seu afiadíssimo vozeirão contagiando os participantes e convocando a cantarem com ele, em Coro. Então, explodia uma inesquecível alegria, uma festa, reveladora do quanto Fernando era admirado, amado.

---

<sup>44</sup> **Maria Dolores Coni Campos** é a autora desse texto.

Pedagoga e Mestre em Educação / UFF, realiza seu trabalho de educação em forma de Rodas de Conversas e Contação de Histórias. Tem artigos publicados em revistas, livros, periódicos. É também autora do livro, *Conversas com as Babás: Histórias de Lena, Elza e Zara*; Editoras Arco Íris;H.P. Comunicação. R.J.2007. Esse livro foi gerado a partir da monografia elaborada pela autora desse texto, como parte do Curso de Especialização em Leitura: Teoria e Prática. PUC / RIO, orientação de Fernando Lébeis, 1998. Fez parte da equipe do PROLER na época de Eliana Yunes e Francisco Gregório Filho ( 1994 ). Gosta de lembrar que a Escolinha de Arte do Brasil é sua Escola Fonte desde os tempos de Augusto Rodrigues e Noêmia Varela. (1960 ).

*“Valeu, Valeu, pega na Calunga, Valeu, Valeu pega na Calunga, Valeu, Valeu”.*

#### **Compartilharam dos depoimentos:**

**Cecília Fernandez Conde** Pessoa forte e vibrante e, pela sua atuação de mais de cinquenta anos na área arte, cultura, educação dispensa qualquer apresentação. Seu nome é sinônimo de Educação Musical no Brasil. Diretora Geral do Conservatório Brasileiro de Música e diretora do curso de mestrado em Musicoterapia desse Conservatório. Subsecretária da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro no período de 1993 a 1997. Foi professora da Escolinha de Arte do Brasil quando coordenada por Augusto Rodrigues e Noêmia Varela a partir de 1960 e por toda a sua vida, no coração. Vem participando de múltiplos projetos ligados às áreas de Música, Artes, Cultura, Educação

**Catharina Elizabeth de Campos (BEE)**. Musicoterapeuta; graduada pelo Conservatório Brasileiro de Música. Pós Graduada em Psicogeriatria pelo IPUB / UFRJ (Instituto de Psiquiatria da UFRJ do Rio de Janeiro).

**Francisco Gregório Filho** graduado em Artes Cênicas encontrou seu caminho na arte de contar histórias e na promoção da leitura. Coordenou o Programa Nacional de Incentivo a Leitura- PROLER quando ele foi criado e implantado na Fundação da Biblioteca Nacional (1992 a 1996). Foi Secretário de Cultura do Estado do Acre, por duas vezes. Desenvolve no Paço Imperial Oficinas de Contação de Histórias. É escritor e já publicou alguns livros, todos voltados para a leitura e histórias.

**Maria da Glória Saraiva de Amorim** graduada em Desenho Industrial e Comunicação Visual pela PUC/RIO. Trabalha no Setor Jurídico de Furnas e como autônoma na área de designer.

**Maria Lúcia de Faria Pinho** - pianista carioca, fez seus estudos com a grande musicista paulista – da famosa escola Chiaffarelli-Maria Amélia de Rezende Martins, com quem também se especializou em música de câmara. Durante longo período, foi aluna de Magdalena Tagliaferro, em cujos cursos públicos atuou intensamente. Trouxe para o seu instrumento, sempre obtendo consagradas críticas no Brasil e na Europa, a importância que os maiores compositores sempre dedicaram ao piano dentro do riquíssimo repertório da música de câmara. Cantaram e tocaram com ela alguns de nossos maiores cantores e instrumentalistas e, há mais de trinta anos, mantém um duo modelar com o fagotista Noël Devos. Formou-se professora no curso do College (Madureza) do Colégio Bennett. Ocupou uma coluna semanal no “Jornal do Brasil”, escrevendo crônica com o pseudônimo de Emiel de Faria. É tradutora, sendo dela a tradução pela Nova Fronteira da última obra de Jung: “O homem e seus símbolos . (The man and his symbols). Também traduziu, a pedido da autora, ( Toute la Verité ?)- “Quase Tudo” “Memórias de Magdalena Tagliaferro”.

### Referências bibliográficas:

**Conservatório Brasileiro de Música.** Música na Escola: o uso da voz. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Educação / Conservatório Brasileiro de Música, 2000. Coordenação: Cecília Conde. Fernando Lébeis teve participação no CD

**CAMPOS, Maria Dolores Coni .** Minha Filha Tua Avó Dizia: O Olho Viu, A Boca Piu; História e Histórias de Cada Um; monografia elaborada como parte do Curso de Especialização em Leitura: Teoria e Prática, PUC / RIO. Rio de Janeiro, 1998. (orientação de Fernando Lebeis)

\_\_\_\_\_ Conversas Com As Babás: Histórias de Lena, Elza e Zara. Ilustrações de Ciro Fernandes. Rio de Janeiro: Editora Arco Íris; H. P. Comunicações, 2007.

\_\_\_\_\_ (coordenação) BOI FOGUETE. Núcleo de Arte e Educação / Nuclearte . Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Prefeitura da Cidade de Salvador / Bahia, 1979.

**LÉBEIS, Fernando.** O Menino e a Princesa Pum. Ilustrações de Ciro Fernandes. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2003.

\_\_\_\_\_ Leitura e Culturas Populares. Caderno de Leitura / Programa Nacional de Incentivo à Leitura / PROLER Ano 1 volume I número 0. Fundação Biblioteca Nacional / MINC, Rio de Janeiro, 1994. Coordenação: Eliana Yunes, Francisco Gregório Filho

\_\_\_\_\_ O Folclore sem Folclore na Educação. Fazendo Artes. Funarte / MINC, 1987.

\_\_\_\_\_ Carta a Dolores. Encontros Ontem, Encontros Hoje: Cartas que vão, Cartas que vêm, entre na roda , você também. Dissertação de Mestrado de Maria Dolores Coni Campos. Campo do Cotidiano na Educação. Orientação Edwirges Zaccur. UFF / NITEROI, RJ. 2003.

### 9.3.6. Maria Luiza de Freitas Almeida<sup>45</sup>

Prezada Stella

Peço desculpas por demorar a responder ao questionário, porém estive tão sobrecarregada de trabalhos a entregar que, somente agora, pude sentar e pensar novamente no Proler, embora nunca dele me tenha esquecido. Não tenho mais em mão documentos ou escritos técnicos do Proler ( 92/96) e já não saberia falar de detalhes que poderiam ser de seu interesse, mas vou tentar escrever o que for possível. Tenho hoje muitas memórias dos desdobramentos do Programa e da própria Casa da Leitura que, além de centro de pesquisa e estudos, era um centro de práticas leitoras aberto à comunidade.

O período em que o grupo da Casa da Leitura pensava a teoria e vivenciava a prática, se não me engano, em mais de 200 municípios, naquela época, foi dos mais frutíferos que conheci em termos de articulação de trabalhos com a leitura. Sei que havia muitos trabalhos no Brasil naquele momento histórico, todavia o PROLER tinha exatamente a perspectiva de não ser um plano verticalizado, mas uma ação articuladora de planos, projetos, experiências e interesses que já aconteciam em torno da leitura.

Para mim essa era uma das marcas fundamentais do Programa porque não se pretendia a imposição de um trabalho em uma determinada instituição, mas uma assessoria e articulação de ações regionalizadas de promoção de leitura e, ainda, o Programa se oferecia como parceiro para a formação de recursos humanos e para a busca de recursos financeiros. Os encontros regionalizados aconteciam para viabilizar contatos com representantes das entidades locais, como bibliotecas, escolas, secretarias de educação e cultura, empresas, etc. Depois das discussões iniciais, eram marcados os Encontros de Capacitação de Recursos Humanos, dos quais

---

<sup>45</sup> “Sou uma pessoa que sempre teve uma questão fundamental com a palavra, por isso toda uma formação na perspectiva da palavra escrita, a literatura e, hoje, a palavra contínua, mas oral, na linguagem do psiquismo humano. Com isso vou apurando os olhos e a escuta numa formação que não acaba mais”. Maria Luiza

participavam pessoas de entidades várias, pessoas das comunidades, quem estivesse interessado em promoção de leitura. Esses Encontros eram os Módulos que obedeciam a princípios teóricos e metodológicos. O Proler acreditava numa formação continuada e sistemática, por isso, havia uma ordem nas discussões teóricas para os fundamentos e desdobramentos dos Módulos.

Essa experiência, conforme você pergunta, foi de suma importância para a minha vida profissional, acadêmica e pessoal. Na época, eu estava envolvida com o magistério e pude perceber, com o Proler, que era possível trabalhar com a leitura fora do ambiente escolar. Pude presenciar inúmeros trabalhos em empresas, hospitais, etc., o que foi uma abertura teórica e prática em meu campo de trabalho. Pude aprender muito com as discussões sobre a seqüência teórico-metodológica dos Módulos porque participávamos, todos da equipe eram ouvidos, coordenados por Eliana, e, depois da realização de um Módulo, havia avaliações e acertos nas discussões porque novos parceiros surgiam e novas direções eram criadas. Eu gostava muito de que o Proler estivesse sendo construído à medida que crescia, o que era um incentivo para todos os envolvidos. Foi um belo trabalho de parceria, de trocas na perspectiva da promoção da leitura.

Havia uma idéia básica no trabalho do Proler, a de que o investimento era na formação do leitor, quer nos trabalhos internos de estudo e pesquisa da Casa, quer nas conversas com os parceiros. Com os anos que já se vão, embora soubesse na época, percebo hoje que os envolvidos só poderiam ser pessoas que acreditavam que o leitor pudesse ser formado; não havia uma disposição de “ensinar”, mas do “fazer junto”, cada um com as suas condições de possibilidades. Havia um exercício de conhecimento de teoria e de práticas leitoras e a busca de ampliação de recursos para o apoio a agentes de leitura. Também, conforme você pergunta, a núcleo de resistência do Proler, parece-me hoje, estava na possibilidade (que cada um sentia) de poder criar, estudar, desenvolver, “ver acontecer”, trocar, dividir. Muitas memórias minhas dessa época estão numa das publicações do Proler, Série “Ler e Fazer”, e também em um outro texto que escrevi a pedido da Eliana (está com ela). Neste, parece-me, começo falando dos “porões” da Biblioteca Nacional, onde tudo começou com “cara de Proler”. O Programa tinha várias publicações e acredito que Eliana

tenha exemplares de todas, podendo emprestar para a sua pesquisa. Muitos profissionais de áreas distintas, como artistas, antropólogos, historiadores, bibliotecários, contadores de histórias, professores etc. eram convidados a participar dos Módulos de Capacitação de Recursos humanos, o que ampliava, cada vez mais, os olhares sobre a leitura, possibilitando também que novos materiais fossem confeccionados, enfim, a cada Módulo por esse imenso Brasil, a Rede de promoção de leitura se ampliava e enredava os participantes. Você já deve ter percebido que ainda falo com paixão desse período! Sobre ganhos e perdas a que você se refere, posso dizer que todos os que participaram, de um jeito ou de outro, ganharam algo em suas vidas; quanto às perdas, talvez elas sejam invisíveis a muitos olhos, mas não aos olhos de quem acredita que leitura é um bem de todos e que o respeito aos trabalhos que vêm sendo desenvolvidos é primordial para que se desenvolva em cada um o exercício da cidadania.

Stella, sei que não respondi pergunta a pergunta, mas creio que o geral de minhas lembranças pode trazer a você alguma informação, contudo será sempre um pálido reflexo do foi o Proler 92/96.

Grande abraço e sucesso em sua pesquisa.

Maria Luiza

### **9.3.7. Maria de Lourdes Soares<sup>46</sup>**

#### *Descobertas e Encontros*

A convite da Professora Eliana Yunes, tive oportunidade de participar, como uma das especialistas do Proler, de inúmeras atividades ligadas ao incentivo da leitura (Cursos, Consultorias, Palestras, Mesas-redondas, Oficinas e Círculos de

---

<sup>46</sup> Doutora em Literatura Portuguesa, Professora da Universitária, (UFRJ e UFJF), Escritora, Palestrante e Oficineira do Proler 1992-1996.

Leitura). A ela, como tive ocasião de afirmar no *Memorial* apresentado nas Provas de Seleção para Professor Adjunto da UFRJ, em 1999, sempre serei grata por este *curriculum outro*, que tanto impulsionou o meu *curriculum* de professora de Literatura Portuguesa.

Parte da reflexão sobre essa experiência, em que teoria e prática são inseparáveis, determinando-se mutuamente, encontra-se em *Descobertas e encontros*, livro que constitui parte significativa da minha produção textual e que participa também da memória das publicações do Proler, integrando a Coleção Ler&Fazer, “dedicada à prática de teorizar sobre o vivido”, conforme escreveu a própria Eliana no texto de apresentação. Os livros dessa coleção acompanham-me sempre que ministro cursos ou escrevo textos sobre “o que é ler”.

No momento em que escrevo este depoimento, por exemplo, fazem parte da bagagem que levarei para Portugal, onde proferirei uma aula-palestra sobre Literatura Infantil e aproveitarei a ocasião para falar e ouvir sobre experiências em torno da promoção da leitura.

Não foi tarefa fácil resumir com palavras a intensidade do vivido e a riqueza de tantos encontros. Outra dificuldade foi escolher, entre tantas experiências memoráveis, uma oficina apenas, sabendo que de acordo com o limite de páginas previsto para o referido livro, seria necessário deixar de fora muitos outros acontecimentos não menos significativos. Mas *ler*, de acordo com um de seus sentidos etimológicos, é justamente *escolher*.

### **Dinamizadora de Oficinas – Paixão de Camões**

Das dezenas de oficinas que dinamizei pelo Proler, nos diversos Estados do Brasil, a que desenvolvi em Rondônia marcou-me indelévelmente. **Paixão de Camões** foi o nome que lhe dei, por se tratar de um encontro especialmente ligado ao poeta que mais alto cantou o amor na Literatura Portuguesa.

*Oficina “Leitura e Literatura”. Porto Velho, Dezembro de 1993. Maria das Graças, lente dos óculos quebrada, transpirando alegria por todo o corpo, exultante por estar entre colegas. Entretecendo, a cada texto lido, suas leituras e suas*

*experiências: a viagem de canoa pelos rios da região, até chegar à escolinha onde lecionava; a acolhida festiva das crianças, braços estendidos para recebê-la. No início da oficina, hesitação e adiamento na escolha de um codinome. Em seguida, brilho nos olhos ao ler e ouvir sonetos musicados de Camões. Por fim, puro entusiasmo no anúncio da decisão: codinome – “Paixão de Camões”. E explica: passara anos tentando ler ou ouvir novamente os poemas de Camões que um dia ouvira através do rádio. Em vão: não tinha acesso a bibliotecas ou à aquisição do objeto livro. Nunca mais teve a oportunidade de ouvir a leitura desses textos. Há, porém, desígnios que nos escapam: naquele dia, sem que eu pudesse prever ou imaginar, proporcionara-lhe o tão desejado reencontro com os sonetos cuja sonoridade a seduzira. Maria das Graças professora de Rondônia, paixão no olhar e no codinome. Há encontros. Conhecê-la foi um. (SOARES 1995: 20-1)*

Por sempre levar na minha bagagem de viajante, entre os textos da oficina, alguns sonetos de Camões (musicados por Carlos Gonçalves e cantados por Amália Rodrigues), recebi de uma companheira do Proler (Nanci Nóbrega) um codinome que assumo com muito orgulho: “Alma minha gentil que te partiste”. Aqui presto a minha homenagem à colega Nanci, que comigo compartilhou diversos momentos de extrema beleza, mas também um de muito medo, quando juntas enfrentamos, de mãos dadas, a turbulência de um vôo que nos trazia de Campinas ao Rio.

### **Palestras – Sampa/ Rio/ O outro, às margens do Rio Madeira**

O que não escrevi nesse tão marcante encontro de Rondônia ( o que então não me foi possível dizer porque ainda não se revelara inteiramente para mim), pude dizê-lo mais tarde, nas perguntas a mim feitas por pessoas do auditório, após uma das palestras sobre “Leitura: Discurso, Memória e Aprendizagem”, que realizei pelo Proler em outro lugar do Brasil (muito provavelmente em Passo Fundo).

Invocando o poeta Caetano Veloso (Veloso & Gil, 1993), chamo a esta minha aprendizagem-descoberta **Sampa/ Rio/ O Outro, às margens do Rio Madeira**. Confesso que, de imediato, não amei a cidade de Porto Velho, cidade de que não possuía nenhuma imagem ou referência anterior (“É que quando eu cheguei aqui eu nada entendi”). Na verdade, eu já partira predisposta a não amá-la: avisaram-me do calor abafado, da necessidade de levar para o local das oficinas três mudas de roupa, da imensa dificuldade de fazer render o trabalho na parte da tarde... (“Quando te encarei frente a frente/ Não vi o meu rosto/ Chamei de mau gosto/ O que vi/ de mau

gosto, o mau gosto”). Os responsáveis pela organização do encontro na cidade apanhavam-nos de carro de manhã cedo e só nos traziam de volta à tardinha. Assim que chegava ao hotel, ligava o ar condicionado e isolava-me, pois precisava aproveitar o tempo que restava para preparar a oficina ou a palestra do dia seguinte, modificando o planejamento em função da experiência do dia anterior.

De vez em quando, à noite, olhava da janela do hotel a imensa avenida que atravessa Porto Velho, e perguntava à cidade: onde estão os teus recantos? Como posso correr o risco de me perder em tuas vielas, como já fiz em Lisboa e em Goiás Velho, terra de Cora Coralina? Não houve tempo para andar a pé, sentir o calçamento cheio de barro e olhar de perto e com calma o rosto das pessoas. O Natal se aproximava, as saudades da família aumentavam. Apesar de estar encantada com a afetividade do grupo e satisfeita com o rendimento da oficina, desejei que a semana chegasse logo ao fim. Concluídos os trabalhos, como não havia vôo no sábado, tivemos o dia livre e fomos andar de barco no Madeira. Olhando da amurada a paisagem de planície e as águas barrentas do rio, veio-me água aos olhos. Pensei, com Camões, “se me levam águas, / nos olhos as levo” (Camões, 1980, I, p. 190). Nelly, a Coordenadora do PROLER que nos acompanhava e que já presenciara a oficina **Paixão de Camões**, percebeu que algo se passava comigo, mas não me perturbou com perguntas. O turvo das águas, impossível espelho, revelou-me o **meu** Narciso (“É que Narciso acha feio o que não é espelho/ E a mente apavora / O que não é mesmo velho”), que só queria ver refletida a sua face conhecida: o ondulado das montanhas, a Baía de Guanabara e a imagem da orla marítima do Rio de Janeiro. Ao encontro de mim... a descoberta do outro (“E foste um difícil começo / Afasto o que não conheço/ E quem vem de outro sonho feliz de cidade/ Aprende depressa a chamar-te de realidade”). Neste instante confirmou-se o meu grande amor pelo Rio (cidade que escolhi para viver), mas afirmou-se também a possibilidade/necessidade de abrir-me para a alteridade, para a aceitação da diferença (“Porque és o avesso/ Do avesso do avesso”).

### **Círculos de Leitura – Um concerto afinado**

Uma das práticas leitoras mais desafiadoras e instigantes é, sem dúvida, a dos Círculos de Leitura. O Leitor-guia deve ser capaz de provocar e orquestrar as falas de pessoa de diferentes idades, formação escolar e visões de mundo, despindo-se do rito acadêmico da “interpretação de textos” e da autoridade da voz “professoral”.

O primeiro círculo de que participei como Leitor-guia, em torno do conto “O Grande Passeio”, de Clarice Lispector (Lispector, 1991, p. 36-45), ligava-se ao Projeto Prazer de Ler – Programa Conto a conto/ Ponto por Ponto, e realizou-se no dia 09 de Outubro de 1991, num dos corredores da Fundação Biblioteca Nacional. Nesse prédio, nas salas situadas do subsolo da biblioteca, germinou e ganhou impulso a idéia do que viria a ser a Casa da Leitura. A atividade foi programada para realizar-se no intervalo de almoço. Lembro-me que a expectativa era envolver nas atividades do Projeto os funcionários da própria biblioteca, mas, surpreendentemente, atingimos um público diverso do que previmos: participaram ativamente do Círculo muitos empregados de uma firma contratada para a limpeza, com pouca ou quase nenhuma escolaridade (um deles, inclusive, era provavelmente analfabeto ou tinha sérios problemas de visão, pois segurou o texto de cabeça para baixo, mas, acompanhando atentamente a leitura, teceu várias considerações na hora do debate).

No mês seguinte, novamente aceitei o papel de estimular a troca de idéias e a interação do público com o texto de um determinado autor. Desta vez, se não me falha a memória, o conto escolhido foi “Noite de almirante”, de Machado de Assis (Assis, 1962, p. 193-200). A escolha desse texto impulsionou o tema do Círculo que realizei em 1992, já na segunda Etapa do Projeto Prazer de Ler. Desta vez, o texto selecionado atendeu à solicitação do público que foi se formando aos poucos e que comparecia regularmente aos encontros. Fiz uma montagem, a partir de uma adaptação do estudo de Junito Brandão (Brandão, 1989, p. 287-328), sobre Ulisses e Penélope, pois o debate em torno do conto de Machado de Assis suscitou uma referência ao papel dessas figuras míticas, e o público mostrou-se interessado em ler mais sobre o assunto.

Lembro-me de muitos outros Círculos de Leitura em que o coro polifônico, sem abrir mão das diferentes modulações das vozes presentes, produziu músicas afinadíssimas. Em dois deles, realizados no Salão da Casa da Leitura, no bairro de Laranjeiras, os textos eram de Literatura Portuguesa: os sonetos de Camões e os de Florbela Espanca. O Círculo de Leitura sobre Camões (1995), mesmo sem ser o Dia do Poeta (10 de Junho, Dia de Portugal), prestou a mais justa e simples homenagem que se pode prestar a um poeta: ler seus poemas. Por sua vez, o Círculo sobre os sonetos de Florbela causou-me espanto pelo número de pessoas interessadas, a ponto de não haver mais lugares na sala. Depois de dar voz aos textos, os participantes cantaram “Fascinação”, junto com um grupo de Contadores de Histórias, e trocaram idéias até tarde, muito além do horário previsto para o término da sessão. Quem esteve presente pôde sentir que, tal como Camões, efetivamente Florbela esteve ali.

### **Professor Regente de Sala de Leitura – Janelas do Rio**

Os Cursos e oficinas que desenvolvi como especialista do Proler em Literatura e em Leitura e Memória contribuíram em grande parte para a minha indicação como Professor Regente de Sala de Leitura pela Direção da escola onde eu lecionava ( Escola Municipal Dr. Cícero Penna). Voltava das viagens por várias regiões do Brasil cheia de idéias para pôr em prática. Como Professora responsável pela dinamização da leitura, além das atividades previstas pelo setor de Multimeios, desenvolvi, em parceria com Telma Vargas (excelente professora, entusiasmada pela profissão e a delicadíssima nas relações pessoais com os colegas e os alunos), o Projeto “Janelas do Rio “, que abriu diversas “janelas”, procurando apreender e valorizar, sem perder de vista o aspecto crítico, as múltiplas facetas da nossa cidade. No *atelier* de criação em que se transformou a nossa sala de Leitura, os alunos criaram charges, convites e logotipos, compuseram letras e músicas e ensaiaram pequenas representações teatrais. A partir de uma visita ao Arquivo Geral da Cidade, realizada no ano anterior, graças ao empenho da Telma e de Isabel Paes (outra profissional admirável, do mesmo quilate da Telma, e até hoje uma das minhas melhores amigas), um grupo da terceira série desenvolveu uma pesquisa sobre a

memória da Cidade através de fotografias. O roteiro histórico, lírico e sentimental aproveita esse material pesquisado e incluiu textos de cronistas, poetas e músicos sobre a cidade. Rubem Braga (Ai de ti, Copacabana”), Carlos Drummond de Andrade (“ No restaurante”), Chico Buarque de Holanda ( “Gente Humilde” e “Pivete“), Paula Saldanha( O Praça Quinze), Caetano Veloso (“ Menino do Rio”), Aníbal Machado (“Tati a garota”) e Tom & Vinícius ( “Garota de Ipanema”), entre outros, marcaram presença na janela “Os cantos do Rio”.

O último projeto por mim desenvolvido nessa escola como Regente de Sala de Leitura, como não poderia deixar de ser, promoveu, junto com a festa pelos trinta anos do novo prédio, o registro da memória da escola, através de três momentos fundamentais: o palacete do final do século passado, o prédio atual, inaugurado em 1965.

Aos depoimentos de antigos professores, funcionários e alunos (registro da memória oral) juntamos os arquivos pessoais com fotografias, boletins, provas, planos de aula e recortes de jornais com manchetes sobre a escola. Descobrir a que colega ou professor pertencia aquele antigo retrato de criança fez o sucesso dos murais. Outra atração era acompanhar a evolução do figurino dos uniformes através do tempo. A maior homenagem á escola, no entanto, coube a Ziraldo, mesmo que ele não tivesse consciência disto, O convívio com a “Professora maluquinha”, a mestra que inspirou o seu livro homônimo e tanto contribuiu para o feliz “menino maluquinho” que ele foi/é, conforme o escritor e ilustrador fez questão de registrar, acontecera, de fato, na nossa escola.

A Direção da Escola Cícero Penna sempre incentivou a minha participação em diversos eventos do Proler, a maior parte deles fora do Rio. Algumas vezes, inclusive, Sônia Varella, a Diretora na época, acompanhou-me em palestras sobre Leitura. Esta fundamental compreensão e o prazer pela realização do trabalho com os alunos faziam-me superar o cansaço e as dificuldades, e tornaram bastante difícil para mim deixar esta função, quando chegou a hora de optar pela Dedicção Exclusiva numa Universidade Federal.

## Professora de Literatura – A epifania da leitora ou o convívio estético

Como muita gente, também tive minhas veleidades poéticas e ensaiei a escrita de textos que talvez pudessem ser considerados, por alguns críticos pouco exigentes, como literários. Mas eu sabia perfeitamente que não eram literatura, que o que eu tinha na alma e transpunha para o papel não estava transfigurado esteticamente. Até que aos poucos fui descobrindo qual era o meu lugar em relação à arte: o de quem está em sintonia ao lado do artista, mas do outro lado do atelier, com ouvidos, olhos, pele, com todo o corpo e mente mobilizado para a percepção e a fruição do objeto estético. Contribuiu muito para esta descoberta a leitura de um trecho de Ferreira Gullar, a quem chamei “Epifania do leitor” (não do escritor Ferreira Gullar, mas do leitor José Ribamar Ferreira):

*Eu lia num volume encardido, comprado num sebo, um conto de Hoffmann. O quarto era sombrio mas eu sabia que lá fora a tarde passava espantosamente iluminada. Interrompo a leitura, tomado subitamente de um pensamento doloroso: “Hoffmann escreveu estes contos que vieram parar num sebo do Maranhão e que nada tem a ver com a minha vida”. Olhei de novo aquelas páginas amareladas, cobertas de letras que foram um dia a voz viva de um homem. “Que sentido tem fazer literatura?”(...) Procuo entender o que se passou naquela tarde. Um moço de vinte anos com um livro encardido nas mãos enquanto fora de casa, à sua volta, fremia a vida, dos mangues da baixinha às lojas e bares da Praça Jaó Lisboa. Um moço, já abandonado pela infância, buscando agora nos livros o sentido daquele mundo de sol e água. Mas o livro de Hoffmann não rescendia a sapoti, não me devolvia o cheiro fêmeo das marés. **E, no entanto, nas palavras impressas, nas páginas amarelas do livro, eu adivinhava um fogo de vida que necessitava de mim, leitor, para acender. E era urgente acendê-lo porque, se algum homem lograra guardar a vida em palavras, então escrever ganhava sentido. O ato de ler, assim, funda a verdade da literatura. Porque, de fato, a página é rasa e a palavra não é mais que um rabisco impresso nela. Só a carência de outro homem pode oferecer um corpo onde de novo se faça vida o que o poeta falou** ( Gullar, 1978, p.40-42). (grifos meus)*

Que sentido tem fazer literatura?” Quando leio a perplexidade e o súbito “alumbramento” do leitor José Ribamar, como diria Manuel Bandeira, lembro-me do *fogo*, o quarto elemento primordial disseminado ao longo de *Mensagem*, de Fernando Pessoa (Pessoa, 1977, p.71-89), e do apelo-prece do poeta para que a chama de novo se reacenda. E, então, pergunto-me: que sentido tem para mim ler e ensinar literatura? Qual o meu lugar no processo de criação? Qual o meu papel como

promotora de leitura? Qual o meu lugar no processo de criação? Ser um sopro que avivente a chama: como escreve Maria Gabriela Llansol, me dizendo com Clarice, “um sopro de vida é leitura” (Llansol, 1991, p.112). Oferecer um corpo-a-ler onde de novo se faça vida o que o poeta falou. Ser leitora-amante (*legente*, diria Llansol) de diferentes textos e linguagens da arte, da literatura portuguesa e em especial: este lugar, o modo de estar no mundo que me faz sentir humana, demasiadamente humana, e ao mesmo tempo participando de uma centelha do divino, qualquer que seja o nome que lhe demos.

### **Colaborar, Pertencer - Um certo modo de estar**

A experiência desenvolvida a partir das teorias da leitura e práticas leitoras enriqueceu de forma significativa as minhas atividades de Professora de Literatura Portuguesa, assim como estas, por sua vez, também muito contribuíram para a qualidade daquela. Procurarei expressar essa desejável reciprocidade no artigo para a seção “Quem colabora com o Proler” do jornal *Ao pé da Letra*, que, provavelmente devido à saída dos coordenadores do Proler da época, não chegou a ser publicado.

Viajando através do Brasil, senti-me muitas vezes como os jograis da Idade Média, mas com rodas e asas sob os pés, encurtando as distâncias. Com eles, em cada lugar deixava alguns textos, mas de cada um trazia também um novo acervo que ia disseminando pelos caminhos. Formamos juntos uma imensa rede envolvendo semelhanças e diferenças, textos e afetos. Hoje na bagagem de viajante que carrego comigo, como separar as leituras sobre a memória e as memórias das oficinas?

Em meio às pequenas grandes descobertas dessas andanças, firmaram-se algumas convicções: na linha de Ecléa Bosi em *Memória e Sociedade*, constatamos que toda *memória pessoal é também memória social, familiar e de grupos*; que toda vida é significativa, memorável, digna de ser contada e vivida. Através da arte de intercambiar experiências, as lembranças que constituem o acervo vivo de cada um não se perderão no deserto dos tempos. Percebemos também que, assim como a história do menino poeta Drummond, no poema “Infância”, as histórias que ouvimos e contamos eram muito *mais bonitas que a de Robinson Crusoe*.

Particularmente, a profissional de educação Maria de Lourdes sentiu que a paixão de ensinar, como sempre julgou que o deveria ser, vinha ao encontro da leitora Maria de Lourdes, desejosa de formar leitores. As duas práticas- ensinar literatura e promover a leitura- saíram fortalecidas do encontro.